

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despezas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficência. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondência ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

DIA 16 DE MAIO.

Deuses immortaes, aonde estamos nós? como se governa a nossa republica? em que cidade vivemos? ó tempos, ó costumes! Assim exclamava o maior dos oradores Romanos na sua brilhantissima, tão conhecida oração contra Catilina; e assim tambem exclamamos nós, quando vimos raiar o DIA 16 DE MAIO, decimo terceiro anniversario da gloriosa batalha da Asseiceira, que deu o ultimo golpe na tyrannia de D. Miguel, e produziu a convenção d'Evora Monte, que acabou de libertar Portugal do ferreo jugo desse moderado Nero, o qual durante seis annos deshonorou a Corôa de Affonso Henriques, e fez jorrar torrentes de sangue Portuguez. E aonde, perguntamos nós, aonde está hoje o Heroe desse dia de saudosa recordação? que é feito do General afortunado, desse filho querido da victoria, a cujo denodo a Patria, o Throno, e a Liberdade devem uma grande parte dos mais bellos feitos da sua gloria moderna? aonde repouisa essa cabeça, coroada de loiros, que a crueldade dos triumviros não podem murchar? aonde se acha o homem bom, e generoso, o soldado fiel da RAINHA, e CARTA, o veterano da Liberdade, o vencedor de Coruche, da Ponte da Barca, do Prado, e da Villa da Praia, o conquistador dos Açores, o restaurador de Lisboa, o pacificador de Portugal? que é feito desse companheiro de D. PEDRO, que reproduzio as façanhas dos Alvares Pereiras, dos Albuquerque, dos Pachecos, dos Gamas, dos Castros, e de tantos heroes famosos, em quem poder não teve a morte?

Oh dôr, oh raiva, oh vergonha! Esse homem, nosso orgulho e nossa gloria, jaz ha perto de oito mezes em uma prisão medonha, sem processo, nem sentença; contra a justiça, contra os direitos da humanidade, contra os deveres da gratidão, e em nome da Liberdade, de que se escarnece, que se vilipendia, que se ultraja sem pejo, sem honra, e sem vergonha!

Oh Liberdade, que crimes se commettem em teu nome! dizia a infeliz Madame Roland, quando no caminho para a guilhotina encontrou a estatua dessa escarnecida Liberdade, que os assassinos de França tinham, como por irrisão, feito inaugurar no sitio, aonde o machado revolucionario fazia todos os dias decepar centenaes de cabeças. Bem sabemos nós que a recompensa, que dão as facções, é sempre esta: com ellas a Rocha Tarpeia está proxima ao Capitolio, mas nem por isso o coração se comprime menos de dôr vendo que os Portuenses deixaram esconder o Sol de 16 DE MAIO, e não foram quebrar os ferros, que pésam nos valentes pulsos do Nobre DUQUE DA TERCEIRA. Não houve entre elles uma voz generosa, que dissesse — faz hoje annos, que o Heroe da Asseiceira venceu D. Miguel, e as suas cohortes; vamos á Relação quebrar-lhe algêmas, e á

Lapa dar graças a Deos na presença do magnanimo Coração do maior dos Reis —

Foi assim que Scipião respondeo ás accusações, que lhe faziam seus inimigos « Faz hoje annos, disse elle, que venci Annibal e os Carthaginezes; vamos aos templos dar graças aos Deoses » e os Romanos seguiram aquelle, que os tinha livrado do inimigo mais temivel, que teve Roma: mas Roma ainda nessa epocha tinha virtudes; e a facção immoral, que opprime, e avexa a cidade Eterna não tem seuão crimes: nem podem suppôr-se virtudes em homens, que se ligaram com os carrascos, e ladrões do Limoeiro, e que lançaram no meio da sociedade novecentos malfeitos, que se achavão entregues á justiça. Quando um bando, que se quer arrogar as honras de partido politico, chega a tão profunda abjecção, já lhe não é possivel retrogradar; porque endurecido na maldade, repugnam á sua essencia acções generosas, e sublimes.

Assim o illustre DUQUE DA TERCEIRA veria, atravez das grades dessa mansão do crime, passear altivos os satellites do usurpador, por elle derrotados treze annos antes: e o coração do exconde das Antas não seria agitado pelos remorsos? a côr do pejo não lhe subiria ao rôsto? não se lembraria do que foi, quando combateo nas fileiras da legalidade, e do que é agora á testa das fileiras carrasco-mignelinas?! Fazemos de passagem esta pergunta ao homem cumulado de beneficios pela sua RAINHA, e que lhe pagou, desembainhando a espada para lhe arrancar a Corôa da Cabeça, e deixamos á sua consciencia o cuidado de nos responder, ou de nos vingar...

Por Dios que ande ver esses Señores que acá los embiam si soy io hombre que me assiste de leones!

Assim pimpava o guapo D. Quixote em arre-dadas eras: a seu exemplo blasonam os fanfarrões cavalleiros de *maria da fonte* no anno do Senhor de 1847! Venham Inglezes, Hespanhoes, e venham Russos: tudo havemos de tragar.

Em bravatas, e feras ameaças ninguem excede taes Sendeiros! Vivem de embustes; e com tal descaro se apresentam, que os proprios factos vistos de todos, e tão claros como a luz meridiana elles transtornam, e desfiguram! São deste gosto a batalha de Torres Vedras, em que os heroes foram vencedores, mas derrotados e dispersos, dizia o Xavier em uma proclamação famosa impressa na patria de Minerva; a de Val-passos, em que se cobriram de gloria, fugindo espavorido o Sá Bandeira, e perguntando ao entrar no Porto se já lá chegara o Casal; a de Vianna do Alem-Têjo, em que se enramaram de louros, e o ex-Conde de Mello ia pedir ao Arcebispo de Evora, que intercedesse por elles; a de Setubal, aonde Melpomene lhes inspirou lugubres cantos para honra-

rem as cinzas dos degenerados academicos, e assim distrahiram a attenção dos habitantes da horrosa scena de sangue e morte, que lhes quizeram dar em espectáculo; e finalmente a de Mirandella, em que obtiveram *um triumpho completo* derrotando o Barão de Vinhaes, e obrigando-o a entrar em Hespanha; é assim um *fac simile* da entrada em Hespanha do Casal, e do desarmamento feito á sua tropa!

Et voilà comme on écrit.

A quem pretendem enganar os descarados *sans-culotes*? ás nações estranhas? conhecem-os: aos seus conterraneos? estão enfastiados de mentiras e imposturas. Que exercito de Xerxes é esse que tem estado encurralado dentro dos muros do Porto, e que não aceita o desafio, que ha mezes lhe está fazendo o nobre Duque de Saldanha? Não cahem nessa: não querem expôr a nú as suas miserias: toda a guerra limita-se a mandar emissarios a seus confrades das Provincias, e pedir-lhes que se levantem, façam barulho, interceptem correios, furtem algum vintem que elles levem, que elles por estes oito dias virão. E os oito dias sem chegarem desde Janeiro! Coragem, dizia D. Quixote, não succumbas, Sancho, quando o manteavam!

Não Senhores, os homens não se batem; não se enganem com elles; olhem que são os mesmos que viram impavidos prender, e desarmar a divisão do Valdez. Os nossos phibusteiros são fortes na traição, na perfidia, e desabafam com palavras impressas. Não de vel-os largar as armas, apenas avistem tropas estrangeiras só pelo gostinho de se humilharem a estrangeiros; e para pejarem a sua immunda imprensa com protestos perante as republicas do sul do equador. E depois dos compromissos tractados com d. miguel têm os homens razão em preparar mais esta farça para desculparem a sua covardia.

Nós estamos vingados. Victoriosos aceitamos a mediação de Potencias alliadas. Démos o mais solemne, e publico testemunho da nossa moderação, do quanto temos a peito pôr termo aos males da patria. Aceitamos; e offerecemos o ramo de Oliveira: se fôr regeitado toda a responsabilidade pezará sobre os que querem viver á custa da ruina dos outros; os que se não pejam de haver ateado o facho da discórdia; os que se surriem ao verem a patria dilacerada. Pezem sobre elles todos os males, que a continuação da guerra acarretar sobre este desgraçado paiz.

NOTICIAS.

Pelas noticias recebidas do Porto se sabe, que os rebeldes recusaram obedecer á intimação, que receberam por via do Coronel Wylde, de deporrem as armas. — Se a humanidade nos leva a deplorar esta fatal cegueira, o amor e decisão pela causa que defendemos, faz com que nos gloriemos com ella, porque os Cartistas com a força fysica, que lhe deram as victorias das tropas fieis, e com a força moral, que lhe resulta da justiça da sua causa, do apoio da parte sensata da Nação, e da cooperação das grandes Potencias, alcançaram completo triumpho. — Avante, avante! — Temos chefe — temos soldados — temos recursos — temos alliados marchando em auxilio do Throno, e da ordem.

Sabemos, que alguns dos membros da junta estavam inclinados a obedecer á intimação, levados do acertado desejo de não perderem esse favor; entretanto — os Passistas — ameaçavam assassinar-os — aquelles aguardam a aproximação

das nossas forças auxiliadas pela Hespanholas e Inglezas, para prestarem obediencia sem receio de suas vidas do furor dos — Passistas — estes cavaram sem remedio a sua aniquilação.

Sabemos com *plena certeza*, que o Barão de Vinhaes estava em Constantim tratando com as auctoridades Hespanholas, não só para ellas lhe tomarem conta de 100 prisioneiros de Mirandella, mas de 160 prezos sentenciados, a fim de poder manobrar com maior desembaraço.

As Auctoridades hespanholas lhe tinham offerecido *para entrar, quando lhe conviesse, em qualquer ponto daquelle Reino, e poder voltar para Portugal por onde lhe parecesse, na certeza, de que podia conservar a sua força armada, e da maneira, que melhor lhe conviesse.* — Com este offerecimento respondemos ao Nacional, que se não peja de publicar, que o Barão — *entrou, foi desarmado e internado no Reino vizinho.* Louco! Vivem unicamente de embustes; assaz miseraveis; quando forças Hespanholas vão em breve coadjuvar as tropas leaes!

Lê-se no *Heraldo* de 27 de Abril, que o exercito Hespanhol, que deve cooperar conjunctamente com o nosso, além das forças, que o compõe, e já annunciamos no Boletim antecedente, em breve se lhe aggregarão 10 batalhões ligeiros, formados com as companhias de caçadores pertencentes a varios corpos, os regimentos d'Almansa, Malhorca, Aragão e Asturias, duas brigadas de artilharia, e tres regimentos de cavallaria. — Lê-se no mesmo jornal, que a 23 chegou á praça de Valhadolid um batalhão do regimento de Hespanha para substituir o de Aragão, que marchou a formar parte do exercito — e diz-se, que ia occupar Cidade Rodrigo e Samora. — As companhias de caçadores do regimento de Aragão, e do batalhão de Hespanha, marcharam tambem para a Cidade Rodrigo.

O vapor *Isabel 2.^a*, que se achava em Santander, recebeu ordem do Governo Hespanhol para se dirigir immediatamente ao Tejo, conjunctamente com a corveta *Isabel 2.^a*, a fim de formarem parte das forças, que devem intervir nos nossos assumptos.

Acaba de nos ser remettida do Porto por um amigo a seguinte cópia da carta dirigida pelo Embaixador Inglez ao Antas, e entregue a este pelo Coronel Wylde: —

Legação Britanica em Lisboa. = Lisboa 4 de Maio de 1847.

Sr. Conde. — O Coronel Wylde terá a honra de entregar-vos esta carta. Do seu character particular, como elle tem a vantagem de ser pessoalmente conhecido de vós, não careço fallar: em quanto á sua capacidade publica, só direi que elle é Agente confidencial, e aprovado do Governo de S. M., cujos sentimentos e resoluções elle está auctorizado a manifestar á Junta do Porto. Referindo-vos para mais informação sobre estes pontos ao Coronel Wylde, limitar-me hei a declarar-vos que o Governo de S. M. lamentando as desgraças, que têm sido acarretadas por dissensões civis sobre um Paiz ligado por tantos laços de amizade á Inglaterra, tomou em consideração a possibilidade de terminar por meios pacificos um estado de cousas tão afflictivo para os amigos de Portugal, e tão infinitamente mais doloroso aos mesmos Portuguezes.

Depois de communicações confidenciaes por tanto com os Governos alliados, de França e Hespanha, começou o Governo de S. M. por dirigir-se ao Governo da RAINHA, Vossa benigna RAINHA,

de cujas intenções benevolas e maternas para com os seus Subditos de todas as classes se tem recebido as seguranças mais satisfactorias, e as mais amplas provas. Encarregado destas, será o dever do Coronel Wyld de exigir, respeitoso mas firmemente, da Junta do Porto de desistir de uma resistencia á auctoridade real, que d'hora em diante não teria desculpa, e de volver *imediatamente* á sua sujeição e obediencia á RAINHA. Esta intimação (summons) será, estou convencido, attendida com gostosa alacridade, assim que tiverdes communicado á Junta as inequivocas provas das benignas intenções de S. M. Fidelissima, que serão levadas ao seu conhecimento por um Agente do Governo Britanico. Com esta convicção, e com a repugnancia natural, que sentimos quando nos dirigimos com linguagem ameaçadora a um homem de subida honra e caracter, lemitar-me-hei a dizer que, se desgraçadamente for despresada esta intimação, o Governô de S. M. (qualquer que seja a reluctancia) será compelido a concertar taes medidas ulteriores com os Governos de França e Hespanha, que as circumstancias tornarem inevitaveis.

Sobre este ponto todavia não me alongarei. Antes é o meu desejo de reflectir sobre a perspectiva mais brilhante, que se despreja a Portugal pela sincera reconciliação de toda a Nação Portuguesa á sua legitima, e indulgentissima Soberana. Só me resta observar, que o Coronel Wyld será acompanhado ao Porto pelo Marquez de Hespanha, o qual em consequencia do desejo expressado na missão de S. M. á de S. M. Catholica, terá instrucções de participar na maior latitude da missão confiada ao Commissario Inglez.

Aproveito-me, Sr. Conde, desta oportunidade para offerecer-vos a segurança da minha alta consideração etc. — Exm.^o Sr. Conde das Antas — G. H. Seymour.

Carta do Coronel Wyld ao Conde de Vinhaes.

A bordo do Navio de S. M. Britanica *Poliphemus* 1.^o de Maio de 1847.

Sr. Conde — Cheguei aqui hontem pela manhã, e immediatamente propuz a Sá da Bandeira a suspensão das hostilidades, e que acceitasse a amnistia, o que elle pareceo inclinado a fazer, mas depois de ter consultado os seus officiaes, escreveo-me declarando não acceitar. Depois da sua derrota fez-me saber os seus desejos de acceitar a amnistia (1), o que eu agora tenho a honra de communicar a V. Exc.^a para que, no caso de que a mudança das circumstancias o permita, V. Exc.^a lhes conceda uma suspensão de armas, com o unico fim de evitar maior effusão de sangue, ficando V. Exc.^a na certeza de que da parte delle, Sá da Bandeira, não ha objecção. Eu fiz saber a Sá da Bandeira que me não responsabilava, por que a amnistia que S. M. Fidelissima tão graciosamente havia concedido, o comprehenderea a elle e a toda a gente do seu commando; e por consequencia V. Exc.^a póde ter a certeza, que no caso que queira conceder o armisticio, V. Exc.^a se não compromette a nenhuma outra cousa mais do que a uma suspensão de hostilidades até receber as ordens de S. Magestade. Tenho a honra de ser — De V. Exc.^a, etc. — Wilde.

Resposta do Conde de Vinhaes.

Acampamento no Vizo 1.^o de Maio de 1847.

Illm.^o e Excm.^o Sr. — Acabo de receber a Carta, que V. Exc.^a se servio dirigir-me datada de

hoje, e pelo seu conteúdo observei, que Sá Nogueira, commandante das forças estacionadas em Setubal, pelas occorrencias que acabam de ter lugar, annue hoje ao que hontem se negava: nestes termos, e em conformidade das ordens de S. M. a RAINHA, eu suspendo todas as hostilidades até receber as ulteriores determinações do Governô da Mesma Augusta Senhora, conservando-me nas mesmas posições, e exigindo que da parte contraria se observe exactamente o mesmo, sem que reciprocamente augmentem os meios de defesa, nem hajam movimentos nas forças de mar, e terra.

Tenho a honra de ser de V. Exc.^a, etc. — Conde de Vinhaes.

Está conforme. — Acampamento no Vizo 1.^o de Maio de 1847. — José Chelmink, Capitão de Engenheiros; servindo de Quartel Mestre General.

Se depois da participação official do Illustre Conde de Vinhaes, — das noticias transmittidas de Lisboa por pessoas mui serias, — das que nós mesmo havemos dado, comprovadas por documentos maiores de toda a excepção, que tivemos á mão, — se finalmente depois das cartas do honrado cavalheiro Wyld ao Illustre Conde de Vinhaes, e ao Exm.^o Marechal Saldanha, transcriptas nesta folha, restasse ainda alguma dúvida á cerca da victoria alcançada pelas tropas fieis sobre as forças rebeldes, estacionadas em Setubal, a seguinte carta do ex-Conde de Mello, publicada no Supplemento ao n.^o 44 do *Espectro*, acabaria de nos convencer da derrota, que os rebeldes sofreram em Setubal: —

— Neste momento cessou o fogo, tendo-nos engajado esta manhã pelo motivo e maneira seguinte. O general julgou não dever tolerar por mais tempo que o inimigo abusasse da condescendencia em não o atacar, augmentando os seus meios d'ataque, já pelo augmento d'homens, já pelo da artilharia, que como ali saberá para aqui foi dirigida. Trabalhava elle na construcção d'um reducto, que nos havia de encommostrar muito no Forte Velho, e punha em risco a villa e vapores. Era preciso destruir aquellas obras, e mostrar que os não temiamos (!!!). Os commissarios Inglezes tinham proposto uma suspensão de hostilidades, até que a junta do Porto decidisse sobre a acceitação ou repulsa das celebres condições; e nós lhe respondemos que para tudo se deviam dirigir á junta e ao general Conde das Antas, porque nós não podiamos acceitar cousa, que não fosse commum a todas as forças. Hoje era de crer que o inimigo começasse a fazer jogar a sua artilharia, cumpria pois prevenir isto, e colher todas as vantagens, que o movimento, que iamos fazer, nos podesse proporcionar. O General havia feito por seus officiaes estudar o terreno, e ordenára tudo para uma sortida esta manhã com o fim principal de destruir o reducto, e de colhermos, como já disse, as mais vantagens, que tal occupação podesse produzir. As forças destinadas a tomar o reducto, e a atacarem a forte posição da direita do inimigo, fizeram-no galhardamente; e em breves momentos as alturas todas eram nossas, jogando dellas sobre o inimigo a nossa artilharia; porém o 5.^o de caçadores e fusileiros, que faziam o ataque sobre a direita do inimigo, vendo distante a nossa cavallaria, e ainda uma vez enganados, apezar de todas as nossas previas advertencias, julgaram que os muitos soldados da municipal, que para elles

(1) Aliás armisticio.

corriam, se vinham apresentar, e depois tomados d'improviso por a cavallaria inimiga, em quanto os municipaes os abraçavam, tiveram que debandar, o que fizeram com alguma desordem. Os officiaes bem gritavam aos suppostos apresentados, que deitassem as armas no chão, mas os recrutas só pensavam em abrir os braços aos fingidos amigos (1). Assim se perdeu a posição, que tão bem fôra tomada, a perda desta trouxe a do reducto, mas como o principal fim estava alcançado, que era a demolição do reducto (2), o general julgou a proposito recolher á villa, vindo occupar as posições, que antes tinha (3). Não sei se este panico do 5.º foi a causa de não colhermos um completo triumpho (!!!); o que é certo é que nós não fomos compelidos a voltar para a villa, viemos porque quizemos (4). Temos bastantes apresentados (!!!), varios officiaes feridos, entre elles creio que gravemente F. Mousinho, menos gravemente J. Guedes, commandante do Batalhão de Coimbra. Os mais foram no levemente, assim como muitos academicos, que se offereceram para ir á sortida. Não creio que houvesse morto na classe dos officiaes senão o bravo e excellente official Antonio Joaquim Pancada, de cavallaria, mas que pouco tempo gosou da sua victoria o seu matador, porque Galamba, que vio tudo isto, correo sobre o official, que era Manoel de Oliveira Castello Branco, e com dois golpes de espada o deitou morto ao lado do Pancada, que deixou uma viuva e dois lindos filhinhos. Havia quatro horas, que durava o fogo, quando o Coronel Wylde mandou pedir vocalmente ao Visconde de Sá que se elle mandasse cessar o fogo se comprometia a fazer com que do lado opposto se fizesse o mesmo (5). O general respondeo, dizen-

(1) Forte ataque de ternura tinham os taes chamados do 5.º de caçadores!

(2) Perdoe o Sr. L. de Mello, — que isto não é exacto. O Diario do Governo, que mais que ninguem está informado, diz a este respeito no n.º de 13 do corrente = *nem o mais pequeno estrago fizeram nas nossas obras* =; e o Conde de Vinhaes no officio, publicado no Boletim n.º 53, diz = *Ao mesmo tempo que este ataque tinha logar, outra brigada dos rebeldes, sahindo do Forte Velho com o intuito de destruir a bateria, que haviamos começado a construir em frente do dito Forte, atacava e invadia esta posição; porém com a maior celeridade foi repellida e desalojada da dita posição pela segunda brigada. Esta posição estava sujeita aos fogos do Forte Velho, e ao dos vapores fundeados na bahia, e por isso eu ordenei que a bateria d'artilharia da divisão a occupasse tambem, e aos bem dirigidos tiros, que fez a dita bateria, se deve a diminuição de fogo do mencionado Forte, e a retirada para elle do resto das forças dos rebeldes.*

(3) Com effeito não podia disfarçar com mais sin-geliza a sua derrota! — *perder as posições — retirar em debandada — ser tomado ou carregado pela cavallaria inimiga, chama-se, em linguagem portugueza — perder a acção, ficar derrotado.* — Dizia no tempo dos Francezes o commandante d'um regimento de milicias, que na Guarda tinha sido desbaratado por tropas Francezas = *fiquei derrotado mas não vencido!* — O mesmo se pôde applicar ao ex-Conde de Mello!!

(4) Acaba de confessar que retiraram em debandada, e que a nossa cavallaria os carregára; e diz que não foram compellidos a voltar para a Villa!! Quando foi de Val-Passos, tambem disseram o mesmo: ninguem ignora, que a columna do commando dos Condes do Casal e de Vinhaes derrotou completamente em Val-Passos em 16 de Novembro a divisão de Sá Nogueira, cujos restos entraram no Porto aos magotes; e todavia o general disse — *vencemos, e voltámos quando quizemos!!!*

(5) O Sr. L. de Mello mente, sabendo que mente. A carta do Coronel Wylde ao Conde de Vinhaes, e o P. S.

do o motivo porque sahira, e o fim que tivera, como já fica dito acima, e o fogo cessou por nossa parte, e logo da delles (6). Aqui ficaremos pois, até que se conheça qual é a decisão da junta, sem convenção por escripto, mas com a segurança dada pelo Wylde (7), de que Vinhaes nada ajuntará ao que tem feito, ou nós desfizemos (!!!), na certeza de que nós tornaremos a atacar, se Vinhaes do seu lado fizer a menor alteração no seu campo, que nos possa ser hostil (8). O reparo do obuz quebrou-se-nos ao primeiro tiro (9). O Visconde não pôde escrever hoje, e por isso eu o faço, tendo elle lido e combinado no que deixo dito. — Setubal 1.º de Maio de 1847. — Marquez de Mello.

Publicamos o seguinte Edital para conhecimento dos interessados.

O Doutor Antonio Ribeiro de Liz Teixeira, The-soureiro Mór da Sé de Coimbra, Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Lente Cathedratice da Faculdade de Direito, Vice-Reitor da Universidade, etc.

Faço saber: que se acha vago, por fallecimento do ultimo provido, o logar de Cirurgião do Hospital da Universidade, com o ordenado de 200 \$000 reis annuaes, além de mesa e cama no mesmo Estabelecimento. Os concorrentes a este emprego appresentarão na Secretaria da Universidade, no praso de sessenta dias, contados desde hoje, os seus requerimentos documentados com as Cartas d'habilitação cirurgica, e attestados de bons costumes e regular comportamento civil, passados pelos respectivos Parochos e Administradores dos Concellhos; concluindo por satisfazerem ao exame respectivo nos dias que lhes forem determinados, a fim de ser provido o mais digno dos concorrentes.

E para que chegue á noticia de todos os que se acharem capazes do mesmo exame, e com as mais qualidades referidas, mandei affixar o presente. Coimbra em 17 de Maio de 1847. — Eu Vicente José de Vasconcellos e Silva, Secretario, o subscrevi. — Antonio Ribeiro de Liz Teixeira, Vice-Reitor.

da que aquelle escreveo ao Excm.º Marechal Saldanha, transcriptas ambas nesta folha, desmentem-no, dizendo que Sá Nogueira depois da sua derrota pedira o armisticio, que antes tinha recusado.

(6) Nisto tem razão o Sr. L. de Mello: o fogo dos vencedores acaba sempre depois do dos vencidos.

(7) Forte mania de mentir! A carta de Sá Nogueira ao Embaixador Inglez, transcripta nesta folha, tambem o desmente, fallando de clausulas por escripto.

(8) Estamos certos de que o Conde de Vinhaes folgaria, que os inimigos rompessem o armisticio; porque então já a estes não valeria a bandeirinha branca, que no 1.º de Maio os salvou.

(9) Este obuz, que se figura quebrado, é uma das peças d'artilharia, que os rebeldes deixaram em nosso poder.

ANNUNCIOS.



Joaquim Jorge Pinto, Tabellião de Notas nesta cidade de Coimbra, tem a honra de por esta fórma fazer sciente aos seus amigos, e mais pessoas em geral, que desejarem obsequial-o, que tem estabelecido o Escriptorio na rua da Calçada da dita cidade, n.º 141, 1.º andar.

COIMBRA: Na Impr. da Univ. 1847.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

Quinta Divisão Militar.

Illm.º e Exm.º Sr. — Tendo-me constado que uma força rebelde, maior de 300 homens, commandada por Julio do Carvalho, entrara em Mirandella com o fim premeditado de dirigir-se a Bragança e insurreccionar a Provincia, tomei a deliberação de deixar Chaves no dia 28 do passado para ir ao seu encontro.

Chegando pois a Mirandella duas horas depois de ter sido evacuada pelo inimigo, e informado da direcção que levava, resolvi perseguil-o, e sendo encontrado no povo de Succães, a minha tropa o poz em completa debandada, fazendo-lhe mais de vinte mortos e quatro prisioneiros. Em Val Passos terminou com a noite esta perseguição, e a desordem foi tal entre o inimigo, que o seu chefe apenas entrou em Chaves com cincoenta homens; se não fosse a noite, e a fadiga dos meus soldados, posso asseverar a V. Ex.ª que daquella força não restariam seis homens reunidos.

Tendo vindo ainda essa noite ficar a Rio-torto, entrei em Mirandella ás onze horas da manhã do dia 1.º do corrente, e mal a tropa tinha ido a quartéis, fui informado de que uma consideravel força inimiga estava próxima a entrar na Villa. Eu tinha piquetes sobre as duas estradas que conduzem a Chaves, e a Villa Real, únicas no meu entender que eu deveria acautelar; mas por prevenção fui immediatamente reunir a gente que pude, porém tendo-se aproximado o inimigo por um caminho que sóbe pela margem direita do rio, e na retaguarda dos meus piquetes, elle acobertou com tal força, que foi inutil a resistencia que lhe offereci, e então teve a minha tropa de abandonar Mirandella; vindo formar-se a curtissima distancia, debaixo de um mortifero fogo. Apenas conseguida a sua fortaleza, o que foi obra de um momento, ordenei que a Villa fosse reoccupada, e a minha ordem foi tão pontualmente cumprida, que os Batalhões de Viseu, e o 5.º da denominada Legião, fortes de mil e cem homens, e vinte cavallos, tudo commandado pelo Rebocho, Brigadeiro miguelista, tiveram de retirar em vergonhosa fuga, deixando em meu poder noventa e dois prisioneiros, incluso um Official, mais de sessenta mortos, e oitenta armamentos. A força com que carreguei não passava de cento e cincoenta infantes, e quarenta cavallos. Consta-me que o inimigo ainda hoje se occupa na reunião da sua gente, permanecendo no Franco, ou suas immedições, sem se atrever a voltar a Mirandella.

Sobrecarregado pois com o peso dos prisioneiros, cuja guarda absorve grande parte da minha força de infantaria, julguei prudente vir até esta Cidade, resolvido a fazer conduzir para a Beira, pelos Nacionaes e Guardas Fiscaes, este fardo pesadissimo, a fim de poder operar livremente, segundo as instrucções de V. Ex.ª Tendo pois fallado das vantagens obtidas nas duas referidas acções, resta-me dar conta dos prejuizos que tivemos. — Temos a lamentar a morte do Capitão do Regimento de Cavallaria N.º 7, João de Oliveira, que se portou como um bravo, e a de um Cabo, um Anspçada, e um soldado do mesmo Regimento, que se bateram com igual valor; e foi levemente ferido o Alferes do mesmo Corpo, Manoel Antonio Fernandes, e gravemente um Cabo de Cavallaria N.º 6, e outro de Infantaria N.º 13; perdemos igualmente um cavallo do Re-

gimento N.º 6, e tres do N.º 7. Extraviaram-se varias praças, algumas das quaes já reuniram, esperando que o mesmo aconteça ao resto.

A valentia com que se conduzio a maxima parte da força do meu commando, especialmente a cavallaria, é digna dos maiores elogios, e eu faltaria á justiça, se não fizesse expressa menção do Tenente Coronel do 6.º de Cavallaria, Leónel Joaquim Machado Carmoza; do Chefe do Estado Maior desta Divisão, o Tenente Coronel, José Joaquim de Queiroga; do Coronel aggregado ao Batalhão Nacional de Chaves, que trago ás minhas ordens, Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento; do Major Antotio José Antunes Guerreiro, com igual exercicio, pelo valor e denodo com que carregaram o inimigo á frente da Cavallaria; e finalmente do Tenente Coronel Perdigão, Commandante do Batalhão dos Guardas Fiscaes; e do Major de Infantaria n.º 13, Joaquim Antonio de Abreu Castello Branco, pela coragem com que se apresentaram á frente dos soldados, contribuindo effezivamente para o complemento da gloria, obtida com especialidade na ultima das referidas acções; esperando eu que V. Ex.ª se ha de dignar levar seus nomes á presença de Sua Magestade a RAINHA.

O Juiz de Direito da Comarca de Chaves, Francisco José Vanini de Castro, que me acompanhou na primeira destas acções, é igualmente digno dos maiores elogios.

Deos guarde a V. Ex.ª Bragança, e Quartel General, aos 3 de Maio de 1847. — Illm.º e Exm.º Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, — Barão de Vinhaes, Coronel.

Governo Civil de Coimbra — 2.ª Repartição — N.º 1182. — Illm.º Sr. — Constando extra-officialmente nesta Repartição, que na tarde de hontem 17 do corrente, aconteceram nas ruas da Sofia e Calçada, desta Cidade, dous casos d'espantamento, a que deram logar rixas particulares, cujo desafogo, sempre mal cabido, não pôde tolerar-se, nem deve ficar impune em circumstancias, que podem animar pessoas menos reflectidas a abusarem, por bons ou maos motivos, da força com que os protege a situação excepcional em que nos achamos; cumpre que V. S.ª ultimando sem a minima demora os autos da investigação, que deve ter começado sobre os factos a que me refiro, os remetta sem perda de tempo ao Delegado do Procurador Regio na Comarca, a fim de serem processados e punidos com a Lei os individuos, que se mostrarem implicados nos crimes de que se tracta.

Deos guarde a V. S.ª Coimbra 18 de Maio de 1847. — O Governador Civil interino, Barão de Almofalla. — Illm.º Sr. Administrador do Concelho de Coimbra.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Lemos o numero 108 da Estrella de 14 de Maio, e não pudemos resistir ao desejo de analisar algumas frases della, e mesmo de discutir a

pessoa do redactor, do que pedimos, e esperamos desculpa: a linguagem e actos publicos do sr. Seabra nos authorisam, e de mais-ninguem nos levará a mal o fazer uso da pena de Talião.

Fallando da proclamação de Sua Majestade a RAINHA, e da tentada intervenção, diz a Estrella que os Cartistas « são uns miseraveis, sem brios, sem pundonor, sem vergonha, sem capricho, sem qualidades, que os enobreção. » É necessario levar a impudencia ao seu requinte, é necessario frequentar com proveito a eschola da praça da Ribeira, é em fim necessario ter a cara da mesma cor, que tinha o caldeirão dos frades de Alcobaca, para ter tambem o despejo de empregar taes epithetos contra um partido, que defende a Corôa da Filha do Grande Pedro, e que conta no seu gremio os Senhores Duque da Terceira, Duque de Saldanha, muitos Generaes illustres, e milhares de pessoas distinctas por seu nascimento, meritos e serviços prestados á Patria.

Os Cartistas são homens sem brios, e sem vergonha! . . . e quem diz isto? . . . quem? o gatuão, que depois da restauração de Lisboa, pillou as trempes, ferros velhos, e o proprio Caldeirão de Alcobaca; o miguelista, que em 1828 aclamou rei absoluto a D. Miguel na Villa de Monte-Mór o Velho; o miseravel, que em 1836 servio de moço de recados, para auxiliar a restauração da Carta pura; o homem, que não fugio do meio da sociedade portugueza, quando uma alta Personagem o nomeou em pleno parlamento — o sr. deputado por Alcobaca — em fim o protector, e collega dos ladrões e carrascos, que se atreveo a estampar no seu jornal « que os facinorosos do Limoeiro não tinham a menor criminalidade!!! »

Diz mais a Estrella, que os Cartistas pedem aos carrasco-miguelinos misericordia, e que os não esmaguem. E quem ha de esmagar os Cartistas? Será o Xavier com a espada de Tagarro? Será o Sá Nogueira com as victorias, que alcançou em Val Passos, e Setubal? Será o Povoas, ou o novo Mulei-Maluco commandando as legiões de dentro de uma liteira?

A Estrella, fallando da mudança ministerial de 6 de Outubro, a que chama emboscada, diz que a Soberana não podia, não devia, e não havia de manter a Carta, e os direitos, que ella lhe confere; e depois exclama extatico, arrebatado, e muito contente de si « Não nos enganamos na profecia » eis aqui o Habacuc portuguez profetizando a ruina de Judéa! Espere o sr. redactor, que por ora ainda não terminou a peça, confiamos no Deus dos profetas, e estamos convencidos de que o desenredo não se fará esperar muito: mas visto que o sr. redactor se nomêa já homem inspirado, sem dúvida amarâ ouvir o que disse o seu antecessor Isaias, que tambem era profeta, e que, parece, retratou fielmente o ministro do reino da junta carrasco-miguelina nas seguintes palavras « Stultus fatua loquetur, et cor ejus faciet iniquitatem, ut perficiat simulationem » quer dizer « O estúpido dirá parvoices, e seu coração se entregará á preversidade, para concluir a simulação. »

Dizemos pois a estulticia da Estrella lhe faz escrever parvoices, e commetter maldades para enganar os homens simples e incautos: porque é parvoice chamar emboscada á mudança de ministros, que a RAINHA pôde fazer pela Carta Constitucional. Emboscada foi o motim temeroso da noite de 9 de Outubro. Emboscada foram os insultos immerecidos, feitos aos Senhores Duque da Terceira, Conde de Santa Maria, e Visconde de

Campanhã. Emboscada foi o assassinato do creado do Heroe da Villa da Praia, de Coruche, e Asseiceira. Emboscada foi o espancamento dos Socios da Assembléa Portuense. Emboscada foi a morte, ás facadas, de um Cartista no largo da Batalha. Emboscada em fim foi a liga, que o redactor da Estrella, e seus amigos fizeram com os ladrões, matadores, e carrascos do Limoeiro na tarde de 29 de Abril de 1847.

O estúpido dirá parvoices, stultus fatua loquetur; e por isso a Estrella se contradiz sem pèjo, nem consciencia. Diz o redactor « O Castello de Lisboa não foi tomado, porque alguns dos insurgentes (dos prezos, por que ainda ninguem soube, que a 29 de Abril houvesse em Lisboa outros insurgentes) dando tiros antes de chegarem ás portas fizeram advertir a guarda, que as fechou; » e vinte linhas mais abaixo diz « Os prezos vinham inermes! . . . » Ora se os prezos vinham inermes, como é que davam tiros? Não entendemos bem como os prezos podêram dar tiros sem terem espingarda, bacamarte, arcabuz, ou outra cousa semelhante.

Nem venha o redactor da Estrella com a muito fina distincção metalisica dizendo, que em Lisboa houve — insurreição — e soltura de prezos: — o que em Lisboa houve foi o seguinte: — os prezos não politicos, e parte dos politicos podêram sair do Limoeiro a 29 de Abril, e quizeram repetir na Capital as scenas, que se praticaram no Porto na noite de 9 de Outubro. Dissemos parte dos prezos politicos, porque alguns delles não quizeram colligar-se com os malvados, e sair á rua de braço dado com elles; porque em fim ainda ha quem tenha pèjo, e vergonha, honra e decencia: dizemos isto em abono de nossos inimigos politicos, porque temos o valor necessario para sacrificar no altar da verdade as paixões do partido.

O estúpido dirá parvoices, stultus parva loquetur. Na mesma Estrella de 14 diz o Sá Nogueira, que no ataque de Setubal o batalhão Academico de Coimbra fôra na frente; e o redactor diz que no dia 13 de Maio honvera no Porto uma parada, em que esteve o batalhão Academico de Coimbra; ora não tendo voltado de Setubal para o Porto essa mocidade estudiosa e belligerante, segue-se que o batalhão Academico de Coimbra é como Santo Antonio, o qual estava em Padua e em Lisboa ao mesmo tempo.

Na verdade fazer um batalhão serviço bellico em Setubal, e paradas no Porto, e isto no mesmo dia, a não ser milagre, é parvoice; nós estamos pela segunda parte, e repetimos com o profeta — Stultus fatua loquetur — o Estúpido diz parvoices. —

Os assumptos de Portugal, e o interesse que as nações mais ligadas ao nosso paiz tem tomado em os terminar, dão hoje materia a discussões animadas da imprensa estrangeira. A questão portugueza — tão atrozmente desfigurada pela deslealdade e pela hypocrisia — chegou a ser entendida: a verdade dos factos, e a successão dos acontecimentos pozeram em toda a luz — que o Throno da RAINHA, e as suas prerogativas consignadas na Lei fundamental do Estado, tinham sido atacadas pelo espirito de anarchia — que se poz em campo para lh'as disputar, accendendo neste bello paiz o facho da guerra civil.

Mas não só na imprensa estrangeira se discutem os nossos assumptos, elles fizeram tambem objecto dos escrúpulos de M. Borthwick no Parlamento inglez, em sessão de 3 do corrente.

Pelo extracto publicado na Folha de Sabbado veriam os nossos leitores, que o mencionado Membro da Camara dos Communs, inculcando não comprehendêr a

natureza dos acontecimentos de Portugal, julgou conveniente fixar o direito publico a seguir.

Para isso dirigio duas perguntas ao Ministro dos Negocios Estrangeiros: Primeira, se a interferencia das nações nos negocios de Portugal era como consequencia das forças do tractado da quadrupla alliança, no que não concordava; Segunda, e no caso de ser tambem esta a opinião do Governo — de que natureza era, e que extenção tinha a interferencia, que o enviado inglez na Córte de Lisboa estava auctorizado a empregar na questão portugueza.

A resposta do nobre Ministro, Lord Palmerston, calculada pelas conveniencias diplomaticas, poz não obstante em plena luz, que uma questão de soberania não é menos importante que uma questão de successão.

As nações não podem ver indifferentemente atacado por facções o direito que tem reconhecido em um imperante, e o livre exercicio que elle faça das attribuições que lhe são conferidas por lei.

O Governo inglez tomou a peito o estado do nosso paiz, e pelo Ministerio declarou os seus ardentes desejos de ser instrumento da pacificação d'elle, interferindo em a nossa questão da maneira mais imparcial; como na mesma sessão declarou o nobre Marquez de Londsdowne.

Não podiam ser outros os sentimentos da nossa mais antiga allida; nem outra a linha de conducta do seu Governo, senão a da mais estricta imparcialidade. Os principios de justiça e de direito devem ser os que unicamente dirijam as nações ao empenharem os seus esforços a favor de um paiz estranho. Sómente a causa da legalidade pôde contar com os seus officios, e jámais os interesses de uma facção.

Esperamos que os esforços que o Governo inglez protestou empregar, para destruir as difficuldades que existem em Portugal, serão um auxiliar poderoso, para pôr um termo ainda mais prompto aos males que estamos soffrendo, e que chamam sobre nós a attenção da Europa.

Cumpramos observar, pela confrontação das datas, que o nobre Ministro dos negocios estrangeiros, perguntado por M. Bortwich em 3 do corrente, não podia seguramente responder de outra fórma á interpelação; porque a esse tempo ainda não tinham chegado a Londres as noticias dos acontecimentos de Portugal dos ultimos dias do mez de Abril, e primeiros do corrente mez.

Em relação mesmo á sua resposta á primeira parte da pergunta que lhe foi dirigida, aquelle alto funcionario não se animaria a estabelecer que a questão portugueza não é de successão, se soubesse que todos os dias crescem provas do contrario. As correspondencias interceptadas entre as pessoas, mais importantes da revolta — e as que estão á frente das forças da rebelião — invocando para tudo a authoridade do *Rei* e do seu representante; as aclamações feitas sem robuço em diferentes concelhos de Trás-os-Montes, e até em *Lama d'Arcos*, povoação mixta na raia de Hespanha, agredida pelo meio dia de 30 do mez ultimo por 100 guerrilheiros de pé e 15 cavallos aclamando D. Miguel, e obrigando algumas mulheres a dar-lhe vivas, fazendo fogo sobre as tropas hespanholas; o levantamento de tropas em que se não busca outro precedente mais que o de ter servido com armas ou por algum outro meio a usurpação; a crença politica da maxima parte daquelles a quem se tem entregado o commando de forças; e finalmente muitos outros factos, que provam cada dia mais e mais o plano ante-dynastico, devem hoje ter convencido o nobre Ministro da inexactidão do seu juizo a tal respeito.

Temos profunda convicção de que hoje elle daria outra resposta a M. Bortwich na primeira parte da sua pergunta; assim como temos para nós, que pelo que toca á segunda — sobre a natureza e extenção da interferencia para que está auctorizado o representante britannico nesta córte — o Gabinete de Inglaterra seria hoje muito mais explicito: como esperamos que o será dentro em pouco.

(Diario).

NOTICIAS.

As cartas do Porto do dia 17 annunciam uma nova e inaudita brutalidade praticada pelo presidente da junta facciosa! — Xavier em vez de ir ao Templo render graças pela gloriosa acção, que firmou o Throno Constitucional da sua benigna SOBERANA, arrastou á frente de seus figadaes inimigos — os miguelistas — tres leaes defensores da liberdade, que se achavam pela sua fidelidade presos nas cadeas da Relação, e ali lhes fez arrancar as insignias, e rasgar os uniformes!! — Xavier devia aos miguelistas uma satisfação — aproveitou o dia; pelas 10 horas da manhã do dia 16 — no alto da Bandeira — á frente das tropas miguelistas; Xavier solemnizou o anniversario da acção da Asseiceira *desauctorando* um capitão e dois alferes do Exercito Portuguez! — Um tambor lhes arrancou as insignias — um outro lhes rasgou os uniformes — as musicas tocavam a *maria da fonte*, e os miguelistas riam e escarneciam! — Este procedimento é tão irritante, que nem carecêra de commentario — abi o entregamos ao pundonor militar — ao brio e lealdade de nossos camaradas; possa elle fazer gritar ainda mais alto — vingança contra os que, no momento de se lhes offerecer o ramo d'Oliveira, assim ultrajam, e insultam infelizes prisioneiros á frente de inimigos da Liberdade, da RAINHA e da Carta!

Temos prisioneiros, e entre elles bastantes officiaes, que calcaram aos pés seus deveres de lealdade — que se revoltaram contra a SOBERANA — que morderam a mão generosa, que os tinha accumulado de beneficios, e entretanto aonde se tem praticado actos semelhantes?! — Os prisioneiros são tractados com a maior moderação; — em vez de *masmorras e enxovias*, — como essas do Porto, em que se acham lançados, d'envolta com os faccinoras, militares crivados de honrosas cicatrizes, proprietarios respeitaveis, e acreditados negociantes —, tem quartos decentes — e muitos até se acham fóra das cadeas habitando em casas!

Pelas noticias officiaes recebidas de Castello Branco se sabe, que o Batalhão Nacional ultimamente organizado nessa Cidade já se achava fazendo serviço, e animado do melhor espirito. Quarenta praças desse corpo com 200 de tropa de linha formavam a columna volante do Capitão Liz de Cavallaria 8, a qual percorria o Districto conforme as instrucções recebidas. O Excm^o Governador Civil desse Districto expressa-se da maneira a mais lisongeira ácerca do estado, em que se acham esses povos, apesar de terem por cinco mezes soffrido o dominio anarchico dos facciosos.

Vimos cartas do Porto escriptas por pessoas fidedignas, as quaes annunciam continuar a deserção não só dos soldados novos, como dos que os rebeldes tinham aprisionado em diferentes surpresas, os quaes todos tem passado para as tropas fieis, dando com este honroso procedimento novo testemunho de sua dedicação, e lealdade.

Escrevem de Lamego dizendo, que a Divisão do Conde do Casal festejára com vivas demonstrações de alegria a noticia de não ter a junta do Porto accettato a amnistia, que a RAINHA generosamente lhes deo.

O Conde do Casal estava nessa Cidade, tendo destacado alguma força para Castro-Daire.

Dizem de Viseu, que esse Districto se conservava em socego, tendo sido completamente inutilisados os esforços dos anarchistas para o sublevar pelas activas, e acertadissimas providencias do seu diguissimo Governador Civil o Sr. Lopes Branco.

Vimos uma carta de Lisboa escripta a 17, e por pessoa de crédito, na qual se diz, que no dia antecedente tinham passado para o outro lado do Tejo quatro peças de bater, e alguma tropa de linha, em reforço da Divisão do Conde de Vinhaes.

O Capitão — Freire — Officiou de Penella em data de hontem dando parte, que os bandidos, que ousaram entrar nessa Villa, e n'ella commetteram roubos e outras violencias, se tinham precipitadamente retirado, e segundo parece sobre Figueiró dos Vinhos, logo que lhes constou da sua aproximação. O Capitão — Freire — continuava sua perseguição, e da bravura deste distincto militar confiamos, que caro pagarão a ousadia de descerem dos escondrijos da Serra, que os tem acotado. Esses bandidos são os restos das guerrilhas de Favião, e Certã, commandados pelo Figueiredo e um Hespanhol!

A columna, que annunciámos sahida desta Cidade em direcção ao Exercito em operações, chegou a 17 a Oliveira d'Azemeis, aonde foi recebida entre demonstrações de praser. Os commandantes, e musicas dos corpos, a que iam destinados os differentes contingentes dessa columna, vieram a uma legoa de distancia esperal-a. Sua Exc.^a o Nobre Marechal Duque de Saldanha dignou-se passar-lhe revista; e consta-nos, que muito lisongeadado ficára de ver a disciplina, accio, e firmeza militar destes novos defensores da RAINHA a par do entusiasmo, de que iam possuidos.

Temos a satisfação de annunciar, que apenas ficaram á retaguarda tres destes novos soldados, — facto tanto mais digno de louvor, quanto era esta a sua primeira marcha.

Abaixo publicamos uma carta, cujo original possuímos, e que mostra claramente o fim da revolução — *Rainha fóra* —; eis ali o instincto do movimento — o pensamento continuo dos junteiros — o alvo de todos os seus esforços. — Sobrescripto — *Illm.^o e Excm.^o Sr. Luiz Guedes de Carvalho, e Menezes, meu particular amigo e Sr. Aonde se achar o Quartel General do Excm.^o Conde das Povoas. — Tem a marca = Porto =.*

Illm.^o e Exm.^o Sr. e meu caro amigo — Porto 4 de Maio de 1847.

Já sabe o motivo, porque não respondi á carta, que tive a ventura de receber, quando vim ao Porto a ultima vez; e por isso escusado é fazer perder tempo com isto, a quem tanto precisa de o aproveitar.

Em S. Lazaro tem-me feito favor de me dar lembranças suas (unico lenitivo, que encontra um amigo na ausencia d'outro para mitigar os effeitos de uma tão justa saudade!), e por consequencia o meu caro Luiz pôde calcular o prazer, com que sempre as tenho recebido...

Já tenho em meu poder a cadêa, que o meu caro me encomendou, e aguardo um portador certo para lha remetter; pervino-o porém de que o feitiço não é igual ao da minha: grande pezar terei senão gostar...

Já foi o seu caixão para Pereira, e julgo que será entregue fielmente; logo que saiba, que effectivamente foi entregue, lh'o communicarei.

Audo zangado com o tal convenio, que anda entre mãos; tem havido conselho na Junta, e está-se á espera d'um commissionado Inglez, e tambem dizem, outro Hespanhol; veremos o que resulta de tão importante visita! segundo consta, a Junta está na resolução de não admittir pastellarias. Todavia tenho muito receio, de

que o instincto da Revolução não vá por diante, isto é, *Rainha fóra*, porque acontecerá, que ella preparará outra nova função, aguardando o andamento da Politica da Europa, e logo que esta lhe seja propicia, nos pregará o couce, e então couce fatal! porque não será facil reagir, e trazer outra vez as massas do povo á Revolução.

Ah meu caro, tanto homem de bem compromettido, tantos campos tallados, tanta desgraça, e tanta desgraça! e para que? para continuar-mos no mesmo circulo vicioso!... Deos nos dê paciência... Peço-lhe o particular obsequio de me fazer lembrado ao nosso commum amigo Rebocho; e creia, que sou bem deveras

De V. Exc.^a amigo muito affecto. — M. V. d'Arânjo.

Em quanto os muito *veridicos* papeis do Porto se *afadigam* em dar o valente Barão de Vinhaes *entrado* (!), *desarmado* (!!), e *internado* (!!!) na Hespanha, e as Auctoridades dessa Nação amiga, e aliada *restituindo* (!) armas, cavallos, e munições; nós, — rindo dessas miserias, e folgando com a necessidade em que se acham de invental-as para animar os seus illudidos sequazes —, vamos divertindo nossos leitores com as continuadas contradicções, em que caem, consequencia de quem mente por officio.

Diz o Nacional n.^o 107 — o Barão de Vinhaes foi decretado em Mirandella no 1.^o de Maio — o general Rebocho obrou um gentil feito d'armas — o Barão de Freamunde, e o general Rebocho anniquilaram completamente a divisão do Barão de Vinhaes — o inimigo perdeu 1467 homens.

Ouçam agora o que o mesmo consciencioso Nacional no mesmo n.^o 107 de 12 do corrente escreveu na columna das noticias das Provincias á cerca dessa gloriosa acção de Mirandella.

Mirandella 4 de Maio. — No dia 27 do preterito entrou aqui o batalhão 7 da legião, e aqui se conservou até á manhã do dia 30, em que foi obrigado a retirar-se para não accetar a acção, que lhe offeruvia com forças muito superiores o Barão de Vinhaes. A nossa força sahio d'aqui apenas uma hora antes da entrada dos inimigos, e em consequencia não tardou que se não encontrassem na Pavea, onde se dispararam os primeiros tiros. — Desde este ponto até Val-Passos foi sempre uma força de 40 cavallos, e mais de 900 infantes *picando* a retaguarda dos nossos soldados, que na melhor ordem *retirava* fazendo fogo, por muitas vezes foram carregados pela cavallaria inimiga, e outras tantas a souberam repellir com a coragem propria de veteranos de cem combates. — Vinhaes dormio em Val-Passos, donde voltou para esta villa no dia seguinte pelas 10 horas. — Apenas tinha acabado de entrar, que já a brigada do valente Rebocho composta do 5.^o da legião, do moel de Viseu, e 20 cavallos do regimento do Porto, apparecia a um tiro de halla de distancia, avançando pela margem direita do Tua. Foi um instante, em quanto estes bravos atravessaram a ponte debaixo d'um vivo fogo, que lhes faziam duas companhias de 13 postadas em ordeu na extremidade della. — Se neste momento toda a nossa força se dirigisse para o sitio chamado dos Arciprestes, onde o Vinhaes tinha feito alto para organizar a sua gente, que fugia em perfeita debandada (!!), a victoria seria brilhante e completa (!). Porém os nossos, vendo que o inimigo lhes abandonava a villa, e não sabendo as ruas por onde deviam marchar a encontral-o, começaram a fazer prisioneiros. Assim deram tempo a que o Vinhaes reunisse a sua força, e os carregasse com 60 cavallos, e mais de 400 infantes, e os *obrigasse a retirar precipitadamente*. Deste modo perderam os nossos o terreno, que com muita valentia haviam ganhado. Durante o fogo dispersaram muitos soldados, que naturalmente não tornam a reunir por serem recrutis, e andarent de má vontade.

Repare-se na contradicção entre esta noticia e a primeira! e isto na mesma folha, e no mesmo numero!!...

Em lugar competente estampamos a participação official do Illustre Barão de Vinhaes, a qual diz tudo.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20^{rs.} — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DA FAZENDA.

Secretaria d'Estado.

Sendo indispensavel que os lançamentos das Decimas e Impostos annexos do corrente anno economico, se achem concluidos até 30 de Junho proximo, para que a arrecadação do seu producto comece a realizar-se no mez de Julho seguinte, e possa ser applicado ao pagamento das despesas do serviço publico, como as circumstancias do Thesouro exigem: Hei por bem Decretar, o seguinte:

Artigo 1. Proceder-se-ha immediatamente aos trabalhos dos lançamentos das Decimas e Impostos annexos do anno economico de 1846 a 1847.

Art. 2. Estes lançamentos serão feitos pelas mesmas Juntas encarregadas dos do anno anterior de 1845—1846, as quaes no processo e expediente de seus trabalhos, se regularão em tudo pelas Instruções e Ordens que o Tribunal do Thesouro Publico lhes transmittir.

Art. 3. Os trabalhos dos lançamentos na Cidade de Lisboa, serão competentemente inspeccionados por um ou mais Visitadores que o Tribunal do Thesouro para esse fim nomear; podendo o mesmo Tribunal, se o julgar conveniente, alhear as Instruções regulamentares dos ultimos lançamentos, em tudo quanto possa contribuir para a mais prompta execução do presente Decreto.

O Conde do Tojal, Par do Reino, Ministro Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, e interinamente encarregado dos Negocios da Marinha e Ultramar, o tenha assim entendido e faça executar, Paço das Necessidades, dezeseite de Maio de mil oitocentos quarenta e sete. = RAINHA. = Conde do Tojal.

PARTE NÃO OFFICIAL.

A junta septembro-carrasco-miguelina passou finalmente o Rubicon, e regeitando a convenção proposta pelos Governos de França, Inglaterra e Hespanha pertende imitar os senadores Romanos, que preferiram morrer assentados nas suas cadeiras curules a salvarem-se abandonando-as. Nunca nós esperemos menos do brio altivo desses modernos Grachos, nem o *bojudo* Passos, e seus adherentes eram capazes de metter a durindana na bainha, porque os Emissarios estrangeiros lh'o ordenavam assim em nome dos seus respectivos Governos, que devem respeitar a independencia da nação septembro-carrasco-miguelina, tão famosa nos annaes dos Botecudos.

Perca-se tudo menos a honra, terá exclamado o Geraldo sem pavôr de Boiças, fazendo ao mesmo tempo retumbar pelas montanhas alcantiladas do caudoloso Doiro a tuba canora e bellicosa, que o peito accende, e a côr ao gesto muda, chamando a juizo vivos e mortos.

Agora sim, agora mostraram elles que são gente de guiza, d'antes quebrar, que torcer, e cujo valor indomito antepõe a morte á deshonra. A morte dizemos nós? a morte viram encontral-a os homens, que esqueceram as lições de Aljubarrota, Montes Claros, e linhas de Elvas; e se Antonio Luiz de Seabra mandar tocar a rebate no *Caldeirão d'Alcobaca* (cujo som agudo é tão forte, que Filippe Segundo, receando o augmental-o prohibio, que o transformassem em sino); quem dúvida de que milhares de padeiras surgirão da terra para escarmentarem os atrevidos descendentes do Cid e de Pelajo, que ousarem pizar o alcazer sagrado do imperio junteiro. Avante, septembro-carrasco-miguelistas, é possível cahirdes, mas cahir é nada quando se cabe com honra; e a vossa é tão illibada, tão pura, e tão refulgente depois do reforço, que procurasteis nos virtuosos filibusteiros, carrascos, e assassinos do Limoeiro, que não comporta a indelevel noção de vos salvardes por intervenção estrangeira.

Mas pondo de parte a facecia, perguntaremos; em que se estirbará esta gente para persistir na sua estúpida obstinação. Que esperam elles? pertendem talvez que Deos opere um milagre em seu favor; e que mande destruir as tropas da RAINHA pelo anjo exterminador, que desfez o exercito de Senacherib. Ha quasi oito mezes, que arvoraram o estandarte da revolta, e accenderam a tocha da guerra civil, e ha outro tanto tempo que a derrota tem sido tão fiel ás suas armas, como a victoria ás da RAINHA: embora elles tenham cantado os seus desastres, apregoando-os, como triumphos. O terreno, que ganharam no principio da questão, está perdido; e a despeito das traições, do oiro, que tem prodigalizado, das fallazes promessas, com que tem illudido os incautos, e dos esforços inauditos, que tem feito para sublevar os povos, não tem conseguido pôr em campo mais, que algumas guerrilhas de salteadores, que desaparecem como o fumo, desde que avistam as nossas forças. E se até agora não poderam alcançar uma só vantagem sobre o partido, que defende a RAINHA, e a CARTA, esperarão ser mais felizes, quando nos acharmos reforçados pelos nossos generosos alliados? se tal pensam, estão completamente doidos, e então devemos perdoar-lhes, porque não sabem o que fazem; e se o não pensam, qual é a taboa da salvação, que apercebem para os livrar do imminente naufragio? Não é facil comprehender; mas esta rebellião desde o seu principio tem sido incomprehensivel, e por isso incomprehensivel deve terminar.

Quanto a nós, confessaremos que não era sem reluctancia que viamos absolver os crimes inauditos dessa facção, que havendo fraternisado com os malfetores, que povoavam as prisões publicas, ousou intitular-se partido nacional. Pareceu-nos sempre que a moral pública, a honra, a justiça,

e a dignidade da Nação ganharia uma assignalada victoria, annullando absolutamente, e para sempre uma facção incorrigivel, que a generosidade não desarma, e que tem vivido em conspiração permanente contra o Throno, contra as Instituições, e contra a tranquillidade do Paiz: uma facção intolerante, que tem por divisa « *Cré, senão morres* » uma facção, que, quando triumphava, é perseguidora, e quando succumbe, conspira: finalmente uma facção, que rompeu todos os vinculos sociaes, desencadeou as paixões da população, destruiu a obediencia, devida ás Leis, e abysmando-nos em um golfão insondavel de males, de que o pensamento se horrorisa, tem sido e está sendo um flagello mais terrivel, do que as pragas do Egypto. Um terremoto, que como o de 1755 destruiu uma parte de Portugal, ou uma erupção vulcanica, que sepultasse alguma das nossas cidades, como o foram Pompeia, e Herculanium, teriam causado menos estragos, do que esta abominavel facção.

Porém respeitadores das prerogativas da Corôa, acatavamos, como devíamos, as benignas intenções da nossa Augusta Soberana, e bendizíamos a magnanimidade de Seu Nobre Coração, que perdoava as offensas, e lançava o manto da misericordia sobre delictos, que tiveram por alvo principal a propria Pessoa de Sua Magestade, porém já que os nossos adversarios tem olhos, e não vêem, ouvidos e não ouvem, entendimento, e não entendem; e repelliram a mão bemfeitora, que com tanta bondade os acolhia, damos os parabens aos nossos correligionarios politicos pelo triumpho, que nossos inimigos nos preparam; e se tem ainda de correr mais sangue, recabia elle todo sobre esses homens allucinados, que seriam o opprobrio, e vergonha do nome Portuguez, se acaso podessem ser manchados os Portuguezes, porque entre elles tambem alguns traidores houve algumas vezes.

A pergunta feita no Parlamento inglez, em sessão de tres do corrente, por Mr. Borthwich a Lord Palmerston, sobre os assumptos de Portugal, tem duas partes, como já observámos, e duas foram tambem as da resposta.

Na primeira dellas estabeleceu o nobre Lord, que em Portugal se não questiona a successão ao Throno, e que por consequencia não pôde fazer-se applicação do tractado da quadrupla alliança ao caso presente.

Quaesquer que sejam as informações do illustre Ministro da Inglaterra a este respeito, nós não podemos renunciar as nossas convicções — que derivam de uma grande quantidade de factos.

É inegavel que na batalha de Torres Vedras o partido setembrista ficou anniquillado: assim o tem confessado os jornaes do Porto; assim o tem lançado em rosto dos exaltados o partido miguelista.

É inegavel que o incremento da revolta, depois daquella acção, procedeu de certo pacto, que parecia impossivel como altamente inhonesto, de principios absolutamente heterogeneos, = o absolutismo da usurpação, e uma democracia desmesurada; = propondo-se um e outro a contrariar ou uma Dynastia, ou uma Constituição liberal, porém eminentemente Monarchica.

Quando as duas facções alliadas conseguissem o seu intento, a scisão era certa e infallivel; e a bandeira do absolutismo de D. Miguel seria levantada como em 1828.

Porém ainda antes de chegar essa hypothese é certo que similhante bandeira existe já hasteada, e até como centro de reunião de uma multiplicidade de grupos. Se nós o duvidassemos negaríamos fé a todos os nossos sentidos.

O que veio fazer a Portugal esse general escocez? Qual foi a sua bandeira, que se viu tremular em Braga, e em diferentes pontos das provincias do norte? Donde, senão das fileiras da rebelião e de dentro mesmo do Porto, sahiu o chefe para as forças miguelistas do commando de Macdonall, depois que elle morreu por D. Miguel?

Não tem o Governo em seu poder correspondencias daquelle general para os seus agentes na capital, e aqui interceptadas, nas quaes explicitamente se tracta do plano de restituir o usurpador? Não possui elle as correspondencias apprehendidas em Alcacer a tres facciosos que se evadiam para o Algarve — documentos incontestaveis da vasta conspiração miguelista que tem estado, e está em campo?

Além disto, pôde alguém duvidar da crença do celebrado padre Casimiro — dos Guedes — dos Bernardinos — dos Fabiões — dos Povoas — e de muitos outros, que tem accettato titulos e mercês da junta do Porto? Podem elles por ventura advogar a causa da RAINHA?

Nenhuma intelligencia é capaz de o comprehender. Actualmente, como de ha muito, a maxima parte da questão portugueza é verdadeiramente uma questão de successão.

Não foi aclamado D. Miguel em Estremoz? Não fez a mesma acclamação em Alpedrinha o commandante das guerrilhas de Castello Branco? Não foi elle aclamado tambem em Penafiel, e pouco ha em Lama d'Arcos para que os nossos visinhos hespanhoes possam tambem dar o seu testemunho?

O que significa nas missivas dos chefes de varios bandos revoltosos, e de que temos conhecimento, a expressão = *causa d'el-rei* = com que elles se excitam, e promovem outras excitações? O que significa a exageração que uns a outros communicam das grandes forças que figuram levantadas, ou a levantar-se por varias partes; e á testa dellas outros tantos individuos conspicios nos annaes da usurpação?

O que significam as acclamações já sem reboço, feitas em varios Concelhos além do Douro, onde predomina a revolta?

Para nós não é duvidoso o pensamento, não já reservado mas claro, do grande, e por ventura maximo numero dos sustentadores da rebelião. E pelo menos para essa maxima parte a questão não é outra senão dynastica.

Os factos aglomeram-se todos os dias; e confiamos que em breve as mesmas convicções que já temos, hão de propagar-se extensamente por todos os homens de boa fé, dentro e fóra do Paiz.

Feitas estas observações, que podiamos desenvolver muito mais diffusamente, e reflectindo na segunda parte da resposta do nobre lord, ministro dos negocios estrangeiros da Gram-Bretanha, não sabemos como ahi pôde ver alguém outra cousa, que não seja a expressão politica e digna do ministro de uma grande nação, attento pela justa causa do Throno e da Nação portugueza, protestando que *o Governo inglez não poupará nenhum esforço, para destruir as difficuldades que na actualidade existem em Portugal.*

E ainda então, repetimos, não podia saber-se em Londres o que se passou em Lisboa no penultimo dia de Abril; e muito menos ter-se noticia de outros acontecimentos posteriores, que

tem dado a este negocio bem outra extensão!, como brevemente o hade verificar a realidade.

Nós já dissemos que a moralidade — a politica — e todas as conveniencias da grande sociedade das nações europeas, não póde consentir que em parte alguma se posterguem principios que são os fundamentos de todas ellas, nem tolerar perniciosos exemplos, que compromettam a felicidade de todos os povos.

(Diario do G.)

NOTÍCIAS.

No dia 17 sahiram a barra do Porto o Coronel Wilde, e o Marquez de Hespanha a bordo do vapor de guerra inglez — *Polyphemus* — em direcção á Capital, aonde entraram a 18.

Os registros da barra de Lisboa dão sabidos os vapores de guerra — hespanhol *Lepanto* = francez — *Anacreon* = inglez — *Sidon* =; e as cartas de 19 accrescentam, que haviam ido fundear na bahia de Setubal.

O Conde de Vinhaes tinha recebido os reforços e peças de bater annunciados no numero antecedente, e a declaração de estar relaxado o armistício pedido pelos rebeldes, e concedido por mediação do Coronel Wylde depois da derrota, que sofreram no dia primeiro do corrente mez.

Tinha entrado a barra de Lisboa a Fragata franceza — *Raynnaise*, trazendo a seu bordo entre outros passageiros Sua Exc.^a A. Ruam, Ministro francez, com a sua senhora.

Tinha tambem entrado a barra o vapor de guerra hespanhol *Isabel 2.^a*, esse justamente, que annunciámos em um dos numeros antecedentes, extractando dos jornaes hespanhoes, ser destinado a engrossar as forças dessa nação alliada, que devem intervir nos nossos assumptos em consequencia do accordo ultimamente celebrado com a Inglaterra, França, e Hespanha de terminar a guerra civil, que assolla o nosso paiz.

O *Diario do Governo* do dia 19 conclue assim o seu artigo do fundo: «A mão, com que o Governo offereceo o ramo de Oliveira, não seria mais prompta para o entregar áquelles, que o accitassem, que robusta, e vigorosa será a outra, em que tem a guerra para os que desprezam a paz. E pois que preferem a guerra, asseguramos-lhe que teremos a victoria. Temos por nós a moral, e a justiça, e não nos falta a força.» —

Lê-se no *Diario* copiado do *Heraldo*, que um bando faccioso organizado em Portugal, invadio o territorio hespanhol, e entrará em *Cilleros* dando vivas a Carlos VI., á Constituição de 1812, e morras á guarda civil, mas que foi rechaçado, e forçado a recolher-se novamente ao nosso reino, depois de ter despojado, os que encontrou, de chapatos, pão, e quanto acreditavam necessario. O *Heraldo* queixa-se, e com razão, desta escandalosa violação do territorio Hespanhol.

Lê-se no *Heraldo* «o nosso correspondente de Valhadolid nos diz em 29, que naquelle dia tinha sahido para Salamanca o segundo cabo D. Francisco de Lavelette. O seu objecto parece por-se á frente das tropas, que na fronteira de Portugal devem compor parte da divisão expedicionaria de Portugal. Tambem sahio um esquadrao de Hespanha, e esperava-se para o substituir um de Villaviçosa.

No dia 30 d'Abril devia tambem sahir de Samora para Cidade Rodrigo o resto do regimento de infantaria de Asturias, alguns cavallo, e as baterias, que havia naquella praça, a reunir-se com

a demais força de outros pontos, que passou á mesma.

Com direcção á mesma praça de Cidade Rodrigo sahiram igualmente em 29 de Salamanca quatro companhias do regimento de infantaria de Hespanha.»

Lê-se nos *Nacionaes* de 14 e 15 do corrente terem sido demettidos da *secretaria d'estado dos negocios da guerra* Miguel José Martins Dantas, official maior, e João José Lisboa, guarda livros, em razão de se haverem declarado inimigos da causa nacional. Continuava a admissão de officiaes miguelistas nos corpos ao serviço da junta. — Tinham sido mandados para a — *grilheta* — alguns soldados aprisionados! O *Nacional* annunciando esta benigna medida, accrescenta — o que assim mesmo é castigo muito suave — (!!!).

Sua Ex.^a o Duque de Saldanha em Torres Vedras não só não mandou os guerrilheiros do Jaime para a *grilheta*, mas pelo contrario despedios para suas casas, dando aos que necessitavam dinheiro para a jornada! Entretanto o *Nacional* diz com o costumado despejo «prisioneiro, que lhe cahe nas garras, o assassinam (!!).

O mesmo jornal com a sua usada verdade escreve em o n.^o 108 o seguinte: — «Pelo officio do Governador Civil de Portalegre, que deixamos transcripto, se vê, que a sublevação da Beira obrigou as forças inimigas a retirar do districto de Castello Branco.» — Aparece com effeito na parte official datado de Portalegre a 3 de Maio o officio do chamado Governador Civil interino, Francisco d'Assis Salles Caldeira, assás conhecido por outras communições officiaes tão falsas, como esta! — Os rebeldes mentem nos jornaes, e mentem nos officios — é uma necessidade, em que se acham — é um plano, com que illudem as virtuosas massas do povo do Limoeiro!

Vê-se do mesmo papel, que Antonio Faustino dos Santos Crespo tinha sido exonerado de Administrador do Concelho de Braga em razão da opposição, que encontrou nos honrados habitantes daquela Cidade, os quaes não poderam ser superiores ás inauditas violencias, que ali cometeo!

Antonio Faustino desculpando-se escreve o seguinte, que fielmente copiamos, e que mostra o entusiasmo, e apoio, que os Bracarenses prestam á rebellião! — «Não me accusa a consciencia, nem o meu coração das maldades, e violencias, que praticasse. . . . Lamento unicamente a sorte da auctoridade nos momentos de effervescencias politicas, e mui principalmente, quando ella se vê obrigada a cobrar os rendimentos do estado, porque isso — sejamos francos — traz sempre consigo o odioso, e o desgosto dos povos. — Não podendo eu pois executar em Braga á risca o decreto de 17 de Março ultimo da excm.^a junta do Porto — sobre as licenças onde ha logista, que não tirou licença ha quatro annos — no que eu entendo haver quebra da auctoridade representada na minha pessoa, superior ás intrigas, e sorrindo-me dos intrigantes, resolvi pedir a minha exoneração.»

Todos sabem, o que ultimamente aconteceu em Braga — as mulheres da cidade, e das aldéas inundaram as ruas pedindo a cabeça do administrador, e declarando, que não pagavam á junta tributos, impostos, ou licenças de lojas! Os homens estavam nas avenidas da Cidade armados, e promptos a socorrer suas mulheres! — Os rebeldes tiveram por melhor condescender com as mulheres, demittindo o administrador, mandando-o sahir para o Porto, e suspendendo a cobrança dos rendimentos publicos!

Segundo parece este celebrado administrador de Braga, foi o mesmo, que exerceo igual emprego nesta cidade no tempo da gloriosa patulea, e segundo dizem as más linguas, dignissimo redactor do nunca esquecido jornal dessa epocha — *o Povo* —.

Escrevem do Porto em 19 o seguinte — Nada aqui consta importante, além da sahida rapida de Xavier para a Regoa, com quasi todo o seu estado maior, e pela posta, a ver se conseguia do Povoas a substituição de Bernardino e Rebocho, que parece querem sahir da obediencia á junta, e e acclamarem já D. Miguel. Chegaram aqui quatro emissarios de D. Miguel com o fim de resolverem os seus a declararem-se; e noticias vindas agora mesmo de Villa do Conde, fallam no desembarque de Ribeiro Saraiva nesse ponto, acompanhado d'outro emissario, vindos de Londres para fazerem retirar as forças miguelistas da obediencia da junta, quando esta promptamente não satisfaça ás condições da *liga*, acclamando D. Miguel, e diz-se, que marcharam já para Trás-os-Montes a fim de se entenderem com Bernardino e Rebocho.

Vimos uma carta escripta de Evora por pessoa insuspeita, e do maior credito, na qual se annuncia, que os nossos infelizes camaradas presos nas masmorras daquelle Cidade são tratados com tanto rigor, que nem lhes permitem receber com liberdade visitas de seus amigos!

Essa pessoa indo visitar um destes prisioneiros, apenas lhe permitiram estar 10 minutos, e sempre com um sargento á vista!! — São factos, e com elles respondemos a todas as apregoadas moderações, com que tanto alardeam os jornaes do Porto.

A guerra actual não é de successão, dizem não só os nossos contrarios, mas mesmo alguém que se confessa nosso amigo! *A guerra não é a Dynastia*, — escrevem agora os jornaes do Porto, depois de haverem enxovalhado essa Dynastia, e proclamado como necessaria a sua queda.

Para convencel-os bastava, parecia-nos, attentar em quaes mãos reside hoje, do lado que nos é opposto, o poder militar; que generaes e officiaes commandam as tropas, mormente ao Norte; — a quem victoriam elles; — que character offerece o surdo movimento que se elabora, e revela a cada passo por tantas partes.

Querem mais provas; eil-as ahi. É D. Miguel quem falla. S. M. a RAINHA e a Sua Augusta Dynastia são o alvo dos tiros. *Rainha fóra*, é o instincto e o fim da revolução desde Maio.

Somos auctorizados para publicar o seguinte e importantissimo documento.

Candido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima: Eu El-Rei vos Envio muito saudar: Attendendo, a que muitos portuguezes dos que desejam a legitima Restauração Nacional da nossa Patria, unico meio de restabelecer n'esta a paz e a ordem, hesitam todavia em ajudar as mais forças da Nação agora em campo contra o Governo intruso, pelo honrado receio de que isso lhes fosse tomado por Mim, e pela Europa, como desvio dos seus e nobres principios, que Nos guiam, e fazem respeitar; em quanto outros não menos leaes em sentimentos se hão já prestado á coopeção, só para debellar seu inimigo commum, como é sabido; Julgo conveniente para melhor se cortarem dúbidas, e divergencias nocivas, Decla-

rar novamente a minha opinião e desejo, de que todos tomemos parte, quanto em nós cabe, e sem perder de vista o nosso grande objecto, e principal dever, na lucta que se está combatendo contra um Governo tão anti-constitucional. Quando haja da nossa Terra desaparecido tal obstaculo, prompto renascera entre nós a concordia e a unidade social, e breve ultimaremos a nobre empreza da Restauração Nacional da nossa mui sabia e livre Constituição Portugueza, que só assim poderá legalmente reformar-se, e ajustar-se no que convenha ás condições da epocha em que vivemos. — Deos Nosso Senhor vos tenha em Sua Santa Guarda. — Londres 6 d'Abri! de 1847. — El-Rei.

A este documento accrescentaremos outro, é o *decreto*, que a junta do Porto tinha concebido, para o caso de vingar a revolta dos malféitores na Capital — appareceu impresso no bolso d'um dos prezos, que foi morto — e é tão infame, que por mais infames, que sejam os homens da junta, chegaríamos a duvidar d'elle, se não soubessemos, que com a sua doutrina se enthusiasmaram os carascos!... Ou seja obra da junta, ou de seus sequazes ahi o publicamos para honra desses, que se associaram com o *povo* do Limoeiro para domar o povo portuguez!

Cópia de um Decreto impresso, que foi achado no bolso de um dos prezos, que foi morto saindo do Limoeiro.

O governo provisorio do reino em nome da Nação, attendendo ás criticas e extraordinarias circumstancias em que se acha a nação, e querendo empregar todos os meios ao seu alcance para debellar, e aniquillar a liberticida, sanguinaria e devastadora facção de 6 de Outubro proximo passado, e querendo tambem inaugurar a sua exaltação por um acto notavel de summa generosidade, e de summa humanidade; e tomando em consideração os longos annos de crueis soffrimentos, que tem tido os desgraçados prezos, que gemein nas prizões desta capital, a maior parte por crimes leves, que não horrorisam, nem escandalisam a sociedade; e esperando o mesmo governo provisorio, que tanta magnanimidade será devidamente avaliada por aquelles a quem tanto beneficia, e que tiveram a desgraça de ser impellidos na vereda do crime, principiando nova vida de moralidade e honestidade, digna da sociedade a que vão ser restituídos: Ha por bem Decretar o seguinte:

Art. 1. Ficam perdoados de seus crimes todos os prezos civis e militares, que se acham presentemente detidos, em processo, ou cumprindo sentença, nas prizões do Limoeiro, e Castello de S. Jorge na capital, sendo obrigados a assentarem praça nos corpos, que lhes forem designados, e pelo tempo que durarem as actuaes circumstancias.

Art. 2. Quando tiver chegado a hora da soltura: os prezos prestarão a maior obediencia aos chefes que se lhes apresentarão, observando tanto dentro como fóra um silencio e uma ordem perfeita, que são indispensaveis para o bom exito da empreza.

Art. 3. Fica revogada toda a legislação em contrario. — Porto, etc. (Seguem-se as assignaturas da junta).

SUPPLEMENTO

AO N.º 61.

DO

BOLETIM CARTISTA DE COIMBRA.

SEGUNDA FEIRA 24 DE MAIO.

Com satisfação nos apressamos a publicar as seguintes importantes noticias, as quaes sabemos com *plena certeza* serem verdadeiras.

Na tarde do dia 21 do corrente Maio entraram na barra do Porto quatro vapôres de guerra pertencentes ás Nações Hespanhola, Franceza, e Ingleza. Os commandantes respectivos desembarcaram logo nos escaleres, e foram a terra procurar o commandante das forças armadas rebeldes; e tendo-lhes a junta declarado, que ella estava auctorizada para tratar com elles sobre o objecto de que viessem encarregados, lhe responderam, *que não a reconheciam*, e nada tinham a tratar com ella, e só pertendiam fallar ao commandante das ditas forças. Sabendo, que este tinha sahido para a Regoa, mostraram querer ahi dirigir-se, e então a junta se resolveo mandar um expresso chamar o Xavier á Regoa. Os commandantes dos vapôres recolheram-se a bordo, fazendo-se acompanhar de mais tres vasos de guerra das suas Nações, que alli se achavam, e todos ficaram em frente da barra, fazendo o seu bloqueio.

O consul Hespanhol abateu a sua bandeira. No dia anterior haviam chegado vindos de Setubal os tres vapôres Portuguezes ao serviço dos rebeldes, que se dizia, vinham buscar mantimentos e gente. Estes conservam-se dentro da barra, em consequencia de já não poderem sahir pelo bloqueio acima mencionado.

Sabemos terem dispersado em direcção á Serra os miseraveis, que se tinham reunido na Ega de diferentes pontos das vizinhanças desta Cidade, logo que lhes constou da aproximação d'uma pequena columna, composta de 60 infantes e 10 cavallos, que hontem de tarde daqui sahio. Esses miseraveis não chegavam a 100! Era entretanto a muito fallada guerrilha de Condeixa, fructo de cinco mezes de alliciações, e de exforços de pessoas, que se dizem, influentes no Districto, organizada á sombra da generosidade das Auctoridades, da moderação, e cavalheirismo dos Cartistas!

Deixaram em podêr dos nossos algumas armas — polvora — e cêstos de brôa, tal foi a pressa, com que fugiram! — Esta noticia seria de pouca importancia, considerada isoladamente: attendendo porém a ser a reunião d'esses miseraveis os derradeiros exforços d'um partido, ella é da maior consideração, porque mostra evidentemente, que os povos querem — paz —, aspiram á — ordem — e odeiam esses loucos, que á sombra delles querem saciar suas ambições.

Diz-se que cahio o Ministerio Hespanhol, e que foi chamado Gonzales Bravo, e o General Narvaez — Cartas de Lisboa do dia 22 dizem ser grande a deserção dos rebeldes de Setubal, calculando-se em 400 os soldados apresentados ao Conde de Vinhaes — fallam na sahida dos vapores estrangeiros, que estão bloqueando a barra do Porto, e certificam a decedida cooperação das Nações aliadas.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despezas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20^{rs.} — repetidos 10 rs.

Para deslocar o globo terrestre da sua posição natural pedia Archymedes uniçamente um ponto de apoio firme e solido. Igual empenho tem tido a junta anarchico-miguelista para deslocar a Dynastia Portugueza reinante.

Em vão se tem atégora exforçado! nem as virtuosas massas desvairadas por uma idéa fixa inventada pela mais negra perfidia, nem a criminosa cubica d'um general covarde, o fanatismo e fatuidade de outro envelhecido na carreira nunca interrompida do infortunio, o embuste e a hypocrisia, com que mascararam suas intenções damnadas, nada lhe tem ministrado o desejado fulcro.

Parece que alfin Villa do Conde lhe deparou um alchymista, que descobrirá a pedra philosophal. Temos fé viva que elle ha de resolver a grande questão Portugueza. Sentimos já bater a hora derradeira á obra da iniquidade. Preparem-se os renegados liberaes que o véo de Penelope vai alevantar-se. O partido, a que queriam dar vida galvanica e ephemera, vai depor as pennas de pavão com que arteiramente se ataviara, e levantar-se energico contra a mão que o animára. Ignorantes! mil vezes ignorantes e insensatos! Aonde viram, em que parte da historia encontraram que podessem colligar-se homens, entre os quaes cavára profundo abysmo a antipathia de caracteres?

Por nossa parte nada receiamos: conseguimos o triumpho da verdade, que atégora temos dito ás nações alliadas.

Incisivo, cruel é o dilemma em que os anarchistas se acham collocados: ou desertar da colligação, e tornar ao estado de *pequinito e vergonhoso*; ou arrancar a mascara, dizer ao mundo inteiro que tem constantemente mentido em todos os seus actos officiaes, e publicações typographicas, e exporem-se nus e crus á irrisão do publico. Cremos que a sua *intellectualidade e pontos d'honra* os levaram a seguir este segundo alvitre.

Impavidos encaramos todas as peripecias do drama, que a loucura e a extravagancia póde originar. Temos da nossa parte a justiça, a razão, e a lealdade; e contamos tanto com a força destas potencias invenciveis, como com a reprovação do seculo ás utopias já experimentadas.

O Deus de Affonso Henriques está do lado dos defensores da Carta e do Throno; velando a conservação deste, tem constantemente protegido a nossa causa nas batalhas, que a peito descoberto se tem pelejado. Vianna do Alemtéjo, Val Passos, Braga, Torres Vedras, Setubal e Mirandella, são documentos autenticos das repetidas victorias alcançadas pelas armas fieis: as infieis não se empregam senão em ciladas e surpresas. Aceitando victoriosos a medeação de Potencias Alliadas, e interessadas na paz da Europa, de cuja perturbação será por ventura a primeira scena a que se representa entre nós, demos um solemne

e indubitavel testemunho da moderação, que professamos. Se foi repellido o ramo de oliveira, estamos vingados de quantas injurias e calumnias tem sobre nós lançado implacaveis adversarios. Não queremos sangue, o sangue de irmãos! e assim respondemos aos impostores, que dizem haver-mos appellado para a interferencia como meio unico de salvação.

Entre nós e os nossos adversarios ha uma differença; espantosa é ella. Nós queremos a Patria salva dos horrores da anarchia; queremos a paz e a tranquillidade para gosar-mos todos esse *quantum* de prosperidade compativel com as tristes circumstancias, a que nos reduziram delirios de presumçosos ignorantes, senão malvados ambiciosos: elles querem ver tudo reduzido ao cahos, a Patria um montão de ruínas, com tanto que saciem uma vingança baixa, ignobil.

A franqueza tem caracterisado todos os nossos actos. Suspendemos as garantias; porque constitucionalmente não se debella a anarchia. Mas demos ao publico conhecimento da nova situação, preparando ao mesmo tempo os elementos do melhor regimen constitucional: mandou-se rever a lei eleitoral, bem convencidos de que a pureza da eleição é a primeira verdade em um *systema* representativo. Os adversarios com refalsada hypocrisia, invocando sempre as formulas constitucionaes, tem prendido, deportado, roubado, infamado, e assassinado! Legislando em nome da RAINHA, propagavam pelas ruas e pela imprensa o *mot d'ordre* — RAINHA fóra — Julgue-os o mundo inteiro pelos factos.

Do — *Brado de Lealdade* — papel impresso em Lisboa, copiamos o seguinte, e mil vezes bem escripto artigo.

Que a Inglaterra, a França e Hespanha colligadas tratão de acabar a guerra civil que se levantan em Portugal contra as prerogativas da corôa, é um facto visto por nós todos, e asseverado pelos nossos proprios inimigos.

Aquellas nações levárão a RAINHA de Portugal, a conceder uma amnistia a seus subditos rebeldes, a fazer-lhes certas concessões, a dar-lhes certas garantias, que authenticamente o publico ajada não conhece; e commissarios seus apresentárão-nas ao governo da rebelião. O facto da colligação de tres nações poderosas para obterem um fim sobre fracção de uma nação pequena, prova-se ao menos *pele vivo desejo de serem instrumento de uma pacificação entre as partes contendoras em Portugal*, como disse no parlamento britanico, e o confissão os nossos contrarios, o governo daquella nação. Tres nações poderosas terem vivo desejo de obter um fim destes, e para ellas tão facil, põem em obra conjunctamente, e do modo que mais conducente entendêram, o processo dessa obtenção, e, em vez de o alcançarem, sorem ludibriados impunemente por essa fracção de uma nação pequena, é um quadro inconcebivel, e moralmente impossivel. E repare-se bem, nós não entramos no direito, estamos no simples facto; reco-

athecendo todavia que o direito de nação para nação está nas suas conveniências respectivas.

Succede que a rebelião regeitou esta intimação ou seja mediação, ou *in limine*, ou sob pretextos varios a decidir: o que tem a fazer estas nações interventoras? Ellas reconheceram o crime de rebelião porque lhe fizeram perdoar por uma amnistia, e reconheceram a supremacia da RAINHA de quem tal perdão sollicitaram e conseguiram para essa rebelião. Se depois de tal repulsa, consentem que as cousas fiquem como estavam, de que servio aquelle seu vivo desejo, aquella sua effectiva mediação? Dariam ao mundo de hoje o espectáculo de uma tal inutilidade, ou talvez de um tal escarneo? Abateram a supremacia da RAINHA, que antes reconheceram, a sujeitar-se ás condições da rebelião que contideram, por isso mesmo que para ella alcançaram perdão? Honraram, canonisaram a rebelião, que antes haviam assim estigmatizado, fazendo que ella supplante a RAINHA cuja supremacia sobre essa rebelião haviam reconhecido? Ou compellirão com força a rebelião a depôr as armas, segundo o vivo desejo que manifestaram, e que de outro modo não podem obter, inormente depois de passarem pelo enchovalho de uma tal repulsa?

A opção das nações é clara e indispensavel: a rebelião portugueza será por ellas compellida a depôr as armas com condições de dureza que não podemos medir: e no caso de recusa as potencias resolverão o que se ha de fazer; e o cavalheiro Seymour está de accordo com o vivo desejo dessas potencias de serem o instrumento da ultimação da guerra civil de Portugal, expresso, como já dissemos, pelo governo de Inglaterra em seu parlamento; não havendo por isso a desharmonia, que o *Espectro* quer achar, entre o governo inglez e o seu ministro em Lisboa. — E para desvendar todos os olhos, notamos a seguinte expressão do *Espectro*, que é hoje a da rebelião em geral; preferimos as persigangas, os degredos, os patibulos ás graças que nos querem conceder: eis aqui o recurso confessado da sua desesperação; querem macaquear um arremedo dos Saguntinos, dos Numantinos, ou antes dos diabos que, segundo Homero britannico, queriam a final, em sua desesperação irremediavel que o seu vencedor os arrasasse e matasse, e que triste querer!

... our final hope
Is flat despair: we must exasperate
Th' Almighty Victor to spend all his rage;
And that must end us, that must be our cure
To be no more: Sad cure!

Mas cessem os rebeldes com essas bravatas de heroismo em que não acreditam, porque bem sabem que o — destrua-se Carthago — delenda est Carthago, não está na civilização hodierna: hão de ceder; mas, á similitude de criança mal-criada e teimosa, respingam aos rálhos, e amansam á vista da vergasta ou da palmatoria. Em breve tempo se verá. No entanto, pelo organ do *Espectro*, appellam do coronel Wilde para o cavalheiro Seymour, deste para lord Palmestron, deste para o parlamento britannico, deste para a nação britannica, e como pararão nesta ultima instancia, e são christãos, como nós, aconselhamos-lhes que appellem da nação britannica para a instancia que ainda lhes falta, que é a das tres pessoas da Santissima Trindade.

Entrará por ventura no desesperado plano da rebelião tentar a sorte das armas, antes que a decisão forçada das nações colligadas a desarme? Póde ser; e cumpre, em todo o caso, ás forças da RAINHA estarem para isso promptas, sendo por ellas a victoria certa, se nos regulamos pelas outias que sempre e sem discrepancia tem alcançado. — Não deve escapar o procedimento que em tal desespero podem ter os miguelistas que hoje estão armados e em força. Continuaram a fazer corpo com os setembristas? Separar-se-hão delles levantando a sua propria bandeira? E neste caso os setembristas submeter-se-hão ao estandarte de D. Miguel? Tudo estamos para ver dentro de pouco.

Mas depois de desarmada a rebelião portugueza pelas potencias, qual será o rumo das cousas em Portugal? Como será a gerencia dos negocios desta infeliz nação? — Cartistas, partido moderado e conservador, unico sustentaculo do throno de MARIA II. e da Carta

Constitucional, tomai a attitude que vos compete pela vossa illustração, pelo vosso vulto, pelos vossos meios, pela vossa homogeneidade de pensar com a de todos os governos europeos: fazei, á similitude do que se pratica nas nações do governo representativo, principalmente em Inglaterra e em França, um centro vosso, e por elle disseminai na nação inteira doutrinas e convicções na direcção da fortuna e honra pública, da sustentação e do respeito ao throno da RAINHA de Portugal, á Sua Pessoa, á Sua Dynastia, do amor á constituição do estado tal qual é, não havendo ainda sido sancionada por sufficiente espaço do tempo a necessidade de modificá-la: criai e sustentai para vós em Portugal e na Europa a fundamentada reputação de saber, de descrição, de energia, de amor da patria: dai esclarecimentos, força, animo ao throno para conhecer, e praticar, sem coacção nenhuma, o que deve á sua segurança, á sua dignidade e da nação sobre que reina.

NOTÍCIAS.

No dia 20 sahiram a barra de Lisboa os vapores de guerra — inglez *Polyphemus* — e hespanhol *Isabel 2.*, e no dia 21 a fragata ingleza — *America*, e hespanhola — *Villa de Bilbao*, e foram reforçar a esquadra, composta de diferentes vasos de guerra pertencentes ás Potencias alliadas, que está bloqueando a barra do Porto, como já se annunciou no Supplemento de hontem. O honrado Ministro Inglez Sir Seymour, diz-se que dirigio novamente uma forte nota ao Xavier, para que depozesse as armas, e se submettesse ás ordens da sua benigna RAINHA. O consul hespanhol abateo a sua bandeira na cidade do Porto, e cartas d'ahi escriptas a 23 acrescentam, que o mesmo fizeram os Consules da França, e da Grã-Bretanha. — Este facto junto ao do bloqueio, mostrando a realidade da cooperação da Inglaterra, França, e Hespanha, tinha completamente desanimado os rebeldes. — As familias estrangeiras haviam-se retirado da cidade. A tropa queixava-se de falta de pagamento, e estava em grande miseria; mas os periodicos progressistas lá dos seus gabinetes aticavam a guerra ainda que viessem Inglezes, Francezes, Hespanhoes, e até Russos, e o paiz se reduzisse a um montão de ruinas. A similhantes bravatas responde-se com o *Brado de Lealdade* no artigo, que deixamos transcrito.

Xavier recolheu ao Porto no dia 23. — O Barão d'Ourem marchou com infantaria 10, e 8 de caçadores para Resende, a fim de manobrar de combinação com o Conde do Casal. — Uma columna de linha deve hoje ou amanhã entrar nesta cidade a reforçar a guarnição. — O vapor inglez ao nosso serviço desembarcou na barra da Figueira as munições de guerra, e os contingentes de tropa, que trazia a seu bordo. — O Coronel Wilde, e o Embaixador Inglez são tratados indignamente pelos — *Espectros* de 14, 18, e 22 — fallando da carta do Coronel Wilde ao Conde de Vinhaes, dizem entre outras nojentas calumnias as seguintes: — *Similhante carta não contem cousa, que seja verdadeira desde a primeira até á ultima linha — é indecente — lança nodoa indelevel sobre o seu signatario se tal carta é verdadeira, o que não duvidamos, porque a doblez, e a falta de sinceridade é propria destes mequetrefes (!), que estão ás sápas dos principes. Wilde por aquella carta tornou-se indigno de ser mediano, porque esta funcção requer alguma seriedade — faz sempre um papel tristissimo aonde fór necessario a lealdade, e a franqueza.* — De Sir Seymour entre outras analogas expressões

conclue — *Sentimos, que o cortezão da familia Gotha dismintu o caracter de enviado britannico — deixasse o papel de medianoiro para se fazer partidario — irritando o partido contrario, e tornando o da Côte insolente por esse auxilio, etc.*

Esses cavalheiros estam muito superiores ás calumnias dos — *espectros* — e companhia — não necessitam da nossa defeza — os leitores concluirão destas expressões, o que o mesmo imundo papel diz no n.º de 22. — *A diplomacia tomou conta das nossas cousas (do espectro), e forceja por dar cabo dellas.*

Verifica-se ter desembarcado em Villa do Conde o celebre miguelista A. R. Saraiva com o Visconde do Real Agrado, e Lemos, e demorando-se apenas duas horas, se dirigiram a Villa Real, aonde constava haverem organizado uma junta puramente miguelista.

Diz-se, que Guedes, e Bernardino hastearam claramente a bandeira unica porque combattiam, isto é, a do restabelecimento de D. Miguel, e que Povoas seguia o exemplo. Estes *generaes constitucionaes* tinham desligado dos corpos de linha ás suas ordens os officiaes junteiros ainda os mais decididos *patulêas* substituindo-os por *miguelistas*. — Diz o *Brado*, e com razão — *Eis ahi tem a junta o primeiro prémio da sua traição; e verificado o vaticinio, que ha doze para treze mezes fazia no parlamento o Conde de Thomar.*

A Commissão municipal desta Cidade, levada do philantropico desejo de aliviar a classe desvalida, e indigente, cujas precisões se tem agravado pela carestia dos generos das primeiras necessidades, e faltas de trabalho, deliberou abrir algumas obras publicas, que empregasse o maior numero de pessoas necessitadas, não obstante o estado pouco favoravel do seu cofre não só pelas despezas extraordinarias, mas pelo rebate das notas; mas não julgando sufficientes estes meios, assentou convidar o Reverendo Vigario Geral, e Administrador do Concelho para solicitarem subscrições pelos Parochos, e Regedores das freguezias. Sabemos, que estas auctoridades se promptificaram da melhor vontade, e já algumas subscrições estam em poder do Vereador Francisco da Silva Oliveira, escolhido para thesoureiro das mesmas.

Entrou nesta Cidade o destacamento, que no Supplemento de hontem annunciámos ter dispersado a guerrilha, que se reunio na Ega, e o qual lhe apprehendeo, segundo consta da parte official, que temos á vista — cartuxos, 5:000 mil — pedrneiras, 445 — armas, 11 — espadas, 3 — correames, 51 — e tres prisioneiros completamente armados, a saber — Manoel Simões — Bernardo José Ignacio — e José Francisco da Silva.

Por Portaria de 11 do corrente mez foi aggregado ao Batalhão Nacional de Caçadores desta cidade o Capitão do Batalhão Nacional de Setnbal dos Defensores da CARTA e RAINHA, o Sr. José de Saude Magalhães Mexia Salema, por assim o haver pedido, allegando motivos attendiveis.

Temos jornaes do Porto até 20 — extractamos algumas *preciosidades*, que n'elles se encontram.

Os negociantes do Porto, e os Directores da Companhia dos vinhos estam em guerra aberta com os alliados do Limoeiro! Ha muito o sabemos; o *nacional* cahio na fraqueza delle proprio o confessar.

Lê-se no n.º 111 de 18 de Maio — *Denunciamos ha dias uma grande tratantada, que alguns negociantes do Porto queriam fazer, de não pagar suas dividas senão na forma da lei cartista, isto é, metade em notas, e metade em metal. A má fé, que se nota nos chamados negociantes, que assim procedem, é um aviso para que ninguém negocie com elles sem dinheiro á vista, e aquelles a quem elles roubarem, ou pertenderem roubar, devem denuncial os ao publico para se acautellar contra elles. Dizem-nos, que a companhia dos vinhos tambem tem querido pagar metade da importancia das suas dividas em notas. . . .*

Os Portuenses principiam novamente a reagir contra a facção, que os opprime. Os Portuenses são amigos da ordem, e da liberdade — padeceram pela CARTA — sofreram um diluvio de ballas defendendo a RAINHA — são os depositarios do magnanimo coração do nunca assaz chorado Duque de Bragança; vêem centenares e centenares de seus compatriotas prezos, ou homiziados — em ferros o Duque da Terceira — nas enxovias os valentes, que nas linhas da cidade invicta alcançaram honrosas cicatrizes!

Os Portuenses *conspiram* na fraze do *nacional*. Fielmente copiamos do n.º 112 de 19 de Maio estas poucas palavras.

Os cartistas, *abusando da generosidade (!)* da junta, *conspiram de novo por varios modos, e em diversas escallas. . . . Ha clubs plebeos — da classe media, e aristocraticos. . . .*

Ha clubs plebeos — escreve o orgão official da junta, desmentindo assim suas constantes mas falsissimas asserções, de que o povo associa á mais immoral das rebelliões! — *Ha clubs da classe media e aristocraticos*, diz elle — dando assim a conhecer, que a reacção contra a junta nasce desde as choupanas até aos palacios — occupa todas as classes — dirige todos os cuidados, — constitue-se o alvo de todos os esforços dos pobres, e dos ricos!

Eis ahi a *nacionalidade* da junta rebelde! Eis ahi o *apoio*, *enthusiasmo*, e *dedicação* dos Portuenses, com que tanto tem alardeado esses mentirosos pregoeiros da liberdade!

Não admira, que os Portuenses *conspirem*: elles não podem a sangue frio ver os carcerees apinhados de seus honrados compatriotas, cujo unico *crime* é a sua lealdade! — as ruas da Cidade, theatro das façanhas gloriosas dos liberaes, cobertas desses voluntarios realistas, desses sanguinarios militares, desses juizes despotas, que levaram ao patibulo tantos Portuguezes! — As pedras da praça nova ainda gotejam sangue — os ossos dos martyres da liberdade ahi assassinados pela mão do algoz, ainda existem na Misericordia . . . — as lembranças do passado revivem com os insultos desses, que bombardearam a cidade. . . Os Portuenses *conspiram*, porque essa *conspiração* é uma necessidade — um dever — um novo titulo de gloria; *o conspiram na plebe, na classe media, e na aristocracia!*

No Supplemento ao n.º 52 do Boletim dissemos que constava haver cortado a raia d' Hespanha uma porção da Divisão auxiliar destinada a operar de combinação com as tropas da RAINHA contra a rebelião miguelista, que assola o paiz. Os nossos contrarios não quizeram, ou fingiram não querer, acreditar, — nem nós lhe levamos isso a mal, porque, *como não é ponto de fé*, póde cada um acreditar ou deixar de acreditar. Hoje porém lhes damos o desengano de que estavamos beni informados, porque não só uma pequena parte entrou em Elvas, onde o proprio General

Hespanhol D. Manoel de la Concha se acha, mas até a avançada de lanceiros chegou a Extremoz, — que é isso mais alguma cousa. Não somos nós; é o seu estimado *Espectro*, que depois de dizer raio e coriscos do Governo Hespanhol, acrescenta: —

Para vergonha dessa facção (quer dizer — *do partido constitucional, que defende a Rainha e a Carta*), que ainda por ahí se pavonêa, os estrangeiros foram chamados contra nós. Se a rainha fosse quem os chamasse, se fosse quem mandasse vir os castelhanos a esmagar os portuguezes (!), nós com toda a razão bradaríamos que a RAINHA tinha perdido todo o direito ao throno. E de facto o perdêra; porque ficaria duquesa de Mantua, mas não rainha dos portuguezes. E esses castelhanos foram chamados, e os hespanhoes ameaçam a nossa independencia. Não é o sentimento das nossas dissensões politicas que os move, é o medo; são arrogantes por cobardia; receiam que sejamos livres, e que a nossa força os prejudique; querem pois engrossar as fileiras *cubralistas para aniquilarem* a nossa nacionalidade, e por desgraça nossa

Tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes. . .

Vamos publicar documentos, que ficarão perpetuamente gravados na memoria dos homens. Eil-os ahí: —

« N.º 1.º — Administração d'Extremoz. — N.º
« 152 — Illm.º Sr. — O Illm.º Sr. Administrador
« deste Concelho encarrega-me de comunicar a
« V. S.ª que acaba de chegar a esta villa uma
« guarda avançada de cavallaria do exercito
« hespanhol, commandada por um official supe-
« rior, com participação ao General Visconde
« de Setubal da entrada das forças d'aquella
« nação neste reino a fim de por uma vez se
« acabar com essa detestavel rebellião, que tem
« devastado o nosso paiz; o que o mesmo Sr.
« Administrador quer que V. S.ª mande logo fazer
« publico nessa parochia para satisfação dos leaes
« subditos de S. M. a RAINHA e desengano dos
« incautos, que se deixaram arrastar pelas se-
« duções dos rebeldes. V. S.ª enviará certidão
« do cumprimento desta ordem. — Deos guarde a
« V. S.ª — Estremoz 23 de Abril de 1847. — O
« Escrivão da Administração, Thimotheo José da
« Silva. »

« N.º 2.º — Como o Sr. Regedor da Parochia
« d'Azaruja transmittio a minha primeira noticia
« aos rebeldes d'Evora, fazendo-a apparecer nas
« suas chronicas, rogo-lhe queira dar igual an-
« damento a esta, fazendo conhecer que a força
« de cavallaria hespanhola, que aqui pernoitou
« hoje, é de lanceiros, commandados pelo Tenen-
« te Coronel D. Manoel Rodrigues Titelo, e que
« as forças hespanholas, que vem na sua retaguarda,
« são compostas de 3:000 homens de
« infantaria d'Almansa, e quatro esquadrões de
« cavallaria d'Alcantara, um de Maria Christina,
« duas companhias de sapadores do regimento de
« engenheiros, uma bateria de montanha, um
« batalhão do regimento d'Aragão, e mais duas
« baterias, uma de montanha, e outra de obuzes
« de 24. — Estremoz 23 de Abril de 1847. — O
« Administrador do Concelho, Joaquim José
« Ledo. »

Como, pois, é o seu proprio *Espectro*, quem reconhece a intervenção directa do governo Hespanhol, e a effectiva de alguma força da divisão auxiliar, — fiquem os nossos contrarios inteiramente desenganados, de que não fazemos a figura

de Sebastianistas, e de que mais dia menos dia verão cortar a raia de Portugal muitos batalhões Hespanhoes. E bem vindos sejam elles, — não porque não podessemos, tarde ou cedo, vencer com os proprios recursos, ou porque não confie-mos no valor e lealdade dos nossos soldados, e no apoio da parte moral e sensata da Nação, deixando aos nossos contrarios a gloria, que lhes não envejamos, de terem por si a parte *material*, o povo do Limoeiro, — mas porque uma gota de sangue, que se poupe — uma desgraça de mais, que se evite — um dia que se antecipe o triumpho da causa da ordem, é uma fortuna incalculavel. —

(COMMUNICADO.)

Tem decorrido um anno d'epoca a mais notavel para a historia contemporanea da nossa infelicissima patria! Epocha summamente dolorosa pelo sangue, que os revolucionarios, que a infestam talvez mais do que a nenhum outro ponto do mundo, tem feito correr, pranteado, sem possivel reparação, por tantas viúvas, pais, filhos, amigos, e por todos os cidadãos probos e fieis! Epocha terrivel de tão curto espaço, em que o machinismo infernal dos rebeldes tem dado cabo das fortunas publicas e particulares, que restavam das suas precedentes revoluções! Epocha de mortal agonia, e miseria para a Nação; e que todavia muito mais tenebrosa seria, se os facciosos tivessem podido cumprir o exemplo prometido de ensinar ao mundo a *descartar se* de Rei e Lei, como elles em Portugal tem prometido contra CARTA, RAINHA, e Dynastia, ou converter os firmamentos dos systemas politicos representativos em pedestães de fumo, sujeitos ao vacillante e contradictorio sopro de permanente progresso destruidor, confiando-se-lhes as pastas do Governo, e os empregos de todas as classes! Grandemente tem a imprensa insurgente recommendado ao seu mundo (revolucionario) o exemplo, em que a peito descoberto e occulto todos, e cada um per si trabalham, desprezando impossiveis da mais inviolavel moralidade!

Pois bem; justo será, que tambem agora lhes recommendemos, que applicuem o oculo ao exemplo de reprimir insurgentes, que os Governos da Grã-Bretanha, França, e Hespanha lhes vão dar. O famoso theatro politico, que em Portugal se levantou das calamidades neste anno aqui soffridas, e de continuado incendio a penetrar na Hespanha, affectando a França, e prejudicando sobre grandes fortunas Inglezas em Portugal o decoro nacional da Grã-Bretanha, empenhado pela mais longa e correspondida amizade em proteger Portugal, e ultimando pela intimação official do seu Embaixador em Lisboa ao general dos rebeldes com a mais generosa amnistia da nossa maternal RAINHA, continuava a ser o mais rico deposito de factos honrosos á civilisação, e para a historia da Nação, aonde se praticam.

Custa-nos a acreditar, que em Portuguezes, apesar de insurgidos, coubesse regeitar uma amnistia tão philantropica, e as garantias da Inglaterra e Hespanha pelos seus representantes; porém, se tal aconteceo, o anathema do mundo civilisado estará fulminado contra os rebeldes; e pouco tardará, que sobre suas cabeças reverta o enorme peso das injustiças, com que continuam a flagellar a patria, e a tentar revolucionar o mundo!

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Pugnámos sempre pela paz, mas firme e decorosa, não ephemera: escrevemos sempre, que era nossa primeira necessidade a união da familia Portugueza, bens preciosos, que a anarchia e a guerra civil não consentem, antes devoram com os ultimos restos de nossas já tão mesquinhas fortunas. Entendemos sempre que para arrancar a raiz de tamanhos males, essa guerra civil, eram mistér todos os esforços, louvaveis todas as concessões compatíveis com esses mesmos bens, em cujo favor seriam feitas.

A diplomacia entreveio na lucta em nome da humanidade; e o meio das concessões foi adoptado pelo governo de Sua Magestade. Pelas cartas dos cavalheiros Wylde e Seymour sabemos, que a nossa *Benigna* RAINHA concedeo uma amnistia, e que as nações alliadas receberam da Mesma Senhora *as seguranças mais satisfactorias, e as mais amplas provas de suas benevolas intenções.* Não nos era mistér essa declaração: se algum documento fôra necessario, ahí estava o humanissimo manifesto de 6 d'Outubro; — ahí estava o vivo exemplo de perdão e benevolencia, com que tem sido tratados tantos officiaes e paisanos, apanhados com as armas na mão; e que segundo todas as leis militares, rigorosamente observadas nos outros paizes, haveriam passado pelas armas.

Essa amnistia generosa foi regeitada; é sabido, que a junta entende competir á sua alta potencia dar as leis, não recebê-las; perdoar, não ser perdoada! Similhante renitencia, que para nós foi sempre indisculpavel, *não volver immediatamente* (como se expressa Sir Seymour) á sujeição e obediencia, deixa d'hora em diante de ter qualquer desculpa para aquelles mesmos, que fôra mister desenganar.

Resta pois para se alcançar a paz, o meio terrivel, mas inevitavel da guerra.

A RAINHA dos Portuguezes poude sempre com a consciencia livre e desassombrada ordenar, e dirigir esta desgraçada guerra: — não foi ella quem a declarou, não é ella quem a alimenta. Pertenderam derrubar-a do throno, destruir a obra de seu Saudoso PAI, exterminar seus subditos mais fieis: para levar ao cabo tão horriveis intuitos deram vida ao miguelismo, que jazia moribundo; — aticaram todas as paixões e ambições; — levantaram o estandarte da democracia Iberica; — seduziram e corromperam o povo miudo; — e por fim recrutaram novos batalhões nos calabouços do Linoeiro!

Que devia de fazer a Soberana? Offerecer-lhes por ventura a cabeça, — entregar-lhes a mão para que rasgassem com ella a Carta, que jurou defender?

Mas os nossos fieis alliados persuadiram-se que era mister para pôr termo a tamanhos males, como a guerra tem produsido, que Sua Magestade se dignasse decretar uma amnistia; e elles proprios correram a communicar-a aos insurgen-

tes « — será, estou convencido, attendida com gostosa alacridade (escrevia o mesmo Ministro Inglez)! Enganava-se: ou não conhecia os homens, ou por politica fingia não os conhecer.

A RAINHA fez quanto lhe permittia o seu decóro, e quanto, salvo este, seus fieis alliados julgaram convir ao conseguimento da paz. Quem duvidará pois, que da nossa parte a guerra está revestida e sanctificada com quanto de mais puro ha na moral? Pugnamos pela ligitimidade, e pela ordem e segurança do estado, como de principio; temos para mais em nosso favor agora a intima consciencia, de que esgotámos os meios de evitar a sua funestissima continuação. Na lucta com um tigre sanguisedento, que não se aplaca senão devorando-nos o sangue, que ha para fazer senão forçal-o a fugir, ou a largar a vida?

Mas que motivos embaraçaram a junta de acceder á intimação das tres potencias, acompanhada da certeza de sua interferencia armada? como explicar tamanho desvario? como conciliar esse facto com os principios e theorias d'homens, que se dizem liberaes, os quaes levados, sob a egide da mediação estrangeira, ao campo regular das eleições, nos podião dar serios cuidados, e por ventura conquistar uma influencia terrivel sobre nossos destinos?

Quereis couhecer taes motivos? Lêde-os nas columnas do *grito, do povo, do nacional, e da estrella*, desde Maio: — Lêde-os nas communicações interceptadas aos rebeldes; — lêde-os nos compromissos com a junta miguelista de Guimarães, postos agora por obra em toda a sua extensão nas provincias do Norte: — lêde-os em fim na propria *carta regia* de D. Miguel a Caudido Rodrigues!!

O *instincto* da revolução é — *Rainha fóra.* — Os insurgentes democratras sacrificam tudo, as crenças e os interesses, (esperançados no futuro, que reconquistarão o seu poderio), para obterem esse fim por meio do auxilio miguelista, sem o qual nada fariam. E os miguelistas, firmes e inabalaveis no seu crédo, dirigindo todas as suas vistas, todos os seus esforços, todos os seus tiros ao unico alvo — *Rainha fóra* —, marcham com as armas da junta, com as suas munições, com os seus soldados, sob as ordens dos generaes, dos agentes, e do proprio Lugar-Tenente de D. Miguel!

Homens incredulos, dizei-nos, quem comanda ao norte do Douro? . . . a quem victoriam esses chefes? . . . que ordens tem elles do seu chamado rei nessa famosa carta regia? . . . quem alimenta, e dirige por toda a parte a inquietação popular? . . . qual é a creença destes fidalgotes, que ousaram tornar a levantar junto de nós o pendão da revolta? . . . quaes são as aclamações dos miseraveis, que os seguem? . . . Com taes gentes era impossivel a conciliação; fôra frustar o *instincto* da revolução — *Rainha fóra* —. A junta do

Porto talvez quizesse, toda ou parte, abater as armas, porque enfim sempre queremos acreditar, que esses homens esperam mais da CARTA e da RAINHA, do que de D. Miguel e de Candido Rodrigues; porém não podem: os depositarios da força não consentem.

A's armas pois, como em 1832 e 1834, pela Lei e pela Grei, pela CARTA, pela causa da liberdade legal, e pela Dynastia de D. PEDRO.

Em breve as *ulteriores medidas concertadas* (como dizia o mesmo Seymour) pela Grã-Bretanha *com os governos da Hespanha e França* para levar a effeito a pacificação deste paiz surtirão o seu effeito; e os insurgentes tarde conhecerão quão erradamente procederam regeitando a esperanza do perdão. Uns e outros causam dó, e se não foram os graves males, de que são origem, por ventura que castigo mais adequado á sua pertinacia seria a casa e as palhas dos orates.

Homens da junta! que podeis sem os miguelis? . . . nada: e se triunfasseis, qual seria a constituição do Candido Rodrigues, que aguardava o vosso liberalismo? . . . as forças da praça nova.

Homens de D. Miguel! . . . não lèdes, que a unica duvida, que no principio soffreo o negocio da intervenção, foi porque a vossa alliada, renegando vossos pactos, protestou, lacrimosa e compungida, que a RAINHA possuia todos os seus affectos e acrisolada fidelidade? . . . não vêdes, como nas Camaras Inglezes por tantas vezes se tem expressado os Ministros a favor da sustentação do governo e dynastia de Sua Magestade? . . . não vêdes, que a Hespanha não quer Montmolliu, tanto como a joven Iberia; e que a França não regeita menos a republica, do que Henrique 5.º? . . .

E aonde está o vosso rei? por que não se apresenta á vossa frente? . . . Sois campeões de um principe sem animo, sacrificais a vida, e as fortunas por um fantasma!

O *Nacional* disse, ha tempos, que o boletim era obra de quatro doutores, que nomeava: enganou-se porém. Não são quatro, mas muitas vezes quatro, tantos quantos os numerosos fieis subditos da RAINHA: para todos se abriram estas paginas; todos concorrem a enche-las, communicando pensamentos ou noticias: — *pensamentos* tão varios em todo o accidental ao fim da lucta, como uniformes no ponto essencial; — *noticias* ora revestidas da maior verdade e critica, ora apenas derivadas de um simples *diz-se*.

Nesta circumstancia, e em outras filhas da epocha, da natureza dos negocios sobre que mais tem escripto o boletim, e da sua propria e primitiva constituição, — terão nossos leitores a chave das differenças, e mysterios, e apparentes ou innocentes inexactidões, que nos hão sido censuradas; — *o porque* da mansidão nos artigos d'hoje, e da fortaleza nos d'amanhã; — *o porque* do espirito de conciliação aqui, e do ardor das batalhas acolá; — *o porque* d'um ou outro juizo politico sobre factos passados, e do summo cuidado em evital-o; — *o porque* de certa noticia que era falsa, ou que tarda em realisar-se, etc.

RAINHA e CARTA, paz com dignidade, e não ephemera: — nisto concordamos todos: tudo quanto não é isto, fica á liberdade do pensamento e á consciencia de cada um.

Querer que respondamos pela exactidão e rigorosa critica de quanto aqui noticiamos segun-

do nossos correspondentes nos escrevem, é querer que o *Boletim* deixe de ser o que é, — um jornal quasi quotidiano. Para evitar uma ou outra inexactidão, fôra mister adoptar o systema do *Diario*: — querel-o-hão nossos leitores? Nesse caso fôra forçoso, que cessassemos esta publicação, porque ao presente nos fallece o tempo, os materiaes, e a paciencia para escrever noticias dos Bispados do Brasil, ou da literatura hespanhola.

Querer que nossos artigos, tão accordes nos pontos essenciaes, não o sejam menos nos accidentaes, é querer que o nosso jornal deixe de ser propriedade de quem é, — *scilicet* de todos os Cartistas em geral, e de nenhum em especial.

NOTICIAS.

Sabemos *com certeza*, que o General Conde do Casal tivera instrucções superiores para deixar Lamego, affectando uma retirada, a fim de atrair as forças rebeldes do commando do Povoas a passarem o Douro, e virem occupar aquella cidade, aonde por certo receberiam o castigo de semelhante atrevimento. Com effeito o Conde effectuou este movimento na melhor ordem até Castro Daire; e alli reforçado pela columna do commando do Barão de Villa Nova d'Ourém, esteve aguardando aquella tão decantada passagem dos inimigos: mas vendo, que estes nada resolviam, e que nem achando indefez o passo, se atreviam a tental-o, tornou a ir no dia 24 do corrente a occupar as anteriores posições na mesma cidade de Lamego e logares circumvizinhos. O velho Povoas com este acto de verdadeira cobardia desenganará os seus amigos das duas Beiras, a quem pertendeo illudir, e fazer sublevar com a promessa daquella ousada marcha. Por este acto podem conhecer os mesmos habitantes da Beira, e todos os que ainda por malicia ou estupidez confiam nas fanfarronadas dos setembro-carrascomiguelistas, o que podem esperar do caduco Povoas, e dos seus famigerados camaradas de partido.

Sabemos igualmente, que os rebeldes, persuadidos de que os meios empregados de ha muito pelos seus agentes para corromper a nossa marinha tinham produzido effeito em parte da marinhagem dos dous vasos de guerra, que estavam fundeados defronte da Barra do Porto, e que só faltava para se *pronunciarem* contra os commandantes e guarnição occasião opportuna de o fazerem com certeza do resultado, fizeram sahir em uma das ultimas madrugadas os Vapores ao seu serviço: estes atacaram de improviso os nossos vasos, principiando o fogo, mal iam saindo a barra, como para assustar aquelles de quem receavam, ou animar os que persumião seus: acharam-se porém enganados, porque os nossos vasos os *obsequiaram* com *salvas* de artilharia, e os estrangeiros correram em auxilio dos nossos.

Os Vapores rebeldes foram obrigados a recolherem-se á barra.

Ilogo que Xavier chegou ao Porto no dia 23, se dirigio a bordo do principal vapor Inglez, aonde se achavam os commandantes dos outros vasos de guerra, os quaes lhe intimaram pela segunda e ultima vez, que depozesse as armas, e se sujeitasse ás ordens da RAINHA. — Xavier respondeu, que não o podia fazer, porque receava os *exaltados*.

Na madrugada do dia 24 sahio do Porto sobre Oliveira d'Azemeis com todas as forças — foi mais

uma *patacuada*, porque, logo que ouviu as musicas dos corpos fieis, retirou para o Porto, aonde entrou ás trindades do dia 25 praguejando contra seus correspondentes d'Oliveira d'Azemeis, que lhe asseguravam, que o Nobre Duque de Saldanha ia já em retirada para Coimbra! O homem vinha fanfarrão, julgava picar a retaguarda do exercito, mas como achou o exercito em frente, fugio.

Sabemos, que os Consules Inglez, e Hespanhol estavam a embarcar, porque a junta repelio a proposta de suspensão de hostilidades. Sabemos tambem, que a esquadra, que está bloqueando a barra do Porto, consta de 12 vasos, estrangeiros e nacionaes, entre elles a Fragata, e o Brigue Portuguez, e que vai ser reforçada com a Náo — Vasco da Gama — e Corveta — Iris.

Corria tambem ter sido reforçado com tropa o Castello da Foz, e certificava-se, que muitas familias estrangeiras já tinham sahido para Vigo, e que estavam fretados mais vazos mercantes para outras que pertendiam seguir igual destino.

Na tarde do dia 24 foram lançados os ferros para irem á grilheta a 26 soldados da RAINHA, que se achavam presos nas cadêas da Relação do Porto!!!

Eis ahi como no Porto são tratados os prisioneiros! Eis ahi como homens, que se dizem liberaes, recompensam o nobre e honroso proceder de soldados valentes e fieis! E chamam a este aviltante castigo — *suave* — e mofam dos infelizes, que o sofrem, dizendo, que é uma *felicidade ser prisioneiro do Conde das Antas!!* Oh! Esses ferros, que oprimem nossos camaradas, serão quebrados — essas algemas, que roxeiam seus pulsos, seram despedaçados — esse castigo mil vezes afrontoso, que lhes impozeram, será vingado — vingado sim, porque contra homens, que assim tratam os prisioneiros de guerra, não ha, nem pôde haver amnistias: guerra, e só guerra!

Pelas participações officiaes recebidas da Guarda em data de 24 e 25 se sabe continuar em socego esse Districto, não tendo aparecido symptomas de anarchia, excepto em Vilmonde, aonde appareceu no dia 22 o famoso miguelista Mimoso, Abade de Linhares, com o fim de alliciar gente para ir fazer o pronunciamento miguelista na Guarda, o que sabido alli pela meia noute desse dia marcharam 20 nacionaes daquella cidade sobre esse ponto, e caíndo sobre elles de improviso os dispersaram, deixando mortos no campo entre outros o chefe — Mimoso.

Consta — oficialmente — de Viseu, em data de 24 e 25, achar-se este Districto em socego, não tendo aparecido symptomas de anarchia em todo elle, apezar dos esforços empregados pelos agitadores, excepto nas povoações de Tavares, Mangualde, e Sandomil, aonde apenas se reuniram uns 200 homens armados, a cuja frente se collocou Manoel Cardoso de Faria. Muitos dos insurgentes recolheram logo a suas casas, desenganhos da falta de apoio, que recebiam dos povos, e constando-lhe da attitudo, em que estava Viseu. Os poucos, que ainda se conservavam reunidos, foram completamente dispersos por uma columna de linha, e nacionaes, que sobre elles cahio.

Viseu tinha antes deste desfecho tomado uma attitudo bellica. — O collegio (edifficio das repartições), e uma casa fronteira tinham sido fortificados, e abastecidos de mantimentos, de maneira,

que dali se expressão assim — estes dons castellos seriam baluartes inexpugnaveis. se os insurgentes tomassem corpo; e se ousassem atacar a cidade, sofferiam boa lição; mas não engrossaram, nem vieram; cada vez mais nos devemos persuadir, que as scenas de Maio passado não se repetem — os povos foram uma vez illudidos — hoje estam desenganados — conhecem os homens, que os atacam — querem paz, e por isso não seguem os agitadores. — O Governador Civil o Sr. Lopes Branco tinha desenvolvido a sua costumada actividade, e as acertadas e activissimas providencias, que deo, inutilisaram completamente os esforços, que os anarchistas empregavam ha mezes para sublevar os povos. Todas as Auctoridades, Secretario Geral, empregados publicos, officiaes, e soldados dos corpos nacionaes e de linha, que se achavam em Viseu, sam dignos dos maiores elogios. Quando se julgava impossivel a organização d'um Batalhão Nacional em Viseu, eis-o ahi organizado, fazendo serviço, sendo-nos muito lisongeiro dizer, que durante a crise, porque passou aquelle Districto, se houve com firmeza, decisão, e prestou grande serviço. =

Pelo que respeita a este Districto de Coimbra; a muito decantada revolução — *abortou* — passando os *cavalheiros* insurgidos pela *incivilidade* de nem ao menos nos mostrarem os piquetes de suas guardas avançadas. — Nesta cidade tem havido o maior socego — nem o mais leve symptoma de inquietação se manifestou.

Neste Districto a prompta dispersão dos guerrilheiros de Lemos pôz em confusão os comparsas, os quaes, apesar de reunidos, não poderam contar 200 homens, como se vê do extracto do officio abaixo transcripto. Os insurgentes estavam no Espinhal, mas tão desanimados, que á simples noticia — ahi vem tropa — fugiram desordenadamente para a Serra do Trivim. — Em Goes o Barreto — foi assaz infeliz — porque alguns voluntarios do Batalhão Nacional ahi organizado, reunindo-se em uma eminencia, lhes fizeram fogo, de maneira, que elle teve por mais acertado deixar a villa, e ir procurar fortuna em povoações que o não conhecessem.

Em todos os outros pontos do Districto existe perfeito socego, e de todos tem chegado as mais satisfactorias noticias transmittidas pelos respectivos Administradores dos Concelhos. Os povos estam com este honroso procedimento dando um novo testemunho da sua dedicação á RAINHA, e do seu completo desengano. As scenas de Maio passado não se repetem — as illusões acabaram — os homens ficaram conhecidos, para serem novamente acreditados. — Este estado satisfactorio do Districto — esta victoria d'ordem sobre a anarchia tanto mais importante, quanto foi alcançada, empregando-se meios os mais brandos, e luctando-se com o traiçoeiro, e desleal proceder de homens, que se dizem *cavalheiros*, mas que entre tanto mordefam com a maior infamia a mão generosa, que os tinha acobertado do justo castigo de seus crimes, — deve-se a Sua Exc.^a o Governador Civil e militar Barão de Almofalla, crédor das sympathias geraes pela energia, decisão, intelligencia, e summa prudencia, com que sem o menor aparato soube inutilizar todas as tramas miguelistas, assegurando a Coimbra, e ao Districto a ordem, e a tranquillidade pública. Graças, mil graças a Sua Exc.^a! Graças, mil graças a quantos o coadjuvaram!

Por officio do Governador Civil de Leiria em data de 25 consta — « que os dispersos da Ega, Lemos de Condeixa, Figueiredo da Louzã, Gue-

des Garrido da Boiça, Feio de Carvalho da Lagarteira, e um Ribeiro de Malaguarda do Concelho d'Ourém, reuniram a 24 em Ancião com as suas competentes guerrilhas, as quaes não chegavam a 200 homens. — Lemos, que se diz ter promettido 300 guerrilhas, chegou a Ancião com menos de 30, em consequencia, dizia, de lhe terem debandado por ter chegado a Condeixa tropa fiel; — marcharam sobre o Espinhal. »

Por officio do Administrador do Concelho de Pombal, e na mesma data, consta, que desses sitios apenas tinham sahido quatro individuos a reunir a Lemos.

Temos noticias de Castello Branco de 24, as quaes afiançam o socego publico nesse Districto. Os bandoleiros que ainda abi ha pouco gyravam, fugiram para a parte mais montanhosa da Serra, deixando a columna do Capitão Liz de Cavallaria 8 desembaraçada para passar o Zezere, e vir atacar os insurgentes, que estavam no Espinhal, de combinação com as columnas, que já sahiram desta Cidade.

Escreve de Lisboa em data de 24 do corrente pessoa do maior credito, e bem informada. — Já não se póde duvidar, que as potencias alliadas intervem *activamente* na nossa questão a favor da RAINHA, e sei, que já esta sahida do — *Polyphemus* — e d'uma fragata de guerra iugleza, e d'outra hespanhola, e d'um vapor francez para a barra do Porto, foi destinada a manobrem *activamente*, caso a junta se recusasse á ultima intimação, que em nome das mesmas potencias tinham a fazer-lhe. Depois da junta conhecer que estes factos sam serios, e não simples bons officios conciliadores, como ao principio presumio, ou fingio presumir, é de crer que accete a amnistia para não perder todas as garantias. »

De Aveiro dizem em 25 o seguinte: — Nesta cidade continúa inalteravel o socego publico, e bem assim no Districto. No dia de hontem sahiu daqui um destacamento do Batalhão Nacional desta cidade, commandado pelo Tenente Luiz Val Pereira d'Almeida, com o fim de percorrer alguns pontos, a fim de obstar á formação de quaesquer guerrilhas, que possam interceptar as communições, e para auxiliar a cobrança dos impostos, etc.

Hontem á noite chegaram pessoas vindas das visinhanças do Porto, que confirmam terem os consules de Inglaterra, França, e Hespanha abtido a bandeira, etc., o que é certo é, que os patulêas daqui andam prostradissimos. =

Muitos — inumeraveis exemplos encontramos na historia do nosso Paiz, do que vale a honra e a fidelidade para um portuguez.

Se infelizmente estes nobres sentimentos tem podido esfriar em alguns illudidos, nem por isso deixam de avultar ainda em nossos dias as heroicas virtudes das primeiras idades da Monarchia Lusitana.

A par do nome do famoso Martim de Freitas, que sómente se reputou desligado do juramento de fidelidade ao seu Rei, quando em Toledo lhe depositou sobre o tumulo as chaves do Castello de Coimbra, será tambem lembrado com acatamento nas gerações futuras o nome do valente Major Sobral — Governador do Castello de Vianã do Minho, em Maio de 1847.

Obrigado com a heroica guarnição dos bravos do seu commando — depois de sustentar o mais rigoroso sitio e bombardeamento em que os revoltosos se empenharam — reduzido por cir-

cumstancias extraordinarias e incriveis a perecer de fome, ou entregar-se ao inimigo; elle não quiz, nem ainda morto, ficar em seu poder, a menos que não fosse succumbindo no campo aos golpes dos contrarios.

Todos os seus subordinados tinham o mesmo sentir; e ainda que extenuados pela fome tomaram a desesperada resolução de sahir do Castello e morrer com a espada na mão ou salvar-se. Mas um pensamento grande assomou na alma do brioso portuguez, do official de honra; cingio-se com a bandeira que jurára defender, fez sahir do Castello a guarnição, fechando-lhe as portas, e luctando com mil difficuldades pôde escapar aos sitios que poucos bastavam para combater, homens abatidos pela fome e pela sede.

Hontem teve a honra com os Officiaes do seu commando de beijar a Mão a Suas Magestades a Senhora DONA MARIA II, e Seu Augusto Esposo; e entregando a Sua Magestade a RAINHA as chaves do Castello de Vianna, e a bandeira nacional, renovaram todos os seus juramentos de lealdade, que tão bem mostraram saber guardar.

É inutil dizer quanto esta scena foi tocante. Não podiam Suas Magestades deixar de se sensibilisar com pensamento tão heroico dos valentes, que marchando para a morte para evitar a morte não esqueceram os seus juramentos de honra.

Deixamos consignado este facto importantissimo, que ainda sobe de valor, quando se contempla no meio da corrupção que tem infeccionado uma boa parte dos membros da familia portugueza.

Possa este exemplo ser imitado por todos, e tornaremos ainda a ser os portuguezes dos afortunados tempos dos nossos maiores.

(Diario).

Abaixo publicamos um novo documento do *liberalismo* da junta facciosa, que não se envergonhou de pedir o auxilio dos miguelistas, e reclamar o apoio dos criminosos do Limoeiro para desthronar a sua benigna RAINHA!

Cópia remettida por pessoa do maior credito ao Illm.º e Excm.º Sr. Marechal do Exercito Duque de Saldanha, de um Officio dirigido por um chefe miguelista a outro do mesmo partido.

Illm.º Sr. — Agora mesmo recebi ordem d'El-Rei para me unir á excm.ª junta do Porto, o que immediatamente faço, e para que chegue ao conhecimento de V. S.ª e mais pessoas, o faço sciente, ficando V. S.ª na certeza que a vontade d'El-Rei é debellar os Cabraes, e agora vamos acabar com elles todos unidos.

Deos Guarde a V. S.ª Quartel em Cobide 17 de Maio de 1847. — Illm.º Sr. Commandante do Batalhão de Fafe. — João Baptista Rebello Pereira, Commandante das forças realistas de Vieira.

P. S. Disfarce o papel, o lugar assim o permite.

ANNUNCIOS.



Joaquim Jorge Pinto, Tabellião de Notas nesta cidade de Coimbra, tem a honra de por esta fórma fazer sciente aos seus amigos, e mais pessoas em geral, que desejarem obsequial-o, que tem estabelecido o Escriptorio na rua da Calçada da dita cidade, n.º 141, 1.º andar.

COIMBRA: Na Impr. da Univ. 1847.

SUPPLEMENTO

AO N.º 63.

DO

BOLETIM CARTISTA
DE COIMBRA.

SEXTA FEIRA 28 DE MAIO.

Boletim do Telegrapho de Coimbra 28 de Maio de 1847.
Do Telegrapho de Oliveira de Azemeis.

S. Exc.^a o Marechal Duque de Saldanha, a S. Exc.^a o Com-
mandante da 2.^a Divisão Militar.

AFfirmo a V. Exc.^a, que o Barco de Vapôr Inglez Bulldog communicou na Barra do Douro na noite de 26 do corrente, vindo de Inglaterra em direcção a Lisboa: que o Commandante entregou ao Consul Inglez alguns Officios do seu Governo com o *ultimatum* do mesmo Governo para intervir activamente.

Em Vigo desembarcaram dous Emissarios para Madrid a fim de pedir ao Governo da Nação vizinha, que mande immediatamente entrar em Portugal as suas Tropas. Tambem sei, que este Exercito vai ser augmentado com mais 10\$000 homens Hespanhoes. Em 28 do corrente.

M. A. d'Assumpção, 1.^o Sargento commandante do Telegrapho.

Napier foi escolhido pelo Governo Inglez para Almirante da Esquadra, que deve cooperar activamente. — O Conde do Casal occupa suas antigas posições; officiou de Lamego em 25. — O Barão d'Ourém (Lapa) estava em Cêa, aonde, como por encanto, appareceu, depois de dispersar completamente os guerrilhas, que se tinham levantado em Mangoalde. Os miguelistas de Lemos e companhia fugiram do Espinhal para a Serra, apenas lhes constou da marcha para Miranda d'uma das columnas volantes, que sahiram desta cidade. Antas recolheu-se ao castello da Foz com a maior parte da sua força: terá por ventura o projecto de embarçar d'ahi o desembarque de forças Inglezas?! O Barão de Vinhaes passou á Barca d'Alva para a Beira com toda a sua força.

SUPPLEMENTO

ANNO 1810

BOLETTIN CARLISTA

DE COLOGNA

1810

Boletim do Telegrapho de Colônia de 22 de Maio de 1810
Do Telegrapho de Olinda de 22 de Maio

S. Ex. o Marçal Duque de Saboia, e S. Ex. o
mandante da S. D. João Maria

Afirmo a S. Ex. que o barão de Vitoriano
comunicou ao barão de Uvero no dia de
te, tendo de habitar em direção a Lisboa
mandante, entregou ao conselheiro
seu governo com o alvará de
terá activamente

Em 7 de dezembro de 1810
a fim de pedir ao governo de Lisboa
imediatamente entrar em Portugal
bem sei que esta Realidade em ser
102000 contos de reis de 28 de fevereiro

M. A. de Assumpção, o seu
legado

Para se ver a Realidade de Lisboa
— O barão de Uvero, o barão de Vitoriano
Portugal, e o barão de Vitoriano
reino de Portugal, e o barão de Vitoriano
legado de Lisboa, e o barão de Vitoriano
voluntades, que se trata de Lisboa
força, e o barão de Vitoriano, e o barão de Vitoriano
de Lisboa, e o barão de Vitoriano, e o barão de Vitoriano

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20 rs. — repetidos 10 rs.

Quiz o nosso máu fado que nos viesse á mão o n.º 49 do Espectro de 18 de Maio, e que achássemos exarada em suas columnas uma carta de Sá Nogueira, na qual desmente as asserções do Coronel Wylde. Não é nosso costume occupar o tempo com esses nojentos papelluxos, orgãos da facção, que assola, e devasta o desgraçado Portugal ha mais de um anno; porque sua linguagem calumniosa, indecentissima, infame, e altamente grosseira nos faz perder o sangue frio, e placidez de animo necessarios para os analysar: porém, já que o acaso quiz que não escapássemos á leitura do tal *fantasma*, não podêmos deixar de responder ao mais curioso dos periodos da carta de Sá Nogueira, que vamos transcrever. « Apresentam-me (diz elle) como estando disposto a aceitar a « amnistia; sobre este ponto bastará dizer que a « linguagem, que tive com o Coronel Wylde, e « com os dois commissarios, que de Madrid vieram ao meu quartel general a pedir-me uma « suspensão de hostilidades sempre foi que a palavra amnistia, fosse qual fosse o sentido, que « lhe ligassem nos paizes estrangeiros, em Portugal envolvia de tal maneira a idéa de perdão, « que por certo não podia applicar-se a uma nação inteira, que levantando-se para reprimir as « *infracções da Constituição*, praticadas pelos « conselheiros da Corôa, não tinha feito mais do que fazer uso de um direito inalienavel; e que « quando houvesse amnistia, ou perdão, sómente « poderia ser applicavel *aos fautores do attentado* « *commettido contra a lei fundamental do paiz.* »

Nós estamos de accordo com esta doutrina, e tambem dizemos, que o perdão só pôde ser applicavel *aos fautores do attentado contra a Lei Fundamental do Paiz*: mas quem foram esses *fautores*? quem attentou, e tem attentado sempre contra a Lei Fundamental do Paiz?

Fostes vós, homens ambiciosos, sem honra, sem lé, e sem vergonha, que depois de uma orgia nocturna, e na manhã de 10 de Setembro de 1836 arrojastes a RAINHA, banhada em pranto, á casa da Camara de Lisboa, e ali a constrangestes a rasgar a Lei fundamental do Paiz, e investindo-a assim de poderes descripticionarios, a tornastes superior á Lei, e a proclamastes absoluta. Fostes vós, homens incorregiveis, e despresiveis hypocritas, que extorquistes a Sua Magestade o Decreto de 10 de Fevereiro de 1842, pelo qual de seu *motu proprio*, e *sciencia certa* mandava reformar a Carta Constitucional attentando assim contra os artigos 140, 141, 142, e 143 da Lei Fundamental do Paiz. Fostes vós, facção immoral, e calumniadora, sem brio, e sem caracter, que pela segunda vez, calçando os mencionados artigos, compellistes a RAINHA a rasgar a Lei Fundamental, convocando Côrtes constituintes, para reformar a Carta, que não pôde ser constitucionalmente reformada, senão pelos tramites por ella marcados. Fostes vós, impudentes *sans-culotes*,

que forçastes a mão de Sua Magestade a assignar o decreto da lei eleitoral, por vós arranjada para levardes ao parlamento exclusivamente a vossa clientela. Fostes vós malvados, que atacastes as prerogativas da Corôa, e attentastes contra a Lei Fundamental do Paiz no §. 5.º do artigo 74, hasteando o pendão negro da guerra civil, porque Sua Magestade vos despedio dos seus conselhos, e chamou outros para o vosso lugar. Fostes vós, que compellistes a RAINHA a violar a Lei Fundamental do Paiz no artigo 107, demittindo dons Conselheiros de Estado, *vitalicios*, para cevardes vosso odio, e vossa vingança. Fostes vós, que promovestes as revoltas da tropa em 1840, e 1844, e que da força armada, essencialmente obediente pela Lei Fundamental, artigo 115, fizestes a força armada essencialmente revolucionaria, e desobediente. Fostes vós, e só vós, que zombastes de todos os direitos, roubando os Cofres Publicos, e os Bancos, vós, que tendes as prisões cheias de homens innocentes, sem processo nem sentença, escarnecendo assim das garantias individuaes, que formam a unica liberdade dos cidadãos. Fostes vós, que...

Mas pararemos aqui; que é impossivel seguir-vos passo a passo em todas as vossas torpezas, ou compilar a somma enormissima de vossos attentados..... Quem nos fala em attentados? quem?... O Quixote de Val Passos, que, durante o seu ultimo ministerio, passou por cima de todas as leis para fazer Alferes aos sargentos, que em Almeida foram despachados pelo consciencioso Valdez; o homem que teve o despejo de lhes mandar contar a antiguidade desde 15 de Fevereiro de 1844, preterindo assim mais de cento e cinquenta officiaes, que se não tinham manchado com o crime de rebellião, e sem attenção aos seus direitos adquiridos, nem respeito pela moral pública, pois que esses homens por elle agraciados, tinham vindo a Portugal em virtude de um perdão, e por isto mesmo o ministro reconhecia o crime, e a justiça do castigo.

Quem nos fala em attentados? o fanfarrão de Setubal, que ministro da Corôa em Setembro do anno passado, escrevia *confidencialmente* ao Xavier, e lhe dizia « trata-se de uma mudança ministerial; esteja prevenido para se lhe oppôr *com mão armada* »! Quem nos fala em attentados? o homem, que contra a expressa prohibição das leis despachava Alferes a Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, que era apenas anspeçada, quando a lei ordena positivamente que ninguem possa ser promovido a Alferes sem ser primeiro sargento, e achando-se o promovido prezo pelo crime atroz de ter espancado um Lente da Universidade de Coimbra; e não contente em despachal-a lhe deo ainda a antiguidade de 15 de Fevereiro de 1844!... Outro tanto praticou o mesmo ministro com Antonio Joaquim da Encarnação Junior, dando-lhe as mesmas vantagens, apezar

de não ser o agraciado mais que um paizano, pois que havia dois annos, que tinha sido demittido do serviço. Quem nos fala em attentados? quem? « o homem, que, conjunctamente com os seus collegas, não cõrou de vergonha, referendando o decreto de 3 de Agosto sobre a transferencia dos Juizes, e esquecendo-se de tudo quanto na Camera tinha dito para impugnar um decreto identico, que se tinha publicado no anno antecedente!!... »

Não comportam os limites de um jornal o enumerar todas as infracções, praticadas por esta canalha. Não ha um unico artigo da Carta, que não tenham infringido, uma unica folha, que não tenham rasgado. Se a RAINHA em 6 de Outubro tivesse chamado aos seus Conselhos homens pertencentes á facção desorganizadora de Sá Nogueira, seguramente elle e seus adherentes não achariam nisso infracção da Lei Fundamental do Paiz.

Hypocritas, porque não tendes ao menos o merecimento da franqueza? sede sinceros, e dizei — arvoremos o estandarte da revolta, e submergimos a Patria em um mar de infortunios, porque em 6 de Outubro vimos que o poder nos escapava das mãos, e temos devastado Portugal para conservarmos os empregos, de que haviamos despojado os nossos inimigos politicos. Quanto á accusação, que fazeis aos Cartistas, de quererem estabelecer o absolutismo, por hoje só vos respondemos que, acatando e respeitando a RAINHA, não Lhe concedemos superioridade sobre a Lei, como vós Lhe tendes reconhecido. Eu creio em Deos mais, do que os meus perseguidores, exclamou Socrates no momento, em que, condemnado á morte, bebia a cicuta: e como elle dizem os Cartistas — nós respeitamos, e amamos a Liberdade mais, do que os nossos vis calumniadores.

Lê-se no Diario:

O Times resume as occorrencias de Portugal, referindo-se, como se vê, ás correspondencias recebidas, das quaes é, a bem dizer, um extracto o seguinte artigo. Diz o Times de 15:

« As volumosas communicações que recebemos hoje dos nossos correspondentes de Lisboa e Porto, comprehendendo grande parte das instrucções e da correspondencia official do coronel Wylde e dos chefes da junta, serão lidas com interesse. Apesar de ser muito differente o espirito dominante na capital e no Porto, apesar das differentes noticias sobre materias de facto, que correm nos dous referidos pontos, estas contradicções não são tão inintelligiveis que possam evitar aos nossos leitores fazer idéa segura do estado da questão em ambos os lados. Por conseguinte faremos um pequeno resumo dos principaes acontecimentos que têm tido lugar neste notavel periodo da historia de Portugal.

« É mister recordar que quando as nossas ultimas informações tinham sahido de Lisboa, a cõrte tinha accedido á mediação da Grã-Bretanha, nos termos em que Sir Hamilton Seymour tinha sido auctorizado para a offerer; e o Coronel Wylde estava para partir, na primeira occasião, para Setubal, portador destas benevolas propostas de paz. Chegou áquella Villa muito cedo no dia 30 de Abril, e não se demorou em abrir communicação com Sá da Bandeira, com o fim de se obter uma suspensão de hostilidades, por tanto tempo quanto fosse necessario para se concertar com a Junta do Porto uma completa pacificação. Era de esperar que semelhante proposta fosse promptamente acolhida por Sá da Bandeira; porém esta esperança foi illudida; porque esta personagem, arrastado pelo apuro das circumstancias, deu causa á mais deploravel effusão de sangue por um novo acto de aggressão contra as

« tropas da Rainha; Pessoalmente Sá da Bandeira é provavel que tivesse accedido os termos *ad referendum*; porém os animos dos officiaes sob o seu commando estavam sobremaneira excitados. Tinham chegado a Setubal noticias de Lisboa, nas quaes se lhes dizia, que o motim do precedente dia, occasionado pela sahida dos presos do Limoeiro, havia triumphado; tambem não deixava de os exaltar a negativa attitude de Vinhaes e das suas tropas. Longe pois de acceder ás propostas do Coronel Wylde, Sá da Bandeira resolveu immediatamente atacar Vinhaes nas suas posições, e deu causa ao combate mais sanguinolento que tem tido lugar nesta triste guerra. Pelo testemunho do Coronel Wylde sabemos que as tropas da Rainha se portaram admiravelmente; que os insurgentes foram repellidos, e que, na tarde do mesmo dia, fõra assignado o armistício, não sem previa intimação do commissario britannico, que elle havia de recomendar ao Governo da Rainha que tomasse na devida conta para o futuro, com a necessária severidade, uma tão pertinaz resistencia. Aquella aggressão foi na realidade vergonhosa (*disgracassull*) na occasião em que se tractava de paz. Folgamos de ver que os insurgentes foram castigados como mereciam; se as armas da Rainha não ficassem victoriosas naquella dia, achavam todas as nossas esperanças de uma accommodação; não ficaria para proteger a cõrte senão a esquadra ingleza. O ataque de Sá da Bandeira teve o caracter da desesperação, e era por isso horrivel; mas apesar dos esforços que elle tem feito para atenuar a extensão da sua derrota, é fõra de toda a duvida que foi dar terrivel golpe na causa dos insurgentes do Sul.

« De Setubal o Coronel Wylde partiu para o Porto aonde chegou poucos dias antes da sahida das cartas do nosso correspondente. A natureza das communicações feitas á Junta ver-se-ha dos documentos. Em quanto a nós cremos que a Junta não recusará accetar, especialmente quando fõr bem sabida no Porto a extensão da perda do 1.º de Maio. Tambem não é improvavel que o Antas ande procurando occasião favoravel de terminar a contenda, se o poder conseguir sem existir um motim popular na cidade; e por isso, apesar de ser mui difficil a missão do Coronel Wylde, são todas as probabilidades a favor de um feliz resultado. A causa da Rainha esteve ultimamente exposta a dous grandes perigos, dos quaes sahio triumphante. A fuga dos presos, e o motim de Lisboa, como se diz, motivado pelos setembristas, teriam lançado a capital na maior confusão; a batalha que se deu dous dias depois em Setubal podia ter aniquillado o exercito Real. Felizmente estes dous perigos foram vencidos pela firmeza do Governo, e pelo valor das tropas, independentemente do auxilio estrangeiro; e em quanto a Rainha mostra desejar que seja acceita a paz que offerece aos seus subditos, a Junta hade saber por estes acontecimentos que a capital adhere á causa da Rainha, e que Sá da Bandeira já não está em posição de recusar uma honrosa submissão. Nestas circumstancias é para desejar que a paz se estabeleça quanto mais de pressa melhor; ambos os partidos devem ter a certeza, pela parte que nisto têm tomado o Ministro britannico, e o Coronel Wylde, que a observancia dos termos deste convenio são effectivamente garantidos pela Inglaterra.

NOTICIAS.

Damos novamente o boletim thelegrafico que hontem publicámos.

Boletim do Telegrapho de Coimbra 28 de Maio de Maio de 1847. — Do Telegrapho de Oliveira de Azemeis.

S. Exc.º o Marechal Duque de Saldanha, a S. Exc.º o Commandante da 2.ª Divisão Militar.

Affirmo a V. Exc.º, que o Barco de Vapor Inglez Bulldog communicou na Barrã do Douro na noite de 26 do corrente, vindo de Inglaterra em direcção a Lisboa: que o Commandante entregou ao Consul Inglez alguns Officiaes do seu Governo

com o *ultimatum* do mesmo Governo para intervir activamente.

Em Vigo desembarcaram dous Emissarios para Madrid a fim de pedir ao Governo da Nação visinha, que mande immediatamente entrar em Portugal as suas tropas. Tambem sei, que este Exercito vai ser augmentado com mais 10,5000 homens Hespanhoes. Em 28 do corrente.

M. A. d'Assumpção, 1.º Sargento commandante do Telegrapho.

O Conde do Cabo de S. Vicente (Napier) foi pelo Governo Britannico nomeado para Almirante da Esquadra Inglesa destinada a cooperar na defeza da RAINHA e CARTA, e em breves dias deve entrar a barra de Lisboa a bordo da *Não — S. Vicente*.

Felicitemos nossos amigos por esta nova prova da affeição do Gabinete de S. Jaime — assás significativa do apoio, que lhe merecemos.

O Almirante Parker é sem questão um dos acreditados officiaes da marinha Inglesa, mas o Conde do Cabo de S. Vicente tinha gloriosas recordações para os Portuguezes, e o Governo da Grã-Bretanha preferindo-o mostrou a convicção, em que se acha, da *natureza e fins* da presente lucta. — Napier cobrio-se de louros na guerra contra D. Miguel pugnando pela RAINHA e CARTA. — Foi o afortunado Almirante, que transportou ás costas do Algarve a memoranda Expedição, á qual coube a gloria de abrir em 1833 as portas da Capital — que nas alturas do cabo de S. Vicente se assenhoreou da esquadra de D. Miguel — e que á frente d'um punhado de bravos tomou o Castello de Caminha, e d'Ourem, e arvorou a bandeira da RAINHA e CARTA na praça de Vallença! — Napier, amigo do DUQUE DE BRAGANÇA, — intimo do Marechal Saldanha — é o valente militar, que se ufana de encontrar o seu retrato na sala dos Marechaes do Exercito Portuguez.

Asseveramos com *toda a certeza*, que Sua Exc.º o Marechal Duque de Saldanha recebeu officios do Conde do Casal datados de Lamego em 25, nos quaes dá parte de ter chegado áquella cidade e occupado as suas antigas posições.

O nosso correspondente de Lamego accrescenta algumas particularidades ácerca deste movimento, dignas de se publicarem.

O Conde do Casal obedecendo ás instrucções superiores, como já se annunciou, deixou Lamego com o fim de attrahir Povoas a campo. — Povoas illudido com este movimento, que acreditou ser consequencia de retirada de todo o Exercito da RAINHA sobre Coimbra; chegou a passar o Douro, e entrou em Lamego, porém informado, que o Conde do Casal fizera alto em Castro Daire, e que ali o esperava, em quanto outra columna se destacava d'Oliveira d'Azemeis sobre Resende, tornou a passar o Douro ás 11 horas da noite do mesmo dia 24, e o Conde do Casal vendo que elle recusava o combate entrou novamente em Lamego pelas 6 horas da manhã do dia 25.

O Barão d'Ourem estava a 26 em Cêa, depois de ter completamente dispersado os guerrilhas, que ousaram levantar-se em Mangoalde.

O Barão d'Ourem appareceu, como por encanto, no coração da provincia, aonde continuava a ser recebido com todas as demonstrações de apreço, e estima, filhas das sympathias, que ali deixou, quando no inverno passado precorreio a Beira.

Ouvimos, que uma outra columna ás ordens do Capitão Almeida se achava na Serra, em quanto que outra ás ordens do Capitão Liz passava o

Zezere para obstar á fugida dos bandidos. Saldamos, que desta Cidade sahiram duas columnas ás ordens do Major Eugenio, as quaes devem estar na Louzã, donde consta se retiraram os miguelistas de Lemos e companhia.

Podemos assegurar, que os povos tem concorrido da melhor vontade a proporcionar áquelles valentes militares todas as comodidades compatíveis com o seu estado; nada admira — elles conhecem a differença de soldados disciplinados a guerrilhas esfaimados — aquelles respeitam os povos — estes violentam, e roubam descaradamente.

São muitas as queixas — entre outros roubos de cavallos, dinheiros e generos, sabe-se com certeza, que extorquiram um conto de reis á Viuva de Francisco Furtado, D. Luiza Benedicta Soares Pinto.

O Barão de Vinhaes passou para a Beira na Barca d'Alva, depois de ter entregue á primeira Auctoridade Hespanhola os criminosos e prisioneiros. Consta-nos, que esta auctoridade soltou os segundos, motivo porque fora preza, e remetida para Madrid.

Eis ahí os factos verdadeiros; e eis ahí no que parou a *fugida, desarmamento, e internamento* do Barão de Vinhaes pela Hespanha dentro, tão decantada pelos jornaes do Porto! — Foi um *facsimile* da fugida do Conde do Casal para a Hespanha! E assim como este resuscitou, tambem os periodicos do Porto em breve terão de desdizer-se annunciando a milagrosa resurreição do Barão de Vinhaes nas terras áquem do Douro! Voltaremos ao assumpto, publicando as *miserias*, que os rebeldes disseram a este respeito.

Sabemos, que Lord Palmerston aprovára completamente a conducta do Ministro Ingles na nossa Côte, o honrado Lord Seymour — e que em Londres e Paris tinha causado horrivel impressão o pacto execrando dos setembro-carrascos-miguelinos!

Em o n.º 63 demos aos nossos leitores, extractada de cartas de pessoas fidedignas a recente noticia do combate que teve logar entre a marinha fiel, e rebelde; não ligámos nenhuma importancia ao facto, nem d'elle tirámos illação, porque ignorando nossos correspondentes as causas e desenvolvimento, e carecendo de dados para avaliar ao justo, não quizemos passar por charlatão, agora porém com a leitura da peça que juntamos, verão aquelles que tiveram a paciencia de nos lêr, que não fomos exactos, e que sem querer deixámos de relatar a verdade: pedimos desculpa da falta, e de ter roubado a gloria a quem tanto lhe custou a alcançar; resta-nos a consolação que podemos repellir a *meia culpa*, e que bem pagos ficão os prejudicados com a reprodução da peça, e os amadores da poesia com o *corrente estilo* do heroe que a escreveu. — Eila. —

Illm.º e excm.º sr. — Teuho a honra de communicar a v. exc.º, que sahi a barra do Porto pelas oito e meia horas da manhã perseguindo logo a esquadra inimiga, que mudou de rumo, navegando no bordo do sudueste á esquadra do meu commando. Tratei immediatamente de atacar com este vapor a fragata pela proa de estibordo, dando as minhas ordens para que o *Salter e Porto* atacassem pelas alhetas. Durou o fogo duas e meia horas, não tendo nem um dos vapores soffrido o menor danno, parecendo-me poder affiançar a v. exc.º que a fragata inimiga soffreo alguma avaria; pela uma e meia da tarde mandei cessar o fogo, por ver que não tirava resultado em consequencia da esquadra inimiga ter vindo para navegar. Por esta occasião cumpre-me partici-

par a v. exc.^a que os commandantes dos vapores, officiaes, e guarnição, se portaram com a maior valentia, dando as maiores provas de patriotismo e dedicação á causa nacional. Pelas quatro horas da tarde atracou a este navio uma catraia, conduzindo 54 praças da guarnição da corveta 8 de Julho a offerecer seus serviços, que recolhi a bordo. Participo mais a v. exc.^a que a esquadra inimiga perdeu-se de vista ao sol posto, navegando para o Sul. Remetto a v. exc.^a por cópia o officio que acaba de me remetter o commandante do vapor de guerra *Salter* em virtude do qual mando que o vapor á manhã entre a barra, ficando hoje fundeado em frente da mesma.

Deos guarde a v. exc.^a — Bordo do vapor de guerra *Mindello* á vella fóra da barra do Porto 9 horas da noute em 23 de Maio de 1847. — Illm.^o e excm.^o sr. Justino Ferreira Pinto Basto, encarregado dos negocios da marinha e ultramar. — *Eduardo João Salter*, capitão de mar e guerra, e commandante da esquadra nacional.

E então não ficaram as aguas do Porto mais notaveis do que as de Trafalgar?! Nesta *formidavel* refrega se mostrou, que a marinha não gasta só sem proveito; tambem se vê que faz fogo que não aquece; duas e meia horas de fogo com uma bateria de mais de meio cento de peças, e de grande bôcca, e sobranceiras nem ao menos offender as chaminés, é caso rarissimo!! Esperamos que o commandante das forças contrarias dará tambem a sua relação, se por ventura os navios navegantes ao nascer do sol apparecerem. — Sendo as batalhas um flagello filio da loucura, muitas vezes dellas se tira grandes vantagens; desta de que nos occupamos a sciencia colheu, que a velocidade dos navios a vapor, nem mesmo com a ajuda do vento á feição é superior aos de vella, e que áquelles convem de noute navegarem á vella: Muito mais aproveitaria se o *nosso Salter*, ou o *Nacional*, donde copiamos esta parte, nos obsequiarem com a publicação do officio do tal Inglez, que teve a *força* de mandar para dentro da barra a esquadra *vencedora*! E que seria, se os 54 *bravos* entrassem na contenda! Então, adeos esquadra da RAINHA, nem os Inglezes lhes valeriam! — Como o *nosso Salter* não fallou nos vazos estrangeiros, que o foram mandando para dentro da barra, tambem nós não os encommodamos.

Diz-se de Lisboa em 25 o seguinte — As circumstancias tão vantajosas, em que se acha a causa da RAINHA, e já tão patentes, não deixam um momento a duvidar, que breve nos abraçaremos no Porto. Na semana passada sahiram de Setubal os tres vapores ao serviço dos rebeldes, e era justamente quando elles estavam a sahir de Setubal, que o honrado Ministro Inglez Lord Seymour os queria mandar buscar, visto que Sá Nogueira não attendeo á segunda intimação, que em nome, e por mão dos respectivos emissarios de Inglaterra, França e Hespanha, lhe foi feita para que não desse mais um tiro até 10 de Junho, que se julga ser o praso mais lato para poderem chegar as forças de Inglaterra. Quando os tres commissarios voltaram de Setubal na terça feira, nesse mesmo dia veio Bernardo de Sá conferenciar com o Conde de Vinhaes, e dizem que lhe declarára, que só até o dia 22 do corrente deixaria de *hostilisar* (que miseria! *hostilisar* — quem foi derrotado e vergonhosamente fugio!! — Lêiam-se os papeis estrangeiros, que mencionam a grande victoria alcançada pelas armas da RAINHA) porém que seria permittido a ambos receber reforços. Tudo isto foi communicado pelo Conde de Vinhaes ao Governo. A nossa divisão foi reforçada com mais quatro peças de bater (de 12) 500 a 600 praças de caçadores (recrutadas prom-

ptas) e numero crescido de officiaes, incluindo o Coronel Pinto de Carvalho, que vai commandar o novo 5.^o de Caçadores, que se portou muito bem no dia 1.^o deste mez. Ora como Bernardo de Sá não esteve pela segunda intimação dos alliados, por isso que mandou sahir os vapores indubitavelmente para se reforçar com gente do Porto, o Ministro Inglez logo na noute de quarta feira mandou sahir o vapor de guerra *Polyfemus* em companhia do vapor Hespanhol *Isabel 2.^a*, e na sexta feira foram reforçal-os a fragata Ingleza *America* — e a Hespanhola *Villa de Bilbao* — e no dia 23 sahiram a não Ingleza *Superb* — e a fragata a vapor *Sidon* — tudo para o norte; devem tambem achar-se na barra do Porto hoje a nossa fragata *D. Maria* — o brigue *Douro* — e o vapor *Tojal*, de que tivemos parte official pelo paquete chegado no sabbado 22; e de Inglaterra está a chegar o Napier, commandando a não *S. Vicente* de 120 peças, que vem acompanhada por mais duas, sendo uma tambem de 120. =

Outra carta diz a 26 o seguinte — « A interferencia armada vai pôr-se em execução, obrigando-se a Inglaterra a combater por mar, em quanto a Hespanha o fará por terra. Espera-se o *ultimatum* por estes dias, sendo entretanto certo, que os vapores de guerra defronte da barra do Porto tem ordem de operar activamente. — Foi descoberta uma sucia, que andava aliciando gente para Setubal, e estão pela maior parte presos. Foi tambem apprehendido grande numero de comestiveis, que iam para os rebeldes, os quaes estão em grandes apuros de viveres e dinheiros. Diz-se, que o Governo negociára um avultado emprestimo em uma casa ingleza de Londres.

Escrevem d'Oliveira d'Azemeis a 27 o seguinte — « Antas foi para a Foz com grande parte da força, e bôccas de fogo, hontem 26, porque no mar, se dizia, e nas alturas de Villa do Conde foram avistadas bastantes embarcações estrangeiras, pelo que o irmão do Antas partio logo com uma força para Villa do Conde, talvez acreditando poder embaraçar algum desembarque! *Risum teneatis*...! — Fala-se em que Xavier quer já armistício; mas isto é apenas um — diz-se — Ao Porto chegou o Guedes, a quem se afirma, que Antas tirou o commando, porque elle ia substituindo os officiaes da junta pelos miguelistas puritanos; e corre tambem, que Lemos, general miguelista, indo hontem ao Porto, foi mandado para a Relação! — Dizem tambem do Porto, que Povoas recebeu ordem de recolher com toda a força. Corre tambem, que da praça de Vallença sahio uma columna, e causára grande perda em alguns batalhões da patulêa, que estavam proximos, commandados pelo Damazio. — Robbe, commandante do vapor de guerra o *Gladiator*, dirigio uma carta a José Passos, declarando-lhe que tinha ordem do Almirante Parker para intimar á junta, que se fizesse alguma demonstração por parte da sua força naval para sahir do Douro, *lhe seria impedida pelas forças navaes Inglezas, onde quer que fosse encontrada.*

O Coronel Graduado Henrique de Mello Alvellos, não podendo pelos seus afazeres como Chefe do Estado Maior da 2.^a Divisão Militar, responder aos numerosos amigos, que o obsequiaram por occasião da sentida morte de seu cunhado o Tenente Coronel — Castello Branco, pede desculpa, certificando o seu reconhecimento.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso cada folha a 30 rs. — Annuncio por linha 20^{rs.} — repetidos 10 rs.

O N.º 66 de 3 de Junho é o ultimo da Subscrição do mez de Maio. Os Senhores Subscriptores, que não quizerem soffrer interrupção na remessa das folhas, e que só tenham subscripto por aquelle mez, terão a bondade de renovar as assignaturas em tempo, as quaes não se acceitam senão desde o principio do mez. Declara-se ter havido, e continuar a haver a maior cautella na remessa de todos os numeros, e por isso nenhuma imputação cabe á Redacção pelos extravios.

PARTE OFFICIAL.

Estamos auctorizados para annunciar, que no dia 22 do corrente foi assignado na Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros, em Londres, pelos Plenipotenciarios de França, Hespanha, Grã-Bretanha e Portugal um Protocolo para a intervenção em favor de Sua Majestade, a RAINHA, na pacificação da guerra civil n'este Reino; obrigando-se os seus alliados a cooperar com as suas forças navaes respectivas nas operações necessarias para conseguir o mencionado fim, e estipulando mais o Ministro Plenipotenciario de Sua Majestade Catholica, que entraria em Portugal um corpo de tropas Hespanholas com o mesmo objecto, segundo o ajuste entre o Governo de Sua Augusta Soberana, e o de Sua Majestade Fidelissima, em quanto á força, modo e mais condições indispensaveis.

Estado Maior General. — Repartição do Ajudante General. — *Extracto de uma Carta Official dirigida a Sua Exc.^a o Duque de Saldanha.* — Lisboa 28 de Maio de 1847. — Pelo Vapor Bull-dog, que acaba de chegar de Inglaterra em quatro dias, vieram as instrucções completas ao Ministro de S. M. Britanica, relativamente á Intervenção. Assim que chegou a Londres a noticia da regeição da Junta á mediação, no mesmo dia houve reunião de gabinete, o qual estygmatisando da maneira mais aspera o procedimento da Junta, immediatamente, e sem a menor hesitação adoptou a resolução de intervir activamente. No dia seguinte houve conferencia na Secretaria dos Negocios Estrangeiros, na qual se reuniram os Ministros de Portugal, França e Hespanha, e se lavrou um Protocolo sobre a ajustada Intervenção. — No dia seguinte saio o Vapor que acaba de chegar; nada póde ser mais expedito. Em Vigo desembarcou um mensageiro que foi em direitura ao Quartel General Hespanhol nas

fronteiras de Traz-os-montes, para lhe communicar esta decisão, a fim de que as tropas hespanholas entrem em Portugal. — Os Inglezes estão esperando aqui tres náus debaixo do commando do Almirante Napier, que não poderá tardar, e fica substituindo o Parker que vai para Malta: — igualmente esperam mais Vapores. — Parece tambem que, logo que cheguem os Vapores esperados, intentam enviar dous a Setubal com uma intimação ao Sá, que se elle disparar um tiro sobre Vinhaes, romperão o fogo contra elle.

A coadjuvação de Inglaterra parece se limita por ora ao emprego de forças navaes, que são consideraveis, e Hespanha ás tropas de terra, além das de mar. — Ha algumas esperanças de se obter um emprestimo em Londres, em consequencia de Lord Palmestron se ter prestado a fornecer uma Carta á Casa de Baring, em que a Inglaterra annúe a appresentar uma garantia moral pelo pagamento dos juros d'esse emprestimo. Consta, que os Barings já tinham mandado a minuta da Carta que precisavam, e, á vista das boas disposições em que se acha Lord Palmestron, é de esperar que se siga uma intelligencia mutua a este respeito. Esta madrugada rompeo o Sá o fogo contra as nossas obras de fortificação, e o Vinhaes tem respondido; até este momento (4 da tarde) não temos soffrido prejuizo algum; outro tanto não acontece ao inimigo, que já tem por terra duas cortinas, e o portão do Castello Velho:

No Diario do Governo N.º 126 de 29 de Maio lê-se quasi pelas mesmas palavras a noticia por ordem superior acima publicada.

Dissemos no numero antecedente ter sido completamente dispersada a guerrilha, que ousara aparecer em Mangoalde, publicamos hoje o officio a baixo transcripto, que assim o confirma.

Governo Civil de Viseo 1.^a Repartição. — Illm.^o e Exm.^o Sr. — Agradecendo as communicções, que V. Exc.^a me faz á cerca dos acontecimentos revoltosos, que tem tido logar no Districto a cargo de V. Exc.^a, devo dizer pelo que pertence aos que aparecerão neste Districto, que aguerrilha de Manoel Cardoso de Faria Pinto, de Mangoalde, perseguida pela columna do Barão de Villa Nova d'Ourem, foi dispersando a ponto de serem os restos abandonados pela mesma columna, depois de os terem levado athé ao Alvoco da Serra. — O Barão de Villa Nova d'Ourem com parte da sua columna entrou já aqui hontem, e á manhã marcha para Castro Daire, deixando á minha disposição o resto da mesma força de cen-

to e quatro praças d'Infantaria n.º 8, e alguns cavallos, cujo numero ainda não sei.

Deos guarde a V. Exc.ª — Viseu 28 de Maio de 1847. — Illm.º e Exm.º Sr. Governador Civil do Districto de Coimbra. — *A. R. O. Lopes Branco*, Governador Civil.

Administração do Concelho de ...

— Illm.º e Exm.º Sr. — Ha socego neste Concelho, e acredito, que não será alterado; a louca tentativa do Lemos, para a qual de ha muito se preparavão os Miguelistas daqui, falhou completamente neste Concelho, deixando-os, se não desenganados, ao menos aterrados a ponto de se esconderem logo que se espalha a noticia da aparição d'um soldado; com o fim de os vigiar, e para manter o socego, tenho empregado constantemente todas as noites a força dos Cabos de Policia, e algumas outras pessoas de confiança, que a isso se prestão de bom grado; continuarei; e se houver alguma occorrença (o que não espero), darei parte a V. Exc.ª

Deos guarde a V. Exc.ª — ... 30 de Maio de 1847. — Illm.º e Exm.º Sr. Barão d'Almofalla. — O Administrador do Concelho de ...

INSTRUÇÕES REGULAMENTARES

Para a liquidação e pagamento das dividas activas da Fazenda Publica, a que se refere o Decreto de 19 de Novembro de 1846, publicado no Diario do Governo N.º 276.

Artigo 1.º Os devedores á Fazenda Publica comprehendidos nas disposições do Decreto de 19 de Novembro de 1846, ou seus legitimos representantes, que pertenderem aproveitar-se do beneficio concedido pelo mesmo Decreto, dirigirão seus requerimentos ao Tribunal do Thesouro Publico, declarando nelles, além da proveniencia da divida e da epocha a que pertence — 1.º se ella lhes foi pedida apenas administrativamente, ou se para o seu pagamento existe execução judicial — 2.º havendo execução judicial, em que Julgado corre.

§. 1.º Na 1.ª hypothese deste artigo, o requerimento será entregue pelo interessado ao competente Governador Civil, que o enviará ao Tribunal do Thesouro Publico acompanhando-o da liquidação da divida, e de informação sua em que logo preste todos os esclarecimentos que em taes processos é pratica exigirem-se, e além desses, quaesquer outros que julgue se possam tornar necessarios.

§. 2.º Correndo pela divida execução judicial, o devedor entregará seu requerimento ao respectivo Agente do Ministerio Publico, o qual o enviará ao Tribunal acompanhado de guia, que passará o competente Escrivão, em que se declare o numero da execução de que se tractára — origem da divida, sua importancia — epocha em que foi contrahida — e em que especie de moeda — e Repartição a que pertence.

§. 3.º Qualquer que seja a Auctoridade a quem pertença informar haverá toda a attenção, sempre que a divida provenha de capital a juro, em declarar se ella foi contrahida em metal, ou nas duas especies de papel-moeda e metal conforme a antiga Lei a este respeito.

Art. 2.º É permittido aos devedores, quando assim o preferam, dirigirem seus requerimentos directamente ao Tribunal do Thesouro Publico, devendo neste caso ser os mesmos requerimentos documentados com certidões, passadas pela competente Repartição do Governo Civil, se as dividas não estiverem relaxadas, ou com guias dos Escrivões dos Processos quando o estiverem, onde igualmente se mencionem as circumstancias e se prestem os esclarecimentos que ordena o artigo antecedente.

§. unico. O Delegado do Thesouro junto do Cofre Central do Districto certificará por um visto de conformidade, que deverá ser lançado nestes requerimentos, rubricando-o, que estão completamente documentados, antes de os restituir á parte.

Art. 3.º Ou os requerimentos sejam enviados pelos Governadores Civis, ou pelos Agentes do Ministerio Publico ao Tribunal do Thesouro na conformidade do artigo 1.º, ou a remessa se verifique pelo proprio interessado como faculta o artigo 2.º, aquella das ditas Auctoridades que os receber lhes lançará, além de uma numeração especial e consecutiva em cada Districto ou Julgado, a data da recepção, escrevendo-a por extenso, e firmará estas declarações com a sua rubrica.

Art. 4.º A entrega da petição para pagamento ou a sua simples apresentação, nos termos do artigo 1.º, ou do artigo antecedente, só pôde suspender o progresso da execução — quer administrativa quer judicial — por tempo de 60 dias, dentro dos quaes deverá o devedor apresentar o competente recibo de pagamento, ou receber Portaria expedida pelo Tribunal do Thesouro Publico, participando a effectuação do mesmo pagamento.

§. 1.º Recebendo o Delegado do Procurador Regio a Portaria de comunicação a que este artigo se refere, ou o Administrador do Concelho cópia della remittida pelo Governo Civil, requererá logo o primeiro que unida a mesma Portaria aos autos se julgue finda a execução, e o segundo o julgará por sentença exarada no processo.

§. 2.º Pelas notas que nas Repartições de Fazenda dos Governos Civis se devem tomar á vista das datas de recepção lançadas nos requerimentos (artigo 3.º) se expedirão pela mesma Repartição os ordens convenientes a fim de que no progresso da execução se não sobreesteja além do prazo marcado neste artigo.

§. 3.º Similhantermente procederão os Agentes do Ministerio Publico quanto ás execuções judiciaes, fazendo para esse fim declarar por termo nos autos quaes os dias em que os requerimentos tiverem sido entregues ou apresentados.

Art. 5.º Dos despachos, quer definitivos quer interlocutorios, a que os interessados tenham de satisfazer se lhes dará conhecimento, não só pelos meios ordinarios para esse effeito estabelecidos, mas tambem por publicação que delles mandará o Tribunal effectuar periodica e regularmente na Folha Official do Governo, a fim de que os mesmos despachos possam ter, em tempo competente, o devido cumprimento.

§. 1.º Sendo os despachos definitivos, e de accettazione da proposta de pagamento, o prazo de 15 dias para a elles satisfazer o devedor (artigo 7.º de dito Decreto) contar-se-ha do da referida publicação, quando os mesmos devedores residam no Districto de Lisboa, ou ali tenham procurador estabelecido. Não se dando estas circumstancias, o prazo se contará do dia em que se verificar, pelo Governo Civil, a intimação do despacho em cumprimento das ordens do Tribunal do Thesouro.

§. 2.º Quando o despacho for interlocutorio, o prazo de trinta dias que fica estabelecido para seu cumprimento por parte do devedor, em harmonia com o disposto na Portaria do Thesouro Publico de 6 de Março de 1837 (Diario do Governo N.º 84), contar-se-ha pela mesma fórma estatuida no §. antecedente.

Art. 6.º Da accettazione de quaesquer propostas, e dos pagamentos, se dirigirão pelo Tribunal do Thesouro Publico as communicações necessarias ás Auctoridades competentes, para os devidos effeitos; mas, independentemente dellas, as publicações no Diario do Governo, por onde conste a effectividade de taes pagamentos, serão sufficientes para o effeito de se suspendarem os procedimentos administrativos ou judiciaes, quanto ás dividas que por tal modo se mostrarem satisfeitas.

Art. 7.º Os pagamentos, na parte em dinheiro, poderão ser effectuados ou nos cofres centraes dos Districtos aonde as dividas pertencerem, ou na Thesouraria Geral do Ministerio da Fazenda, como mais convier aos devedores, que em seus requerimentos o declararão; mas na parte em papeis de credito só o poderão ser na mesma Thesouraria Geral.

Esta restricção não vigora para os pagamentos feitos em dinheiro e papel-moeda, inferiores a 80.000 réis, de que tracta o §. unico do artigo 2.º do citado Decre-

to, que na sua totalidade podem effectuar-se na indicada Thesouraria Geral ou no Districto competente.

§. unico. No cofre central do Districto de Lisboa nenhum destes pagamentos se verificará: os que forem respectivos ao mesmo Districto terão logar nas caixas centraes da referida Thesouraria Geral.

Art. 8. Os pagamentos que houverem de verificar-se nos cofres competentes, como fica determinado, far-se-hão em presença de guias passadas aos devedores que estes alli apresentarão.

§. 1. Para os pagamentos a effectuar na Capital, as guias serão passadas, em duplicado, pela Repartição dos Proprios Nacionaes e rendimentos diversos, a fim de que um dos exemplares possa ser devolvido á mesma Repartição, para os effectos necessarios, com a verba de pagamento.

§. 2. Para os pagamentos realisaveis nos cofres centraes serão as guias passadas, em direcção aos respectivos Thesourellos Pagadores, pelos Delegados do Thesouro, e declararão, com referencia ás ordens que se houverem recebido do Tribunal, communicando a acceitação das propostas, o nome do devedor, a proveniencia da divida, sua importancia e especie de moeda, e anno ou annos a que pertence, com a precisa distincção.

Art. 9. Findos os prazos estabelecidos, e não tendo o devedor pago, ou havendo deixado de satisfazer aos despachos interlocutorios do Tribunal, será pelos meios executivos compelido ao pagamento, administrativa ou judicialmente conforme deva ter logar, lançando-se no processo da arrecadação, ou no da execução se já a houver, verba de ter o devedor perdido o direito ao beneficio concedido pelo dito Decreto, e promovendo-se, ou proseguindo-se activamente, sob responsabilidade de quem, cumprindo-lhe, o não praticar, o competente procedimento para real e effectivo embolso da Fazenda Publica.

Art. 10. Na entrega ao Banco de Portugal, por conta das quantias pertencentes ao fundo de amortisação, das importancias em dinheiro recebidas por taes pagamentos, tanto nos cofres dos Districtos, como nas caixas centraes da Thesouraria Geral do Ministerio da Fazenda, e bem assim na remessa por transferencia de fundos á mesma Thesouraria das sommas em papel-moeda que com esta procedencia se arrecadarem, se observará, bem como na sua escripturação, o que a similhante respeito foi ordenado pelas Instrucções do dito Ministerio datadas de 26 de Março ultimo, e publicadas no Diario do Governo N.º 75.

Art. 11. As providencias dadas pelas presentes Instrucções são em tudo applicaveis ás dividas de que se tracta, cobraveis nos Districtos das Ilhas dos Açores e Madeira, mas para que os respectivos devedores tenham mais breve noticia da importancia de suas dividas, a fim de poderem dispôr o prompto pagamento dellas na Capital, as Authoridades que processarem as liquidadas lhes darão guia da importancia que têm a pagar, sua proveniencia, especies de moeda, e annos a que pertencer, mencionando, na informação que derem ao Tribunal do Thesouro como fica estabelecido, a entrega desta guia, quando haja tido logar.

Tribunal do Thesouro Publico, 12 de Abril de 1847.
— Conde do Tojal.

PARTE NÃO OFFICIAL.

A interferencia da Inglaterra, França e Hespanha na guerra civil, que nos assola, a sua effectiva cooperação armada contra os anarchistas, será ainda uma ficção nossa? Continuaremos ainda a zombar do público, fallando-lhe de transacções imaginarias, de movimentos por mar e terra em nosso favor, que figuramos pelo muito que os desejamos, conforme por ali se diz, e acintosamente nos imputam? Serão ainda fabulosos os documentos, que temos publicado, e que alguns ineptos ou rabujentos scepticos propalavam serem da nossa propria lavra?... Como o espirito de

partido, e o cego amor de uma opinião, concebida no canto do gabinete, longe do contacto dos outros homens, sejam impossiveis de convencer, melhor é deixar estes impertinentes entregues uns á sua sanha, outros ao seu scepticismo irracional, confiando da successão dos factos, que lhes mostrarão a verdade do que tem escripto o Boletim.

Aproveitemos melhor o tempo, dirigindo-nos áquelles de nossos leitores, amigos ou inimigos, que não fecham os olhos, nem tapam as orelhas á verdade.

Essa effectiva cooperação tem sido, e continua a ser objecto de grave censura, quer dos periodicos da liga, quer d'algumas folhas Cartistas, furtivamente publicadas em Lisboa. Uns e outros magoam-se de que as armas proprias não terminem, entregues a si só, a lucta fratricida, esperanças, já se intende, cada um pela sua parte, que o triumpho coroaria os exforços dos soldados portuguezes, aquelles esmagados os Cartistas, e estes extinctos os anarchistas. Para nós, que professamos moderação, que presamos o sangue dos Portuguezes, e entendemos ser incompativel com as ideas e fórmas liberaes pertender aniquilar um partido á viva força, não duvidamos persistir no meio termo. Cremos firmemente, que as esperanças dos junteiros eram faltas de boa razão e fundamento; e os factos assás o comprovam: pois como seriam assás poderosos para nos vencer elles, que a pesar dos grandes exforços, que empregaram para atacar a capital, estacam em Setubal diante do Conde de Vinhaes; — elles que vêem Lisboa firme, apenas com os seus batalhões de populares, na obediencia á RAINHA, a pesar de todas as maquinações: — elles, que não se atrevem nem ainda a tentar um ataque sobre a divisão do Marechal; — e que sobre o Douro fogem de se avistar com a pequena força do Conde do Casal, a pesar de commandados pelo mais habil e experiente dos seus chefes: — elles em fim, que nem mesmo ajudados e summamente animados pela mais desastrosa pastellaria, com que embaraçavam os passos ao Heróe de Torres Vedras, e cujos mysterios e eumplices esperamos, que a imprensa livre não tardará a revelar, nada tem podido até hoje contra o nucleo das forças da RAINHA, quer na capital, quer em torno do illustre Marechal? Como poderia ser por elles a sorte final das batalhas, se o grande seu recurso desde Maio está exaustão, isto é, o entusiasmo dos populares seduzidos, que nem os mais torpes maranhões espalhados pelas aldeas, nem as continuas suggestões de alguns falsos e fementidos fidalgotes; nem o mesmo nome, e terminantes ordens de D. Miguel podem commover, e de novo revoltar? Que grande auxilio com effecto lhes não traziam esses famigerados cavalheiros *sem palavra*, que pela Beira, e ao redor desta cidade, á sombra do implorado patrocínio d'alguns Cartistas d'imprudente fé, cujo nome compromettião, e da constantante tolerancia e moderação das auctoridades, minavam solapadamente o edificio social, e empregavam para arrastar seus dependentes exforços inauditos! Oh! que formoso exercito de *polacos*, armados de chuços, foucees, e forcados vão seguindo pela Serra, e deixando aqui e acolá famintos desertores, o degenerado fidalgo de Condeixa, agente da eleição ministerial em 1845! Oh! que bravo esquadrão de lanceiros, o que dizem junto d'elle obedecer ao *multicor* tenente coronel de realistas, eleitor do ministerio nessa mesma epocha! Que miserias! Que desvarios!

Ainda quando pelejassemos, desajudados de todo o auxilio, este duelo a todo o transe, a victoria final seria nossa; a causa da honra, da fidelidade, da legalidade, da justiça, a causa verdadeiramente nacional não succumbiria.

Mas quantas vidas preciosas extinctas! quantas fortunas aniquiladas! que montões de ruinas accumulados sobre estes pavorosos montões, que nos cercam! Falle por nós a miseria geral, a estagnação de toda a industria e commercio, o lucto e saudade de tantas familias orfãs de seus pais, maridos, e irmãos: e esta reciproca desconfiança e terrivel desasocego, que tem quebrado os mais doces vinculos sociaes. Talvez estejamos em erro: mas parece-nos, que a ultima batalha entre forças regulares foi combatida no 1.º de Maio: ora dizei-nos partidarios da guerra, e inimigos da intervenção, apesar da brilhante victoria que obtivemos, quantas victimas não pranteamos, que essa intervenção nos queria poupar!

No estado, a que as cousas tem chegado, a desesperação, um odio infernal, uma séde de sangue segue por toda a parte as bandeiras da guerra; e um pequeno conflicto produz mais mortes, do que em outras circunstancias, e em guerras estranhas uma batalha campal.

Enfrear estas paixões, estancar esta fonte de sangue tão precioso, entremetter no meio dos contendores um arbitro forte e decidido, que faça ouvir a voz da razão, é um bem verdadeiro, é um beneficio para a humanidade, embora sofra um pouco o pundonor nacional, que como todas as virtudes tambem pôde peccar por excesso.

Ponhamos de parte as condições da interferencia: nós ignoramos, quaes fossem, além de uma amnistia, cujas particularidades nos não são conhecidas. Pessoas de credito, e mais que muitos interessadas pela causa da RAINHA, asseveramos serem decorosas: assim o acreditamos. Suppor o contrario é fazer injuria á Soberana. É indubitavel, que os effeitos já visiveis dessa interferencia são do mais relevante publico interesse.

Por ella mostrou-se ao mundo, que a RAINHA estava prompta a fazer sacrificios pela paz; — *nehuns* a junta: que as grandes potencias reconheceram a justiça da RAINHA, e o crime dos rebeldes, por que lhes alcançaram um perdão. Por via da interferencia já a guerra se suspendeo por um mez ao Sul do Téjo; e a acção da junta ficou paralyzada nas agoas do Douro?

Querera a junta disputar a sua teima, persistir nos seus intuitos *publicos* de ministerio composto por ella, e côrtes constituintes; e nos *secretos* de RAINHA fóra, e D. Miguel democrata contra os exercitos Portuguez e Hespanhol reunidos, e contra a poderosa armada Britannica? querera experimentar os valentes braços de Saldanha e Concha, e a intrepidez do heroe de Ponza em *Napoles*, Cabo de S. Vicente em Portugal, — Sidon e Boharsof na Syria?

Tamanho desvario não é de acreditar, e os movimentos, que se succedem no Porto servem a bem deste nosso juizo. Ora então a interferencia que reclamou, e em parte obteve uma suspensão de hostilidades, até que a junta podesse vêr unidos estes insuperaveis seus antagonistas, fez-nos a todos, de cá e de lá, um bem verdadeiro, poupou victimas escusadas.

A RAINHA, accetando a intervenção, antes de sofrer o menor revez importante, e sob condições decorosas para o Throno, e benevolas para seus subditos, não offendeo o pundonor nacional; grangeou novos titulos ao affecto dos Portuguezes. As Nações alliadas prestando a sua efficaz cooperação, bem mereceram da humanidade,

não só pela nossa interna pacificação (negocio particular) mas pela da peninsula, e talvez da Europa, affectada por essas occultas maquinações da propaganda revolucionaria. E até a junta, a mesma junta, recusando o perdão da Soberana, e tendo-se nos calcanhares contra Ella, e seus fieis alliados, bem mereceu da patria, porque (segundo crêmos) a livrou de graves perigos, a que a poderiam conduzir as consequencias do perdão.

Mil graças a todos!

Pelas participações recebidas do Major — Eugenio — Comandante das columnas volantes, que desta cidade sahiram em perseguição dos miguelistas de Lemos e companhia, se sabe, que elles continuavam fugindo, mas já em perfeita debandada, sem nem ao menos ousarem fazer alto em alguma parte, receando serem alcançados pelas tropas fieis.

A difficuldade pois está encontra-os! — O Major Eugenio escrevendo de — Arganil a 29 — participava continuar marchando sobre elles.

Lemos fez junção com Barreto, e as pessoas vindas da provincia são conformes em assegurar, que a maior parte dos miseraveis, que estes caudilhos miguelistas arrastaram ao crime, tem recolhido a suas casas, maldizendo os que assim os illudiram, de maneira, que se acredita que elles entrem na Serra d'Estrella do mesmo modo que entraram os chefes da guerrilha de Mangoalde, acompanhados apenas de 8 ou 9 homens!

Todas as cartas da provincia fallam com indignação dos horrores commettidos por esses foragidos; não admira — faltos de recursos — esfaimados — despresados dos povos — o dinheiro, que roubam, é pouco para os saciar!

Escrevem do Porto a 26.

Os juiteiros querendo adicionar mais uma fanfarronada ás que costumam empregar para entreter a sua gente, lembraram-se agora de os divertir com as idéas d'uma expedição maritima sobre algum ponto importante do Reino, e para isso tem empregado differentes apparatusas diligencias.

Continuam fóra da barra bastantes vasos estrangeiros, e entre estes a Fragata Inglesa *America* — o Vapor *Sidon* — e o Brigue *Nautilus*. — Chegou a noticia da fugida do Povoas de Lamego para o Pezo da Regoa: passou o Douro ás 11 horas da noite, e tal foi a precipitação, com que o fez, que nem temeo repassar esse caudoloso rio a semelhantes horas da noite! — mas o homem mostra nisso ter juizo, porque ás 6 horas da manhã do dia seguinte já lá entrava o Conde do Casal!

Esta fugida tão inexperada produziu aqui grande alarme, porque publicamente se affirmava, que Povoas já andava sublevando as Beiras!

Remetto uma cópia do que se passou sobre a questão do armisticio reclamado pelos nossos fieis alliados: — foi-me dada por pessoa bem informada. — Tambem envio outra da carta, que o Capitão Robb, Commandante do *Gladiator*, dirigio ao José Passos — são dous documentos importantes.

1.ª Cópia. — Pelas 10 horas da noite do dia 24 do corrente reuniram-se a toda a pressa os membros da junta em consequencia da grande sensação que causara na cidade a sahida das familias inglezas, que haviam pedido todas, ou quas, todas passaporte, inclusivamente as dos Consules Inglez e Hespanhol. Depois de discussão asse-

taram, que se aceitasse o armistício proposto pelos Inglezes, como meio de evitar as consequências do terror, que a sahida das familias causava, e que assim se participasse ao Consul, *pedindo-lhe*, que obstasse a essa sahida. — Votaram pela acceitação — Antas — Seabra — e Brito — e contra — Passos — Avila — e Justino, mas o Antas como presidente desempatou a favor da acceitação. — Era alta noite, quando acabou o *conciliabulo*; e Antas d'ahi se dirigiu á casa do Consul Inglez, onde teve dificuldade de entrar pelas horas, que eram: — participou-lhes, que a junta tinha acceitado o armistício; mas que tendo a tropa ordem de marcha, e receando alguma commoção, ia fazer um reconhecimento em força por méra formalidade; pedindo ao Consul, que se dignasse pela sua parte obstar ao embarque das familias. O Consul respondeu-lhe, que achava assás tardia a sua resolução; — que não podia recuar nas ordens dadas aos subditos Inglezes, mas que talvez pudesse ainda conseguir de alguns o demorarem a sahida. — Pelas 8 horas da manhã seguinte o objecto do conselho nocturno, e os passos de Xavier eram sabidos, e um murmurio geral se levantava da patuléa: — Custodio Teixeira, e outros corifeos da epocha á frente de alguns exaltados se dirigiram á Casa Pia, e exprobando á junta a deliberação tomada fizeram uma especie de assuada, diziam que *Seabra*, e *Brito* eram uns *tratantes*, porque nada lhes importava a sorte dos camaradas, pois um ficaria Juiz, e o outro Advogado, em quanto que quem sofria, era Avila, e os outros militares — Passos, e Pintos Bastos teriam de responder pelos fundos extorquidos aos Bancos, e Companhias, etc. A junta socegou-os dizendo, que tudo ainda se poderia remediar nas bases, com que se aceitasse o armistício; e torcendo a resolução anterior, deliberaram pedir o levantamento do bloqueio, e a navegação livre do Douro: — quando ainda estavam reunidos chegou um officio do — *Salter* — Commandante do Vapor *Mindello* communicando, que acabava de ser *intimado* pelo Commandante d'uma das Fragatas inglezas, que estão fundeadas defronte da barra para recolher para dentro os vapores ao serviço da junta; — que respondeo não o poder fazer sem ordem da junta, e concluiu perguntando o que queriam elle praticasse. — A junta mandou dizer ao — *Salter* — que não havia outro remedio senão *obedecer*, exigindo ordem por escripto do Commandante da esquadra Ingleza.

Porto 27 ás 4 horas da tarde — Chegou esta manhã o miguelista Bernardino com alguma força fardada, a que chama regimento 9, e poucos cavallos. Esta gente cantou em Valongo em alto e bom som as seguintes quadras:

A RAINHA é estrangeira,
O Rei estrangeiro é,
Queremos Rei Portuguez,
Já sabemos quem elle é.
Senhora da Conceição,
Rainha de Portugal,
Ajudai a vencer
Esta divisão real.

Os cantantes eram pela maior parte soldados da cavallaria de Chaves no tempo do usurpador, do que elles se estavam publicamente ufanando!

Diz-se, que vem ahi o Povoas com a sua divisão. Será para contrapesar a influencia de Xavier? Será para ter toda a força dentro das linhas da cidade? Não sabemos o que querem dizer estes movimentos, mas é certo, que vem o Povoas com effeito, e que concentram no Porto

tudo o que estava no Norte, abandonando assim essas provincias!

Passou hoje o vapor, que Lord Seymour mandou a Inglaterra: communicou com a Esquadra, e trouxe o *ultimatum* da interferencia, e ordem para intervir activamente.

Em consequencia das ordens recebidas o Consul Inglez participou aos seus compatriotas, que em virtude dos despachos acabados de receber do Governo Britannico, ratificava o aviso, que lhes tinha dado, e por isso estavam os vapores á sua disposição para elles, suas familias, joias e papeis. O Consul se hia a final. Este aviso está produzindo novo alarme nos patulêas; ferverem d'um para outro lado. As embarcações de guerra Inglezas continuam nas mesmas posições fóra da barra; o vapor de guerra *Polyphemus* — deo um tiro de peça, e pediu piloto para entrar. — A fragata Hespanhola anda bordejando. Remetto uma cópia da Circular do Consul Inglez. — A familia do mesmo Consul embarcou hoje a bordo d'um Navio mercante. — O Capitão Robb disse hoje na Praça, que tinham terminado as contempações com a junta, por ella se haver recusado a depor as armas, e obedecer á RAINHA de Portugal, em conformidade com as beneficadas intenções declaradas por Wylde.

Porto 28. — « O Consul tornou a avisar os Inglezes em consequencia das ordens recebidas para que os que quizessem retirar-se, o fizessem com presteza, assegurando-se, que hoje devem ficar todos embarcados, e fóra da barra; muitas são já as familias Inglezas, que se acham a bordo. — Assegura-se, que o unico vapor Inglez, que ainda estava dentro da barra, e que não tinha sahido por falta de agua, sahirá hoje a todo o risco, ou que aliás o abandonarão, pois que elle, e o brigue Hespanhol, que tambem está dentro, e que não tem podido sahir por serem de grande lote, tem sido a causa de não estar completamente bloqueada a barra.

Os navios mercantes, que se achavam fóra da barra, não tem podido entrar, em razão de intimação ingleza, que receberam.

Foram hontem a bordo das suas respectivas embarcações os Consules Inglez e Hespanhol, e todos acreditam, que não voltam! — Povoas deve entrar hoje com o resto da força. — Não foi exacta a noticia de haver a junta exonerado o *Guedes* do commando d'uma brigada, antes por defferencia com os miguelistas, deo-lhe o commando das armas nesta cidade!! Não faço commentos! — O vapor *Polyphemus* — navegou hontem para o Sul ás 6 horas da tarde, e diz-se, que levando uma representação da junta pedindo á RAINHA deixasse o apoio dos estrangeiros, pois ella se rendia! — Disse tambem que a representação ia em termos muito humildes! Se tal é, o que ainda duvido, porque me parece impossivel, que elles queiram perder o *instincto* da revolução — *Rainha fóra*, e se abatam a pedir, quando ainda ha dias *insultavam* — aplicar-lhe-hei o antigo ditado — *Quem os não conhecer, que os compre*.

Hontem tivemos grande alegria patriótica — pois sahio supplemento em letras gordas *annunciando*, que *Figueira e Coimbra se tinham sublevado*, e que *dahi retiraram as forças da RAINHA!* E esta?

Xavier lá está para a Foz fortificando-se — abriu uma circumvalação entre o reducto da Luz. — Continúa a deserção para a dicisão do Marechal.

N.B. Sabemos com certeza, que todos os dias

mais ou menos se apresentam soldados e voluntarios fugidos do Porto: não nos temos occupado com mencionar essas apresentações — diremos hoje, que só no dia 29 se apresentaram em Oliveira d'Azemeis um alferes de linha, um furriel, e uns soldados de caçadores, e tres soldados da Municipal do Porto.

Importante e confidencial. — Vapor de S. M. B. o *Gladiador* — Porto 23 de Maio de 1847. — Sr. — Transmittidos a V. Exc.^a, por via do Consul de S. M. B. neste logar, os desejos do Ministro de S. M. B. em Lisboa, relativos a uma cessação de hostilidades até á entrega de uma carta, da qual fui encarregado para S. Exc.^a o Conde das Antas, e não tendo recebido resposta áquella carta; tenho a honra de comunicar-lhe que tenho ordem do Vice-Almirante, Sr. W. Parker, Bar., Grão Cruz do Banho, que se se fizer alguma demonstração por parte da força naval da junta para sahir do Douro, de avisar a junta da probabilidade de lhe ser impedida por uma força Britannica, onde quer que for encontrada. Tenho a honra de ser — De V. Exc.^a o mais obediente e humilde servo, Robb. — A S. Exc.^a o Sr. José da Silva Passos, Secretario dos Negocios Estrangeiros. — Governo Provisorio — Porto.

Resposta.

Repartição dos Negocios Estrangeiros. — Illm.^a Sr. — Tenho a honra de informar a V. S.^a, que havendo levado ao conhecimento da Junta P. do G. S. do R. a carta em que o Consul de S. M. B. nesta Cidade manifestou os desejos de que a Junta suspendesse as operações da sua Esquadra, até que V. S.^a tivesse entregado ao Marechal do Exercito Conde das Antas, uma carta da Embaixada de S. M. B. na côrte de Lisboa, para que cessassem as hostilidades entre as forças da Junta, e as do Governo de Lisboa, em quanto o mesmo Ministro não recebesse resposta da sua côrte ás ultimas communições, que havia feito ao seu Governo; ordenou-me a Junta, que participasse ao Consul de S. M. B., que com o maior sentimento se via na necessidade de não podêr annuir aos desejos, que V. S.^a communicava. Esta participação foi entregue na noite passada ao Consul de S. M. B., que é de presumir della já tenha dado conhecimento a V. S.^a

A Junta P. do G. S. do Reino não tem compromisso algum, que a empeça de empregar as suas forças de mar e terra da maneira, que julgar mais conveniente, para o triumpho da justa causa, que sustenta a maioria nacional; e nem reconhece, nem pôde reconhecer em nenhum Gabinete Estrangeiro o direito de se intrometer nos negocios internos de Portugal, e muito menos o de regular a seu arbitrio o emprego de suas forças, e a oportunidade das operações das mesmas. É por isso que o abaixo assignado vio com muito sentimento, que V. S.^a declára em conformidade das ordens de S. Exc.^a o Sr. Almirante Sir W. Parker, que no caso de sahirem deste porto os vasos da Esquadra nacional provavelmente serão detidos por uma força maritima Britannica. É em desempenho do seu dever, que o abaixo assignado não pôde deixar de significar a V. S.^a, que qualquer acto de hostilidade da parte dos Navios Britannicos contra os Navios da Junta, que não tem feito aos estrangeiros aggravo algum, antes se tem esmerado em manter a melhor harmonia entre o Governo, e subditos de S. M. B., e mais nações amigas e alliadas, seria indisculpavel na presença do Governo de S. M. B., e da Europa, porque nada pôde justificar a intervenção estrangeira em uma questão absolutamente interna e administrativa. Seja qualquer que fôr a resolução, que V. S.^a tome em virtude das ordens dos seus superiores, os officiaes da marinha nacional Portugueza hão de observar as ordens desta Junta, e cumprir os seus deveres de maneira, que mereçam os applausos da Europa civilisada. Aproveito esta occasião, etc. etc. — Illm.^a Sr. Capitão Robb. — José da Silva Passos.

Tradução da circular dirigida pelo Consul Inglez aos Subditos Britannicos no Porto.

O Consul de S. M. em consequencia das ordens que recebo hoje do Governo de S. M. pede licença para

lembrar aos Chefes das Casas Britannicas no Porto, a communicação que lhe fez no dia 22 do corrente. — Consulado Britannico, Porto 27 de Maio de 1847. — Assignado — E. J. Johnston.

N.B. A communicação a que se refere a circular supra, segundo a correspondencia do Porto, tem por fim prevenir as familias Inglezas, de que seriam recebidas com o que tivessem de precioso a bordo dos Navios de guerra d'aquella Nação.

2.^a Communicação ás 6 horas da tarde.

O Governo de S. M. B. estando proximo a assumir uma differente posição d'aquella que até agora tem conservado na actual guerra civil de Portugal, e prevendo que em consequencia desta alteração pôde haver mudança no procedimento da actual auctoridade, ou da população do Porto para com os Inglezes residentes nesta Cidade, tem ordenado ao Almirante Sir W. Parker para dar áquelles Inglezes residentes nella os meios de se removerem, e ás suas familias, e á propriedade movel do Porto, se elles assim o desejarem, para o que lhes é dada esta noticia. Consulado Britanico 27 de Maio de 1847. — E. J. Johnston.

ANNUNCIOS.

As pessoas a quem convier o fornecimento de carne verde para o consumo das Etapes para as tropas existentes, ou que passarem nesta Cidade e na Villa da Figueira, são por estes convidados a comparecer na Secretaria do commando da 2.^a Divisão Militar, no Palacio da Universidade no dia 2 do corrente pelas 11 horas da manhã, afim de se contractar com quem melhor e mais barato o fizer. Na mesma Secretaria estarão desde as 8 horas da manhã presentes as condições. — Quartel General em Coimbra 30 de Maio de 1847.

 Joaquim Jorge Pinto, Tabellião de Notas nesta cidade de Coimbra, tem a honra de por esta fórma fazer sciente aos seus amigos, e mais pessoas em geral, que desejarem obsequial-o, que tem estabelecido o Escriptorio na rua da Calçada da dita cidade, n.^o 141, 1.^o andar.

 Vende-se na loja da Imprensa da Universidade o HYMNO DO BATALHÃO NACIONAL DE CAÇADORES CATISTAS DE COIMBRA, dedicado a S. Ex.^a o MARECHAL DUQUE DE SALDANHA, composto para pianno e canto.

Preços dos generos no mercado de Montemor o Velho em 26 de Maio de 1847.

Milho	550	600
Trigo	750	800
Cevada	240	300
Feijão branco	440	500
Feijão de côr	400	480
Feijão frade	450	500
Tremoços	370	400
Batatas	320	360

COIMBRA: Na Impr. da Univ. 1847.

BOLETIM CARTISTA

DE COIMBRA.

Com o fim de encontrar as despesas da impressão se recebem as assignaturas — se houverem sobras, revertem em beneficio do Asylo de Beneficencia. — A missão dos RR. é inteiramente gratuita — A correspondencia ao Redactor, franca de porte. — Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade, e na mão de José da Silva Bandeira, empregado na mesma Imprensa, ao qual está encarregada a distribuição. — Publica-se — Terças, Quintas e Sabbados — e vende-se na de João Pereira de Miranda na rua da Calçada. — Mez 300 rs. — Avulso, cada folha a 36 rs. — Annuncio por linha 20^{rs.} — repetidos 10 rs.

PARTE OFFICIAL.

Secretaria Geral do Lugar-Tenente de S. M.
A RAINHA.

Illm.^o e Exm.^o Sr. — Sua Exc.^a o Sr. Duque de Saldanha, Lugar Tenente de S. M. a RAINHA nestas Provincias, me permite a honrosa satisfação de communicar a V. Exc.^a, que uma força rebelde de 2:500 homens proximamente, composta do 2.^o e 7.^o Batalhão de Caçadores, 7.^o Regimento de Infantaria, Batalhão Academico, Infantaria Municipal do Porto, 60 Cavallos de Lanceiros, quatro peças d'Artilharia, com suas guarnições, e parelhas, tudo sob o commando do ex-conde das Antas, embarcou e sahiu hontem de manhã a barra do Douro em tres navios de vapor, uma Corveta de guerra, e cinco transportes mercantes; sendo poucos momentos depois atacada, rendida, e aprisionada, sem que alguém escapasse, pela Esquadra Anglo-Luso-Hespano, que fóra da mesma barra os esperava, sem que de parte a parte houvesse perda alguma de vidas. O que tudo o mesmo Excm.^o Sr. Duque, manda communicar a V. Exc.^a para sua satisfação, e dos verdadeiros amigos, e defensores da Causa do Throno, e Liberdade legal.

Deos Guarde a V. Exc.^a Oliveira d'Azemeis
1.^o de Junho de 1847. — Illm.^o e Excm.^o Sr. Barão d'Almofalla.

O Conselheiro Secretario, Frederico Leão Cabreira.

PARTE NÃO OFFICIAL.

Felicitamos nossos leitores pelas noticias hontem publicadas, e hoje confirmadas.

A hora extrema da rebelião soou: a guerra civil, que degenerados Portuguezes attaçaram, vai terminar: dias felizes succederão a esses tenebrosos, em que temos vivido.

O partido de Setembro, agonizante em Torres Vedras, necessitou lançar-se nos braços dos miguelistas, e dos carrascos do Limoeiro para conservar ainda por alguns mezes uma existencia carregada de crimes.

Esta escandalosa liga caracterizou esses homens, e sobre suas cabeças cahiu o terrivel anathema das Nações alliadas.

Morrem sem honra — nem gloria; morrem para nunca mais se levantarem, porque deixou de ser partido esse, que procurou a liga dos carrascos, e dos miguelistas!

Em quanto em Portugal se debate uma questão tão séria e importante para o paiz, como indifferente na apparencia e em seus effectos immediatos para as grandes Potencias da Europa; um acontecimento inesperado, imprevisto, e talvez da maior importancia politica se vai realizar. Tudo se prepara em Berlim para receber o Autocrata na sua viagem a Paris. Este facto resume a nova situação Europea.

Um Principe absoluto em sua vontade, como no exercicio do seu poder, rapido em suas resoluções, cheio de confiança na acção pessoal, não é crível, que por simples curiosidade e motivo de recreio emprenda tam importante viagem, que, não passar de Berlim, ou da Haya, achará explicação nas affeições de familia.

No persupposto de character politico daquella viagem, poderá avaliar o seu alcance quem souber julgar da natureza actual do Autocrata na Europa. O gabinete russo domina hoje mais que nunca no continente. A Allemanha do Norte por extremo illustrada, mas receosa dos excessos da liberdade commettidos sem excepção em todos os paizes constitucionaes; e a do Sul sempre estacionaria, e apprehensiva com os movimentos da Italia, procuram estreitar suas relações com S. Petersburgo, que á immensa força terrestre reúne hoje respeitavel poder maritimo depois da acquisição do litoral do mar negro. As tendencias da França, a bem calculada politica de Luiz Philippe são hoje conhecidas, nada poderá obstar senão a um tratado, pelo menos a favoraveis intelligencias entre os dous gabinetes poderosos.

O genio emprehendedor de Nicoláo de sobejo se tem patenteado: não será impossivel, que os projectos de Alexandre Magno renascidos na mente de outro Alexandre, e emhargados por morte prematura, venhão a realizar-se.

Verificada uma liga continental, pôde ser seriamente ameaçada a soberba Albion. A sua maior riqueza, poder, e influencia emanam hoje da Azia, aonde contam uns cem milhões de habitantes, ou subditos, ou tributarios. Pôde apparecer um momento, em que essas nascentes e magnificas possessões corram grave risco. É de crer, que o instincto politico da Grã-Bretanha saiba avaliar a situação diplomatica, que lhe convém, e assim preparar-se para um futuro, que parece aproximar-se.

Uma nação industrial não tem o fundo de forças, que corresponda ao seu esplendor apparente. A historia ahí está, que o atteste. A riqueza aggregada em poucas familias, e a miseria diffundida pela sociedade, a agitação permanente da Irlanda provada por uma raça differente, e muitas vezes desconsiderada; a inquietação da Escocia nutrida e sustentada por um principio religioso, o mais forte incentivo, que pôde excitar as massas, são circumstancias sociaes muito attendiveis para deverem de ser attentamente ponderadas.

Todas estas reflexões foram suscitadas por uma idéa ha pouco publicada, e que temos por inexacta. Que interesse podia ter a Gram-Bretanha em demorar a resolução da questão Portugueza? que lucrava em entreter, e propagar á Hespanha o contagio devastador? podia ella nunca persuadir-se seriamente, que assim minava o poder hoje mui respeitavel da França? fôra uma idéa mui pueril para um gabinete tão illustrado! E no meio d'um projecto tão immoral não teria a recear, que o facho acazo despedisse alguma faisca sobre o seu solo, aonde acharia tanto alimento combustivel?

O Gabinete Britannico, sempre estacionario no mesmo principio governativo, desenvolvido pelas diversas côres politicas; dotado de um instincto elevado para conhecer os seus verdadeiros interesses, deve fazer todo o esforço por evitar a communicacão do phrenesi revolucionario, que iria transtornar a sua organisação social: cumprê-lhe conservar a affeição dos gabinetes com quem pôde intabolar novos tractados commerciaes; convem-lhe agora mais que nunca, estreitar relações com seus antigos alliados. A questão portugueza envolve as duas nações da Peninsula Iberica: a Europa inteira tem fitos os olhos no procedimento da Grã-Bretanha em questão tão grave. O momento é grave e solemne, mas ficamos em que se ha de saber aproveitar.

Um artigo do Times, papel ministerial, transcripto no Diario do Governo, e no nosso Boletim Cartista, claramente demonstra, que em Inglaterra se conhece hoje perfeitamente a situação de Portugal, e qual deva de ser o procedimento do gabinete Britannico a nosso respeito, como alliado, e como interessado na pacificação da Europa.

Neste estado de cousas faz dô, ou excita indignação o que por ahi apparece no lugubre — *Spectro*. — Que bravatas! que falsidades tão indecentes! Diz o desprezivel redactor em o n.º 50 — *a independencia da Nação temol-a sustentado* — e como? reunindo em um só grupo setembristas, miguelistas, assassinos, ladrões, malfeitores, e caloteiros (que nação!); alevantando-se contra uma prerogativa da corôa consignada na CARTA; e roubando dinheiros publicos e particulares para sustentar a sua gente. — *No meio de nossas victorias fomos sempre generosos* — quaes victorias? ainda não contam senão derrotas; e só se contam por victorias os roubos dos gados, as invasões de povos inermes, a quem tiram o proprio alimento para o distribuirem generosamente pelo bando de salteadores. Nunca pensámos, que a tal prostituição fosse levada a imprensa Portugueza!

« Quasi todo o paiz está á obediencia da junta do Porto. A corte não conta senão com *meia duzia* de bayonnetas. As Beiras fervem. Todas as Ilhas são nossas. A marinha é nossa. O nosso exercito bate ás portas da Capital. — *Espectro* de 18 de Maio. »

A corte conta só com seis bayonnetas, e quasi todo o reino está a favor da junta! Isto excede os limites da comprehensão humana. Em os tempos antigos Duarte Pacheco com setenta e tres homens defendia o passo de Cambalão contra a furia impotente do exercito do Çamorim; historiadores estrangeiros, e nacionaes fazem deste feito de armas o mais pomposo elogio: oh! como eram inhabeis apreciadores de façanhas marciaes! que diriam elles se vissem seis soldados da Carta ter a barba teza a quasi toda a nação, e ás *cohortes*

do conde das Povoas, ás legiões do barão de Freiamunde, aos esquadrões terriveis do visconde do Carril, á divisão expedicionaria do manêta, e em fim ao marechal e marquez Xavier, segundo tomo do Ney, e commandante geral e universal do povo portuguez, levantado em massa?!

David com cinco pedras, e a competente funda derribou o gigante Goliath; mas os *unicos* seis soldados da Carta, armados com as bayonnetas fazem maiores prodigios, porque se batem contra todos os Goliath da junta, e contra todos os felisteos carrasco-miguelinos do *Espectro*. Felizes os Cartistas, que tem uma tal meia duzia de soldados, os quaes, pela confissão do vaporoso fantasma, resistem com vantagem aos mui poderosos junteiros!

Mas analysemos circunstanciadamente esta noticia do *Espectro*. Os Cartistas tem, pelo meos, bayonnetas em Valença, em Elvas, em Lamego, em Lisboa, em Coimbra, em Viseu, em Setubal, Oliveira d'Azemeis, Barca d'Alva, Abrantes, Santarém, e Leiria; ora sendo as bayonnetas seis, e doze os pontos occupados, segue-se que em cada um destes pontos está — *meia bayonnetta!* isto é logico, e é admiravel! . . . por quanto era possível ter em cada uma destas terras metade de uma bayonnetta, mas o ter ametade de um homem a manejar-a é maravilha, que os Cartistas até ao presente não sabiam fazer, inda que ella estivesse ao alcance da junta, que nomeou commandante da divisão de Setubal ametade de um homem.

As Beiras fervem, diz o *Espectro*. Com effeito é verdade haver na Beira um padre Antonio da Certã, que largou sobrepeliz e breviario, como S. Pedro largou barcos e rédes; e que como apostolo, anda prégando com o exemplo o evangelho dos salteadores do Limoeiro, inspirado pela junta do Porto: a moral deste varão apostolico é na verdade digna de ser recomendada á posteridade pelos melifluos discursos do *Espectro*. Sabemos, para nossa consolação, que este eminente padre da igreja não aspira á palma do martirio, e que para a evitar foge com a rapidez do raio de alguma *meia bayonnetta*, que de Coimbra o tem hido procurar. Tambem *alguns cavalheiros*, cuja *palavra de honra* vale mais que as barbas do Grande Castro, fizeram o seu pronunciamiento, e com effeito lá vão fugindo para a Serra diante de uma fracção de bayonnetta, que os ia ajudar a entoar os vivas a D. Miguel. É pena que *tão honrados, e briosos cavalheiros* deixem o povoado, e procurem o domicilio das fêras! Custa a crer que estando as Beiras fervendo, e quasi toda a nação pronunciada, estes *cavalheiros* fujam de seus amigos, e vão povoar os matos, como lobos, ou as encrusilhadas das estradas como salteadores! As Beiras fervem! este fervor carece de explicação: nós, como testemunhas oculares dizemos ao *Espectro* que se as Beiras fervem, fervem em pouca agua, e que as Auctoridades sabem muito bem como se lança agua na fervura do *Espectro*.

Quanto ao bater ás portas da capital, algum susto nos causou a noticia, e isto por uma razão obvia, e vem a ser, que estando a divisão *nacional e expedicionaria* entaipada em Setubal, para poder bater ás portas de Lisboa carecia de ter muitos braços, e cada um de mais de cinco legoas de comprimento; e por tanto não sabemos se em Setubal anda alguma coisa semelhante ao gigante Briareo, o que, á vista do que diz o *Espectro* ou fantasma, é mui provavel, e mesmo mui perigoso para os cartistas; porém temos nossa